

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE NOVA FASE DE RELAÇÕES COM A CHINA

Macau

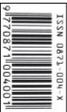
澳門



ZHANG DEJIANG

ELOGIOS E CONSELHOS

O presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional realizou uma visita oficial à RAEM, durante a qual enalteceu o forte desenvolvimento da cidade e deixou conselhos para o futuro sucesso



CANTOPOP
NOVA GERAÇÃO FAZ
RENASCER GÉNERO MUSICAL



CHA CHAAN TENG
COMIDA MEIO CHINESA, MEIO
OCIDENTAL



Coleccione Selos de Macau

澳門郵票收藏

Collect Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amelia Leong

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR

Luis Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
Filipa Queiroz, João Paulo Menezes (Portugal), José Simões Morais,
Luciana Leitão, Marta Curto (Moçambique), Mónica Menezes (Portugal),
Nuno G. Pereira, Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel, Sofia Jesus

TRADUÇÃO

Sin lok I

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Tatiana Lages, Tiago Alcântara

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gabinete de Comunicação Social da RAEM

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar, Sala 62
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Em Maio de 1987 era publicado o primeiro número da revista MACAU, em língua portuguesa, editada pelo Gabinete de Comunicação Social. Trinta anos depois a revista mantém a sua presença, sendo actualmente uma das mais antigas publicações periódicas em língua portuguesa da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). É aliás a única revista em português (de carácter generalista) de Macau.

Após a instituição, em 2003, do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, a MACAU passou a dedicar uma atenção especial às notícias relacionadas com a cooperação sino-lusófona, quer no campo económico quer no cultural e humano, e ao papel da RAEM como uma plataforma ao serviço desse projecto instituído pelo Governo Central. A divulgação em língua portuguesa da cultura chinesa e o desenvolvimento de Macau, nas suas várias vertentes, não esquecendo a sua identidade histórica e cultural, são outras áreas valorizadas.

A componente humana é particularmente privilegiada, visando o entendimento mútuo entre pessoas e povos de universos geográficos e culturais muito diferenciados.

A revista é distribuída por leitores relevantes dos diversos países de língua portuguesa e, além disso, pode ser lida online, através do seu website (www.revistamacau.com), da sua página de Facebook e da aplicação móvel, para telefones inteligentes e tablets.

O aniversário da MACAU coincidiu com dois eventos significativos, do ponto de vista político: a visita à RAEM do presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional, Zhang Dejiang, e a realização do Fórum “Uma Faixa, Uma Rota”, que reuniu em Pequim representantes de dezenas de países, bem como uma comitiva da RAEM, liderada pelo Chefe do Executivo Chui Sai On.

Desses acontecimentos damos conta nesta edição da revista, que também aborda temas diversos da vida cultural e económica local, bem como da cooperação sino-lusófona.

Luis Ortet





14



54

8 ACONTECEU
As notícias que marcam a actualidade da RAEM

14 ZHANG DEJIANG EM MACAU
O balanço da visita do presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional

20 UMA FAIXA, UMA ROTA
Fórum em Pequim marca nova etapa na diplomacia económica a nível global

28 COOPERAÇÃO: SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
Nova fase das relações diplomáticas com a China começa a dar resultados práticos

38 COOPERAÇÃO: MOÇAMBIQUE
Encontro em Maputo ajuda empresários moçambicanos e chineses a trocarem impressões

48 RADAR LUSÓFONO
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

54 CHA CHAAN TENG: MODA SEMPRE ACTUAL
Um dos estilos de refeição chinesa favorito dos residentes locais

66 MÚSICA: OS FILHOS DO POP
Quem são as novas estrelas do *cantopop* e o futuro do género na RAEM



96



104

80 FILIPE DORES: AGUARELAS PREMIADAS
Artista macaense ganha reconhecimento internacional com obras únicas

86 RETRATOS: GAO RONGJI, O PASTELEIRO
Profissões em risco de extinção

88 XIAN XINGHAI: ENTRE O MAR E AS ESTRELAS
Nasceu em Macau, compôs mais de 600 obras, mas ainda é um nome desconhecido de muitos

96 TRADIÇÕES: FESTA A NA TCHA
Na Tcha, que afasta as epidemias, comemora o seu aniversário a 12 de Junho este ano

104 ÁTRIO: ALEXANDRE MARREIROS
A arquitectura e as artes plásticas andam de mãos dadas na vida deste macaense

112 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS
Novidades e sugestões para os próximos meses

90 MEMÓRIAS: IGREJA DE SANTO ANTÓNIO
A destruição deixada pelo tufão de 1874 no início do século XX

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

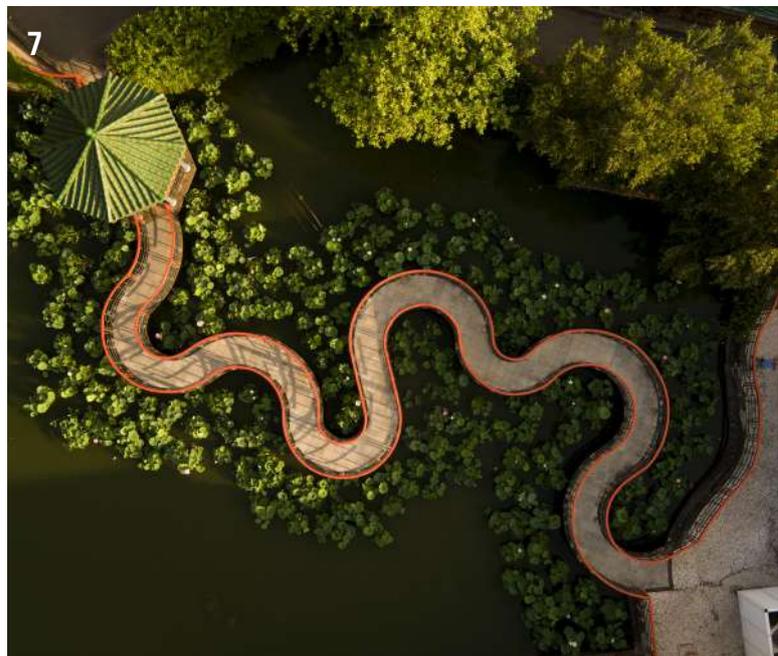
Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



RADIOGRAFIA AÉREA DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Chan Hin lo, fotógrafo local, reúne mais de uma centena de imagens de uma nova perspectiva de Macau: do ar. O resultado é a obra *Paisagem Pitoresca*, que se transformou numa colecção única de fotografias aéreas da cidade, das suas festividades, do seu movimento quotidiano e também do avanço da construção. “Estas fotos panorâmicas apresentam Macau vista de um ângulo pouco habitual, onde os vestígios de uma cidade com mais de 400 anos de história convivem com os elementos urbanos introduzidos pela modernidade. Visto de cima, o entrelaçado destes elementos antigos e recentes produz diversos efeitos e padrões geométricos”, explica o fotógrafo, que também é autor dos livros *Bairros de Macau: Fotografia Documental*, *Memórias dos Ofícios e Negócios Tradicionais de Macau* e *O Lugar onde o Património Mundial Brilha: Fotografias do Centro Histórico de Macau*. À MACAU, Chan Hi lo levanta o véu de algumas das imagens que em breve estarão numa exposição a solo do seu trabalho e que não constam no livro.





1. Rotunda de Carlos da Maia, mais conhecida como Largo dos Três Candeeiros
2. Largo do Senado junto à fonte
3. Praça Flor de Lótus e arredores no ZAPE
4. Panorâmica da zona da Avenida de Horta e Costa
5. Sucata no bairro da Ilha Verde
6. Ponte da Flor de Lótus , que dá acesso à Ilha da Montanha (Hengqin)
7. Jardim de Lou Lim leoc
8. Construção dos novos aterros de Macau, na zona da Areia Preta
9. Ponte de Sai Van com as Portas do Entendimento em destaque
10. Vila de Coloane e aldeia de Lai Chi Vun
11. Parque Central da Taipa



Mais de 100 alunos inscritos em projeto-piloto de turmas bilingues

Mais de uma centena de alunos inscreveu-se nas turmas bilingues que vão funcionar, pela primeira vez, em duas escolas públicas de Macau, no próximo ano lectivo. De acordo com dados da Direção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), 50 alunos inscreveram-se na turma bilingue do 1.º ano do ensino primário da Escola Luso-Chinesa da Flora e 55 na do mesmo ano da Escola Oficial Zheng Guanyin, os dois estabelecimentos onde vai arrancar este projeto-piloto.

Destas 105 crianças, 14 inscreveram-se simultaneamente nas duas. Além dos 91 alunos inscritos para o primeiro ano do ensino primário, juntam-se 15 que se inscreveram na turma bilingue do 1.º ano do ensino secundário geral (7.º ano) da Escola Oficial Zheng Guanying. No próximo ano lectivo, a DSEJ prevê assim organizar uma turma bilingue no 1.º ano do ensino primário da Escola Primária Luso-Chinesa da Flora, “uma a duas” no mesmo ano da Escola Oficial Zheng Guanyin, dependendo dos resultados da seleção, e uma outra no 1.º ano do ensino secundário geral da Escola Oficial Zheng Guanyin. O número máximo de alunos por turma será de 25.



EMPRÉSTIMOS PARA A HABITAÇÃO VOLTAM A SUBIR

Os novos empréstimos para a compra de casa em Macau aumentaram 14,9 por cento em Fevereiro, em termos anuais, e diminuíram 25,8 por cento comparativamente ao mês anterior. De acordo com as estatísticas da Autoridade Monetária de Macau (AMCM), os bancos concederam 2,6 mil milhões de patacas em empréstimos, dos quais 96,3 por cento a residentes de Macau, ou seja, menos 26,1 por cento em relação a Janeiro e mais 20,5 por cento face a igual período do ano passado.

Turismo está “numa fase de desenvolvimento estável”

O secretário para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau acredita que o turismo está “numa fase de desenvolvimento estável”, destacando o aumento dos visitantes e das receitas de jogo nos primeiros meses de 2017. “Em 2016, mesmo havendo factores externos de instabilidade económica, o número de visitantes manteve-se em mais de 30 milhões, registando-se um ligeiro acréscimo em termos anuais”, afirmou Alexis Tam. O secretário falava na abertura da reunião anual da Comissão Conjunta de Trabalhos para Impulsionar a Construção de Macau num Centro Mundial de Turismo e Lazer, durante a qual destacou que, no período de Janeiro e Fevereiro, “o número de visitantes aumentou 5,5 por cento e as receitas do jogo aumentaram 10,6 por cento em comparação com o período homólogo do ano transacto”. Março marcou o oitavo mês consecutivo de subida das receitas da indústria do jogo, depois de uma curva descendente de 26 meses consecutivos de quedas anuais homólogas. A RAEM recebeu 30,95 milhões de visitantes em 2016, ano em que pela primeira vez numa década o universo dos que pernoveram representou mais de metade do total (15,7 milhões de pessoas), continuando o Interior do País a ser o principal mercado emissor de turistas.





NOVA COMISSÃO VAI COORDENAR REFORMA DA ADMINISTRAÇÃO

O Governo criou no início de Abril a Comissão de Coordenação da Reforma da Administração Pública, presidida pela secretária para a Administração e Função Pública, Sónia Chan. Entre as funções da comissão “definir, planear e coordenar o objectivo fundamental da reforma e das políticas de modernização da Administração Pública”, “bem como concretizar as estratégias e métodos destas políticas”, aponta o despacho publicado em Boletim Oficial. Outras competências são a “reforma dos regimes e da gestão dos trabalhadores dos serviços públicos” e o “desenvolvimento do Governo electrónico”. Fazem parte da comissão, a chefe do Gabinete do Chefe do Executivo, o chefe de Gabinete de cada secretário do Governo, o director dos Serviços de Administração e Função Pública e um dos subdirectores dos serviços de Administração e Função Pública.



ASSOCIAÇÃO DOS MACAENSES REABRE SEDE

Depois de dois anos de portas fechadas, a sede da Associação dos Macaenses, na Rua do Campo, reabriu em Abril. Finalizadas as obras de renovação do espaço, o presidente da associação, Miguel de Senna Fernandes, diz que estão criadas todas as condições para um maior dinamismo da colectividade e promete que as novas instalações vão constituir um “motivo de orgulho para os associados”. O número de sócios activos ronda os 400, e a intenção é cativar uma maior adesão da comunidade.



Consumidores mais confiantes com a RAEM

Os índices de confiança dos consumidores de Macau no primeiro trimestre de 2017 aumentaram significativamente, à excepção da procura e compra de casa. A conclusão do Instituto de Estudos de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau mostra que os preços elevados do imobiliário continuam a preocupar os consumidores. Porém, a confiança, no geral, até aumentou. Diz o estudo que os consumidores locais estão cautelosamente optimistas. Em áreas como a economia, o emprego e as condições de vida, os números aumentaram substancialmente. O índice geral fixa-se agora nos 86,35 pontos, um acréscimo de 2,72 pontos, que resulta em mais 3,26 por cento em relação ao último trimestre do ano passado.

MUST espera candidaturas para Faculdade de Medicina em 2018

A Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa) espera receber candidaturas para a futura Faculdade de Medicina a partir de Setembro do próximo ano, segundo manifestou Manson Fok, director da Faculdade de Ciências da Saúde. Fok acrescentou que está completa a preparação do programa do futuro curso e também o recrutamento de professores está adiantado. Durante o Fórum Médico Internacional Sino-Luso, que decorreu em Macau em Abril, a instituição assinou um memorando de entendimento com a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, bem como um protocolo com a Universidade de Notre Dame, uma universidade privada dos Estados Unidos.





Economia volta a crescer este ano, diz FMI

O Fundo Monetário Internacional (FMI) manteve a projecção de que a economia de Macau vai voltar a crescer este ano, mas antecipou uma desaceleração para o próximo, indicou no “World Economic Outlook”. A previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em termos reais de 2,8% por cento em 2017 foi conhecida, em Fevereiro, num relatório da instituição financeira sobre a RAEM. No relatório de Fevereiro, o FMI reviu em alta a projecção de crescimento, avançada em Outubro, que era de 0,2 por cento. Já para o próximo ano, o FMI antecipou um abrandamento, com um aumento do PIB de 1,7 por cento em termos reais. Já para 2022, o “World Economic Outlook” previu uma recuperação, ao calcular um crescimento de 3,8 por cento para esse ano. A economia de Macau contraiu-se em 2016 pelo terceiro ano consecutivo, apesar da recuperação da indústria do jogo.

Eleições para a Assembleia Legislativa com mais mesas de voto

As eleições para a Assembleia Legislativa de Macau, agendadas para 17 de Setembro, vão decorrer em mais assembleias de voto e locais de votação do que as de 2013. O aumento do número de assembleias de votos foi justificado como forma de evitar a concentração de eleitores nos locais de votação, segundo informações da Comissão de Assuntos Eleitorais da Assembleia Legislativa (CAEAL). Dos 33 deputados da Assembleia Legislativa, 14 são eleitos pela população, 12 são eleitos por associações num sufrágio indirecto e sete são nomeados pelo Chefe do Executivo. No total, vão estar dispostos 35

locais de votação para o sufrágio directo, nos quais os eleitores vão poder exercer o direito de voto em 36 mesas. Já a votação por sufrágio indirecto, vai decorrer num local de voto onde vão estar dispostas cinco assembleias de voto, o mesmo número do que nas eleições realizadas há quatro anos. No final de Dezembro, Macau contava com 307.020 eleitores inscritos. O universo global de eleitores resulta da entrada de 25.138 novas inscrições, e da saída de 4117, que viram cancelado o recenseamento eleitoral ao longo do ano passado, por óbito, sentença judicial ou doenças do foro psiquiátrico.



NÚMEROS

2220 PESSOAS

FORAM MULTADAS ENTRE JANEIRO E MARÇO POR FUMAREM EM LOCAIS PÚBLICOS

MOP 786 MILHÕES

É O VALOR TOTAL DAS EXPORTAÇÕES DE MERCADORIAS NO ÂMBITO DO CEPA ENTRE 2004 E MARÇO DESTE ANO



Cada habitante produziu 372 quilos de lixo em 2016

De acordo com a Direção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC), em 2016 foram recolhidas 239.993 toneladas de resíduos domésticos – mais 5 por cento em relação ao ano anterior – e 137.949 toneladas de comerciais e industriais, traduzindo um aumento homólogo de 10,8 por cento. Isso quer dizer que cada habitante de Macau produziu 372 quilogramas de lixo doméstico ao longo do ano. Já no que toca aos materiais recicláveis, o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais e a Direção dos Serviços de Proteção Ambiental recolheram 188,4 toneladas de metal e 660,2 de vidro, respectivamente, mais 23,4 por cento e 16 por cento do que no ano passado. Em contrapartida, foram recolhidas 248,7 toneladas de plástico – menos 15,1 por cento – e 2891 de papel, isto é, menos 0,5 por cento em comparação com 2015. As estatísticas do ambiente mostram ainda que, em 2016, o consumo total de água aumentou 2,1 por cento. A densidade populacional de Macau, uma das mais elevadas do mundo, acompanhou a tendência, aumentando para 21.400 pessoas por quilómetro quadrado, mais 300 do que em 2015. A densidade de veículos motorizados também subiu ligeiramente, de 583 para 586 por quilómetro, numa cidade onde a extensão total das rodovias é de 427,4 quilómetros.

Assinatura da Declaração Conjunta celebra 30 anos

O Presidente da República Portuguesa congratulou-se com a assinatura da Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a Questão De Macau, que completou a 13 de Abril 30 anos, cujo processo negocial projectou Portugal como um país construtor de consensos e pontes entre culturas. “Além de estabelecer os termos da transferência de poderes em Macau, este acordo abriu um novo ciclo nas relações diplomáticas entre os dois Estados, que se empenharam em garantir as melhores condições para a transição em Macau e concretizaram uma parceria estratégica entre Portugal e a China, assente num passado histórico comum, em benefício dos dois povos e das suas relações no século XXI”, destacou. O chefe de Estado recordou que a declaração foi assinada em Pequim, na presença de Deng Xiaoping, “por Aníbal Cavaco Silva, na qualidade de Chefe do Governo da República Portuguesa, e por Zhao Ziyang, na qualidade de Chefe do Governo da República Popular da China, sendo Mário Soares o Chefe de Estado Português”.



PREÇOS DO TURISMO MANTÊM TENDÊNCIA DE QUEDA

Os visitantes que escolheram Macau como destino entre Janeiro e Março viram os produtos e bens adquiridos mais baratos do que no mesmo período do ano passado, indicam dados da Direção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC). O Índice de Preços Turísticos (IPT) diminuiu 5,45 por cento em termos anuais homólogos, ampliando a tendência de queda face à registada no quarto e último trimestre do ano passado (-4,48 por cento). Os decréscimos mais significativos foram registados nas secções de transportes e comunicações (21,16 por cento) e alojamento (14,39 por cento). O IPT, que reflecte a variação de preços dos bens e serviços adquiridos pelos visitantes em Macau, caiu em 2016 pelo segundo ano consecutivo, depois de em 2015 ter registado a primeira diminuição no acumulado de um ano desde que o índice é divulgado.

MOP 91.801

PREÇO MÉDIO DO METRO QUADRADO DAS CASAS EM MACAU EM MARÇO (+ MOP 19.060 PATACAS DO QUE NO ANO PASSADO)

63 TERRENOS

OCUPADOS ILEGALMENTE FORAM RECUPERADOS PELO GOVERNO DESDE 2009

MOP 830

SALÁRIO MÉDIO DIÁRIO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL (+1,8%)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos

CONSELHO DO PATRIMÓNIO APOIA CLASSIFICAÇÃO DE ESTALEIROS NAVAIS

O Conselho do Património Cultural de Macau manifestou publicamente o seu apoio à classificação dos antigos estaleiros navais de Lai Chi Vun, em Coloane, naquele que é o primeiro passo para a preservação da zona. A abertura do procedimento de classificação da zona dos antigos estaleiros navais de Lai Chi Vun – o último reduto da outrora importante indústria naval de Macau – dominou a reunião plenária do Conselho do Património Cultural em Abril, durante a qual houve consenso quanto à classificação do conjunto. O “valor histórico” e “paisagístico” do conjunto, “representativo” e “testemunho” da história de “uma indústria desaparecida” e até do “modo de vida da zona” foram destacados nas intervenções de vários membros do Conselho do Património Cultural. Entre as ideias sugeridas para o local contam-se um museu, uma marina e restaurantes.



Macau reforça estratégia para criar Centro Mundial de Turismo e Lazer

A RAEM vai reforçar a sua estratégia de promoção turística no sentido de a coordenar com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, com mais acções internacionais e com os olhos postos no funcionamento da ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, previsto para o próximo ano. Na reunião da Comissão Conjunta de Trabalhos para Impulsionar a Construção de Macau como Centro Mundial de Turismo e Lazer, realizada em Abril, estiveram presentes responsáveis do turismo do Governo Central, de Macau, das províncias de Guangdong e Fujian, do município de Zhuhai, da zona económica de Hengqin e da ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. Do encontro saiu a decisão de uma visita de representantes de turismo de Guangdong, Guangxi, Fujian e Hong Kong à Indonésia e Malásia para promover o turismo multi-destinos e, posteriormente, uma deslocação à Província de Hainão. Os participantes no encontro decidiram ainda desenvolver o papel de Macau como plataforma, através da organização da “Expo Internacional de Turismo (Indústria) de Macau”, do “Fórum de Economia de Turismo Global” e da “PATA Travel Mart” e convidar as províncias e municípios do Interior do País, em especial, Guangdong e Fujian, a deslocarem-se a Macau para participarem em eventos.

THIS IS VOLLEYBALL



FIVB VOLLEYBALL WORLD GRAND PRIX

FIVB大會供應商
FIVB - Fornecedores Oficiais
FIVB Official Suppliers

Mikasa

Gerflor
the flooring group

中國 CHINA / CHINA 意大利 ITÁLIA / ITALY 土耳其 TURQUIA / TURKEY 美國 EUA / USA

2017澳門銀河娛樂世界女排大獎賽

Grande Prémio Mundial de Voleibol da FIVB, Macau 2017, apresentado pelo Grupo Galaxy Entertainment
FIVB Volleyball World Grand Prix™ Macao 2017 presented by Galaxy Entertainment Group

14-16/07/2017 澳門綜藝館 • Fórum de Macau • Macao Forum

14/07

16:00 美國 VS 土耳其
EUA / USA TURQUIA / TURKEY

19:00 開幕禮 Cerimónia de Abertura
Opening Ceremony

20:00 中國 VS 意大利
CHINA / CHINA ITÁLIA / ITALY

15/07

14:30 美國 VS 意大利
EUA / USA ITÁLIA / ITALY

17:00 中國 VS 土耳其
CHINA / CHINA TURQUIA / TURKEY

16/07

13:00 意大利 VS 土耳其
ITÁLIA / ITALY TURQUIA / TURKEY

15:30 中國 VS 美國
CHINA / CHINA EUA / USA

閉幕禮 Cerimónia de Encerramento
Closing Ceremony

門券發售地點：
Local de venda de bilhetes：
Ticketing outlet：



只限澳門地區
Só em Macau
Only in Macao

網上售票及詳情請登入：
Informações e bilheteira online：
Information and online ticketing：

www.macaowgp.com



+853 2823 6363

主辦單位
Organizadores
Organizers



呈獻贊助商
Patrocinador Principal
Presenting Sponsor



贊助機構
Patrocinador
Sponsor



支持機構
Entidade de apoio
Support Entity





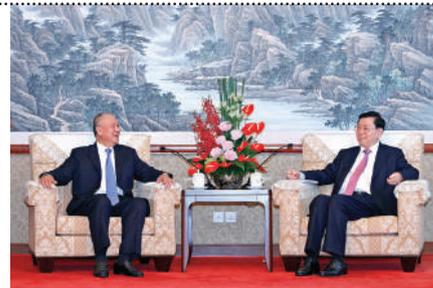
VISITA

Bons resultados com total apoio de Pequim

T VANESSA AMARO

Zhang Dejiang, presidente do Comitê Permanente da Assembleia Popular Nacional (APN), realizou uma viagem de três dias à RAEM, durante a qual constatou que a economia e vida da população “melhoraram substancialmente” desde 1999 e que a região “está a encarar uma viragem no desenvolvimento”





O PRESIDENTE do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional (APN) frisou, durante a sua visita oficial à RAEM em Maio, que a região “está a encarar uma viragem no desenvolvimento” e que a economia e vida da população “melhoraram substancialmente” desde 1999. O presidente do Comité Permanente da APN disse que, enquanto responsável pelos assuntos de Hong Kong e Macau, acompanha diariamente os assuntos da RAEM e o seu desenvolvimento, mas uma visita permite ir mais além. “É necessário ouvir mais, sentir mais, ver mais, para com os compatriotas partilhar os resultados alcançados após o estabelecimento da RAEM.”

O responsável afirmou que o apoio do Governo Central a Macau tem sido reforçado nos últimos anos e esta visita serve também para ver “o andamento de todas as medidas favoráveis”.

Zhang Dejiang afirmou a importância de a sociedade “colaborar com o Governo Central para, em conjunto, aperfeiçoar o desenvolvimento que já existe”. “Como é que vamos intensificar [a colaboração] para que o desenvolvimento de Macau seja ainda melhor? A minha vinda é demonstrativa: o Governo Central quer apoiar o desenvolvimento social e económico de Macau”, acrescentou.

Educação e formação são o caminho

Zhang Dejiang, que é também membro do Comité Permanente do Politburo do Partido Comunista Chinês (PCC), fez um discurso para cerca de uma centena de representantes da área da Educação, no novo campus da

Universidade de Macau, em que sublinhou a importância da formação de quadros para o futuro da região. “O mais importante é formar mais quadros qualificados de Macau para a governação e, por isso, os trabalhos de educação são muito importantes”, disse o responsável pelos assuntos de Macau e Hong Kong.

“Como é que podemos formar quadros qualificados?”, questionou, dirigindo-se a professores e directores de escolas e universidades. Na transmissão de conhecimentos, os professores devem “fazer com que os estudantes tenham uma ética correcta, uma perspectiva correcta, porque só assim é que os estudantes podem contribuir melhor para o desenvol-



OS TRÊS DIAS DE ZHANG DEJIANG EM MACAU

8 DE MAIO

- Chegada a Macau às 11h40 num voo especial, que aterrou no Aeroporto Internacional. Zhang Dejiang foi recebido por cerca de 250 alunos das escolas primárias locais.
- Na parte da tarde, ouviu o balanço dos trabalhos desenvolvidos pelo Governo da RAEM liderado por Chui Sai On, Chefe do Executivo de Macau.
- De seguida, encontrou-se com o vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Edmund Ho.
- Finalizou o dia com um jantar oferecido pelo Chefe do Executivo e a sua esposa, em Santa Sancha.



vimento social”, observou. “E os estudantes também têm de ter valores correctos para termos um ambiente social melhor, de boa fé (...) Por isso temos de ter professores com boa ética, porque também esta ética pode influenciar o raciocínio dos estudantes”, acrescentou.

Macau “tem um passado muito especial” e que é preciso “dar a conhecer aos estudantes a história e cultura chinesa, ou seja, o docente, tem que dar a conhecer o patriotismo aos estudantes”, considerou. “Temos de cultivar o amor à pátria, porque o amor à pátria não é só um ‘slogan’, tem de ser implementado”, disse.

Zhang também recordou as palavras do presidente, Xi Jinping, por ocasião do 15.º aniversário do estabelecimento da RAEM, em 2015, sobre a necessidade de “reforçar a educação patriótica de Macau e fazer com que os estudantes de Macau sintam uma missão na contribuição do princípio ‘um país, dois sistemas’”. “No discurso, Xi Jinping indicou um rumo muito claro para os estudantes de Macau, e acredito que os profissionais da área de educação, se estiverem unidos, podem, de certeza, desenvolver bem o sector da educação”, afirmou.

Desde 1999, Macau obteve “bons resultados no sector”, já que o Executivo local “investiu mais” e implementou a escolaridade gratuita de 15 anos. Para o responsável, “o desenvolvimento do ensino superior também está no bom caminho” e elogiou o campus e as instalações da Universidade de Macau em que “o nível de qualidade tem aumentado muito”.

Depois de recordar “uma situação diferente” quando estava no ensino secundário e era presidente da associação dos

MACAENSES SÃO “MEMBROS INTEGRAIS DE MACAU”

Numa curta visita às Casas-Museu da Taipa, Zhang Dejiang esteve a observar fotografias e objectos relacionados com a cultura e a comunidade macaense e, durante a passagem pelo Museu Vivo Macaense, ouviu uma pequena aula sobre o significado dos macaenses pelo presidente do Instituto Cultural, Leung Hio Ming, e por Leonel Alves, deputado de Macau e representante da comunidade macaense. “Foi um gesto muito simpático do senhor presidente da Assembleia Popular Nacional. Na curta visita a Macau, dedicou alguns momentos à comunidade portuguesa e macaense”, salientou o deputado de Macau à imprensa. “Tivemos oportunidade de mostrar alguma história de Macau neste museu”, acrescentou Leonel Alves. Presentes estavam ainda Carlos Marreiros e António Dias Azedo. O presidente da ANP reconheceu as contribuições dadas à região pelos macaenses, que “são membros integrais de Macau”. Segundo Leonel Alves, Zhang Dejiang manifestou especial interesse por fotografias antigas que mostram a fusão cultural entre o Oriente e o Ocidente.

estudantes, Zhang Dejiang destacou o desenvolvimento económico da China nos últimos 30 anos. “A China andou um caminho difícil, que não é um caminho normal. (...) Crescemos numa época difícil na China e vocês têm de saber valo-

9 DE MAIO

- Encontro com representantes dos diversos sectores da sociedade local na Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental .
- Visita à Assembleia Legislativa.
- Visita ao Tribunal de Última Instância.
- Auscultação sobre a construção da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, na Torre de Controlo do Edifício do Grande Prémio de Macau.
- Visita ao Centro de Apoio à Família “Alegria em Abundância” da Associação Geral das Mulheres de Macau, onde assistiu a uma aula de tai-chi e a uma actuação do coro, durante a qual até cantou a música *Ode to the Motherland* com os alunos
- Visita às Casas-Museu da Taipa.

10 DE MAIO

- Visita às instalações do novo campus da Universidade de Macau, nomeadamente a Galeria, o Laboratório de Referência do Estado para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa e o Laboratório de Referência do Estado em Circuitos Integrados em Muito Larga Escala Analógicos e Mistos.
- Palestra com os representantes do sector de educação e estudantes do ensino superior.
- Partida de Macau na parte da tarde.



rizar o que têm porque estão numa situação que foi obtida pelos antecessores”, disse, ao incentivar os estudantes a terem “um horizonte mais largo”, que inclui Macau, a China e o universo.

Segunda vez

Zhang Dejiang, que sucedeu a Wu Bangguo no cargo de presidente do Comité Permanente da APN em 2013, recordou que visitou a cidade em 2004 para promover o Fórum do Pan Delta, numa altura em que desempenhava funções de secretário do Partido Comunista Chinês na Província de Guangdong. “Na altura, Guangdong e Macau planearam activamente a promoção da diversificação adequada da economia de Macau, incluindo o desenvolvimento da Ilha de Montanha e a transferência [do campus] da Universidade de Macau” para essa localização.

A comitiva que acompanhou o presidente do Comité Permanente da APN era composta pelo director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau junto do Conselho de Estado, Wang Guangya, pelo vice secretário-geral do Comité Permanente da APN, Li Fei, e pelo vice secretário-geral do Conselho de Estado, Jiang Zelin, entre outras personalidades. ■



SEIS VOZES

No seu segundo dia de visita à RAEM, Zhang Dejiang reuniu-se com cerca de 120 representantes dos principais sectores da sociedade, na Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental. Seis dos presentes puderam usar da palavra para fazerem-se ouvir pelo presidente do Comité Permanente da APN.

KOU HOI IN • Deputado e presidente da Associação Comercial de Macau

Abordou a plataforma entre a China e os países de língua portuguesa, a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, a cooperação entre Macau e o resto do país, o sector financeiro com características próprias e ainda a plataforma de cooperação Guangdong-Macau.

LOU I WA • Presidente da Associação de Convenções e Exposições

Falou sobre a cooperação regional e do desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

SI KA LON • Deputado e vice-presidente da Associação dos Jovens Empresários

Chamou a atenção para a governação conforme a lei.

LEI CHENG I • Directora da Federação das Associações dos Operários (FAOM)

Referiu o papel e o futuro desenvolvimento das associações que defendem o “amor à pátria, o amor a Macau”.

LEONG HENG KAO • Presidente da União Geral das Associações dos Moradores

Mencionou o potencial do papel das associações que defendem o “amor à pátria, o amor a Macau” para a governação conforme a lei.

WONG KIT CHENG • Presidente da Associação das Mulheres

Manifestou a sua opinião sobre quadros qualificados para o futuro desenvolvimento de Macau.





MACAU 2016 LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD

Seja bem-vindo à consulta do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos, através da seguinte página electrónica, ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2016 – LIVRO DO ANO** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau.

A partir deste ano, o **LIVRO DO ANO** deixa de ser publicado em suporte papel, mas ganha uma versão digital mais abrangente, com fotografias e vídeos que também podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes.

Uma rota aberta ao mundo

T SANDRA LOBO PIMENTEL

Durante dois dias, 29 chefes de Estado e líderes de governo reuniram-se em Pequim para o Fórum “Uma Faixa, Uma Rota”. Um momento que marca uma nova etapa na diplomacia económica a nível global





CONTRA O proteccionismo e a favor de um modelo inclusivo de cooperação económica, comercial e de investimento a nível global. Foi este o resumo essencial do Fórum “Uma Faixa, Uma Rota”, cimeira que durou dois dias, entre 14 e 15 de Maio, realizada na capital chinesa e que juntou 29 chefes de Estado e líderes de governo numa mesa redonda.

Entre os países cujos presidentes estiveram presentes no Fórum contam-se a Rússia, Turquia, Cazaquistão, Bielorrússia, Filipinas, Argentina ou Chile. Espanha, Itália, Polónia, Malásia ou Mongólia enviaram os respectivos primeiros-ministros.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, a directora-geral do Fundo Monetário Internacional, Christine Lagarde, e o presidente do Banco Mundial, Jim Yong Kim, tam-

bém marcaram presença. A RAEM também participou no Fórum com uma comitiva oficial, liderada pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, convidada para a cerimónia de abertura.

No discurso que marcou o início dos trabalhos, o presidente Xi Jinping, apelou à união de todos os países e regiões envolvidas no projecto “Novas Rotas da Seda”, sublinhando que “a globalização enfrenta ventos adversos”.

Lançada em 2013, a iniciativa engloba um conjunto de projectos para estreitar a cooperação entre a República Popular da China e outros países, com o objectivo de ligar a Ásia à Europa e a África, tal como as caravanas que na antiguidade atravessavam a Ásia central. O desígnio “Uma Faixa, Uma Rota” é a versão simplificada do nome oficial da iniciativa – “Faixa Económica da Rota da Seda e da Rota Marítima da Seda para o Século XXI” – ou seja, uma espécie de versão moderna da rota da seda que pretende globalizar o comércio e o investimento sem fronteiras.

Precisamente com esse objectivo em mente, Xi Jinping anunciou que a República Popular da China vai contribuir com 100 mil milhões de yuans adicionais para o Fundo da Rota da Seda, um pacote de ajuda financeira destinado a projectos de cooperação em infra-estruturas. Xi Jinping revelou que o objectivo passa por aumentar o apoio financeiro à iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, até atingir um valor global de 300 mil milhões de yuans.

No mesmo discurso, explicou que tanto o Banco de Desenvolvimento da China como o Banco de Exportação e Importação terão à disposição soluções para investimento. Especificamente, serão oferecidos empréstimos especiais no valor de 250 mil milhões de yuans e 130 mil milhões de yuans, respectivamente, também para aplicar em projectos de cooperação em infra-estruturas.

O presidente chinês anunciou ainda apoio a vários programas e disse que vai providenciar ajuda, nos próximos três anos, no valor de 60 mil milhões de yuans, a países em desenvolvimento e a organizações internacionais que participem na iniciativa.

Xi Jinping referiu ainda que é necessário “construir uma plataforma aberta de cooperação e manter e desenvolver uma economia mundial aberta”. A paz e a estabilidade mundiais foram igualmente pontos essenciais no discurso. “A antiga Rota da Seda floresceu em tempos de paz, mas perdeu o seu vigor em tempos de guerra. A iniciativa das ‘Novas Rotas da Seda’ requer um ambiente pacífico e estável”, realçou, frisando que, só dessa forma, os benefícios poderão ser partilhados por todos.

Apesar do foco nos países asiáticos, europeus e africanos, Xi Jinping deixou a garantia de que a iniciativa está aberta a todos. O presidente esclareceu que o objectivo é de partilhar a experiência de desenvolvimento do país e não de interferir nos assuntos internos das nações e regiões que se juntem à iniciativa.

Outro dos líderes que discursou na abertura da cimeira foi o presidente russo, Vladimir Putin, que elogiou a iniciativa chinesa e as oportunidades que pode criar na chamada

O QUE É A INICIATIVA “UMA FAIXA, UMA ROTA”?

Refere-se à iniciativa “Faixa Económica da Rota da Seda e da Rota Marítima da Seda para o Século XXI”. Foi proposta pela República Popular da China em 2013, criando rotas de comércio que ligam o país ao resto do mundo.

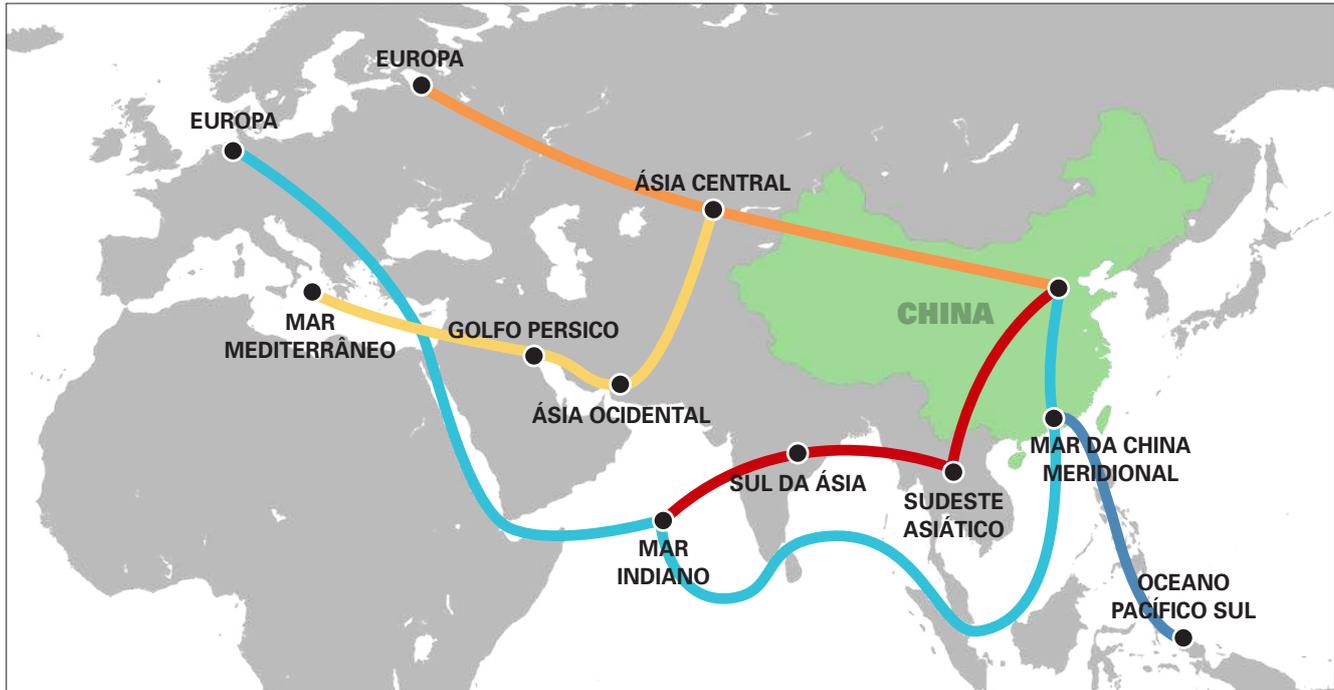
O grande objectivo é reforçar a cooperação económica, comercial e investimento com outros países. Existem duas vertentes dessa nova Rota da Seda: a da via marítima, que vai de Fuzhou a Veneza passando por cidades como Kuala Lumpur, Jakarta, Kolkata, Nairobi e Atenas, e a da via terrestre, que vai de Xian a Roterdão passando por cidades como Teerão, Istanbul e Moscovo.

A conectividade cobre cinco principais áreas de interesse: a coordenação política, a construção de infraestruturas (construção de auto-estradas e de caminhos-de-ferro), o comércio livre e a livre circulação de bens e serviços, a harmonização de normas alfandegárias, a integração financeira e a partilha cultural. Uma das principais metas é a criação de um corredor comercial para fornecimento directo de produtos do Oriente para Ocidente.

“Uma Faixa e Uma Rota” atravessa os continentes da Ásia, da Europa e de África, faz a ligação do círculo mais dinâmico da Ásia Oriental ao círculo mais desenvolvido da Europa e abrange vários países com enorme potencial para o desenvolvimento económico. A população destes espaços totaliza cerca de 4,4 mil milhões e reúne um volume económico de 21 mil milhões de dólares norte-americanos, o que faz representar, respectivamente, 63 por cento e 29 por cento do mundo inteiro.



ROTAS PROPOSTAS PELA INICIATIVA UMA FAIXA, UMA ROTA



Fonte: China Daily

Euro-Ásia. O chefe de Estado russo disse ainda que as propostas podem levar a uma alteração do perfil económico e político da região, nomeadamente, paz e estabilidade, criticando o proteccionismo económico.

António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, frisou a importância da iniciativa e afirmou que a República Popular da China tornou-se, no panorama mundial actual, um pilar do multilateralismo, reconhecendo o potencial da iniciativa e a abrangência que tem em termos geográficos, mas também, em ambição.

No final da cimeira, foi emitido um comunicado assinado pelos participantes afirmando uma posição contra “todas

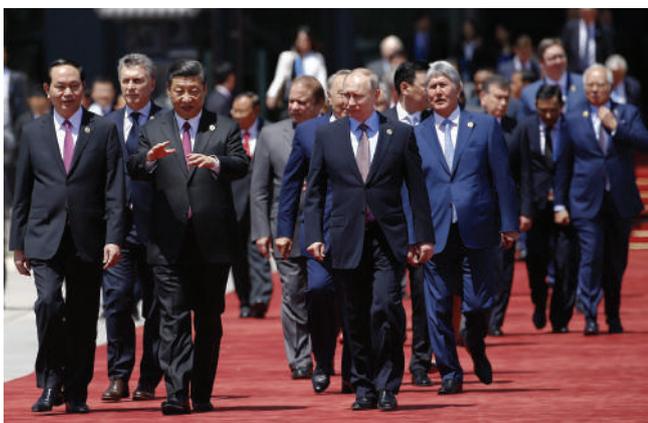
as formas de protecção”. No âmbito do evento, foram ainda assinados dezenas de acordos entre a República Popular da China e mais de 40 países e organizações internacionais. Entre os compromissos firmados estão não só acordos de cooperação, mas também políticas de conectividade e planos de acção, explicou Xi Jinping.

Foram ainda anunciadas centenas de projectos no âmbito da família, alívio da pobreza e apoio aos cuidados de saúde e reabilitação nos países que participam no Fórum, para além de 50 laboratórios científicos de apoio à inovação. O Governo Central vai disponibilizar ainda mil milhões de dólares norte-americanos em apoio às organizações internacionais.

Um novo centro de gravidade

Francisco Leandro, professor da Universidade de São José (USJ), faz o paralelo desta iniciativa com as políticas que foram implementadas no final dos anos 80 do século passado. “É a continuidade de uma série de políticas de Deng Xiaoping, quando começaram as zonas económicas exclusivas, em 1987. É a continuação dessas medidas económicas que agora foram designadas de outra forma, em 2013.”

O docente sublinha, no entanto, que “este fórum vem marcar um momento de diplomacia económica muito importante” e realça alguns aspectos do discurso do presidente Xi Jinping. “Deu ênfase à cooperação com a ASEAN [Associação de Nações do Sudeste Asiático], com a comunidade económica euro-asiática, que incluiu a Rússia, e in-





centivou países como o Cazaquistão e a Turquia, actores importantes nesta iniciativa.”

Para Francisco Leandro, a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” consubstancia “uma nova lógica, um novo modelo de cooperação”, que a República Popular da China oferece aos parceiros mundiais.

Uma oportunidade para a RAEM

O Chefe do Executivo da RAEM liderou uma delegação oficial para participar no Fórum de Cooperação Internacional “Uma Faixa, Uma Rota”. Na comitiva seguiram o secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, e o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam, bem como outros elementos do elenco governativo e ainda deputados da Assembleia Legislativa.

O projeto de investimento impulsionado por Pequim para reforçar a posição do país como centro comercial e financeiro da Ásia é uma oportunidade para Macau, frisou Chui Sai On, tanto que foi criada, em Março, uma comissão para coordenar a participação da região na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Antes da partida para Pequim, Chui Sai On afirmou que a participação no Fórum permite a Macau conhecer melhor as medidas que o Governo Central pretende implementar e, desse modo, conhecer os benefícios que a RAEM pode retirar, deixando clara a importância de que a participação seja alargada a todos os sectores da sociedade.

Chui Sai On referiu ainda que o convite reflecte a atenção e o apoio prestado pelo Governo Central a Macau. O Chefe do Executivo sublinhou que o Fórum representa o evento internacional mais importante organizado pela República Popular da China no quadro da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, desde que foi criada, em 2013.

As visitas a Macau do presidente Xi Jinping, do primeiro-ministro Li Keqiang e, mais recentemente, do presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional, Zhang Dejiang, foram no sentido de incentivar a região a participar no desenvolvimento económico e a aproveitar as oportunidades oferecidas pelo Governo Central, e a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” deve ser vista como uma oportunidade estratégica importante.



Neste particular, frisou a cooperação da Grande Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau. A iniciativa pode criar um efeito positivo adicional, seja a impulsionar o desenvolvimento de Macau perante o mundo, como também a integrar a cidade no desenvolvimento nacional e crescimento local, segundo apontou o dirigente de Macau.

O Chefe do Executivo reiterou ainda que irá focar a cooperação no âmbito do fluxo nas transacções comerciais, acesso ao financiamento e assegurar a ligação entre os povos. Destacou ainda a importância das Províncias de Guangdong, Fujian e outras, na qualidade de parceiros de cooperação de Macau, enquanto que no exterior, irá aproveitar a plataforma entre a China e os países de língua portuguesa e as relações da diáspora, considerando os países de língua portuguesa e os países do sudeste asiático como mercados prioritários.

Relativamente ao papel de Macau nesta iniciativa do Governo Central, o académico Francisco Leandro centra a questão na regionalização do Delta do Rio das Pérolas, que conta com diversas zonas económicas, mas que Pequim pretende reorganizar. “Neste contexto regional, Macau faz algo de modo diferente, até pela relação que tem com os países de língua portuguesa. Se olharmos para a lógica, até das infra-estruturas, é como se tivéssemos “Uma Faixa, Uma Rota” em miniatura.” O docente acredita que a iniciativa “é um assunto muito importante para Macau e carece de um acompanhamento permanente”.

Cooperação Macau-Pequim

Durante a participação na cimeira, realizaram-se seis reuniões paralelas ao Fórum. O Chefe do Executivo da RAEM participou na reunião subordinada ao tema “Impulsionar o fluxo nas transacções comerciais”, e os restantes elementos da delegação oficial assistiram a outras reuniões, com os temas “Promover o acesso ao financiamento”, “Assegurar a relação entre os povos”, “Reforçar a comunicação sobre políticas e ligação das estratégias”, e “Acelerar a interoperabilidade das infra-estruturas”.

Em jeito de balanço, já no final da visita, o governo da RAEM sublinhou, como objectivo final e linha condutora do projecto “Uma Faixa, Uma Rota”, a criação de um caminho pacífico, próspero, aberto, inovador e de interligação de diferentes civilizações.

A RAEM encetou o compromisso de seguir as políticas, medidas e propostas de apoio anunciadas por Pequim ao mundo durante este Fórum de alto nível, articulando-as com as potencialidades próprias de Macau, por forma a planear e a promover a participação e apoio da região na implementação da iniciativa nacional.

O Chefe do Executivo aproveitou ainda a visita à capital do país para um encontro com o governador de Pequim, realizado na véspera do fórum “Uma Faixa, Uma Rota”. Chui Sai On e Cai Qi reuniram-se para debater o “desenvolvimento da cooperação entre as duas cidades”, que têm uma parceria desde 2016 nas áreas da economia, comércio, juventu-

DESTAQUES DO DISCURSO DE XI JINPING

ESPÍRITO DA ROTA DA SEDA

“Abrangendo milhares de quilómetros e de anos, as antigas rotas incorporam o espírito de paz e cooperação, abertura e inclusividade, aprendizagem mútua e benefício mútuo. O espírito da Rota da Seda tornou-se uma grande herança da civilização”



NÃO ESTAMOS A INVENTAR A RODA

“Eu já referi em muitas ocasiões que a busca pela iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ não pretende reinventar a roda. Pelo contrário, pretende complementar o desenvolvimento de estratégias dos países envolvidos dando maior margem ao potencial comparativo”

PAZ E ESTABILIDADE

“Os caminhos da antiga Rota da Seda prosperaram em tempos de paz, mas perderam vigor em tempo de guerra. A concretização da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ requer um ambiente pacífico e estável.”



PLATAFORMA ABERTA

“‘Uma Faixa, Uma Rota’ é um caminho de abertura. A abertura de um país é como o esforço de uma crisálida que se liberta do seu casulo, que passa por dores de curta duração, mas cria uma nova vida. Devemos construir uma plataforma aberta de cooperação e manter e crescer uma economia mundial aberta”

DESENVOLVIMENTO

“Na busca da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’, devemos focar-nos na questão fundamental do desenvolvimento, libertando o potencial de crescimento de vários países e almejar a integração económica e a interconexão do desenvolvimento distribuindo benefícios a todos”



CO-EXISTÊNCIA HARMONIOSA

“Estamos preparados para partilhar a experiência do desenvolvimento com outros países, mas não temos qualquer intenção de interferir nos assuntos internos dos outros, exportações ou no próprio sistema social e modelo de desenvolvimento, ou mesmo impor a nossa vontade aos outros”

O PESO DA EDUCAÇÃO

Além da vertente económica, os projectos educativos têm merecido bastante atenção na cooperação. Desde 2016, Pequim tem vindo a assinar acordos para reconhecimento de currículos académicos com 24 países participantes na nova Rota da Seda, dando ênfase ao incentivo mútuo de conhecimento.

46

CURRÍCULOS

24

países assinaram acordos com a República Popular da China desde 2016, reconhecendo mutuamente os currículos académicos



desses países fazem parte da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”

226

ESTUDOS ESTRANGEIROS

908

bolsistas chineses foram enviados para 34 países em 2016



peças foram para o exterior estudar 37 idiomas

Uma bolsa designada “Rota da Seda” foi criada para financiar pelos menos 3 mil estudantes de países envolvidos na iniciativa.

94

CURRÍCULOS

70

idiomas estrangeiros serão ensinados na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim até 2018



programas de investigação foram lançados para conhecer melhor os 46 países que compõem a Rota da Seda

66

relatórios de países envolvidos na iniciativa estão a ser desenvolvidos, sobre cada um desses países

1248

COOPERAÇÃO ACADÉMICA

928

programas de licenciatura ou grau inferior



programas de educação vocacional

2539

programas educativos conjuntos entre a República Popular da China e outros países



CHINA-ÁFRICA

20

+

20



Foi iniciado um programa que emparelhou 20 escolas da República Popular da China e 20 em África para cooperação educativa

Fonte: Ministério da Educação da República Popular da China/ China Daily

de, cultura, educação e formação de funcionários públicos, e o líder do governo da RAEM afirmou que espera “resultados mais frutíferos” da relação entre Macau e Pequim.

No futuro, as duas cidades desejam cooperar mais na área económica, comercial, de convenções e exposições, além de “fortalecer o intercâmbio e cooperação juvenil”, o intercâmbio de funcionários públicos e a cooperação em investigação tecnológica e ensino superior.

No encontro, Chui Sai On destacou a longa ligação e história entre Macau e Pequim assim como a contínua expansão

são das áreas de cooperação. Em 2016 foi definida a “Parceria de Cooperação Macau-Pequim”, com directrizes que se focam no reforço do intercâmbio e cooperação nas áreas de economia e comércio, da juventude, da cultura e educação. Para além disso, foram assinados acordos de cooperação no âmbito dos negócios, educação e formação destinados aos funcionários públicos. A nível de cooperação entre as cidades, Chui Sai On considerou que a mesma se encontra constantemente a aperfeiçoar as suas actividades para um conteúdo cada vez mais aprofundado. ■



MGM 美高梅

**FELICITAMOS A REVISTA MACAU PELO
SERVIÇO PRESTADO À RAEM**

mgm.mo

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O (re)início de uma grande amizade

T JUVENAL RODRIGUES
Em São Tomé e Príncipe

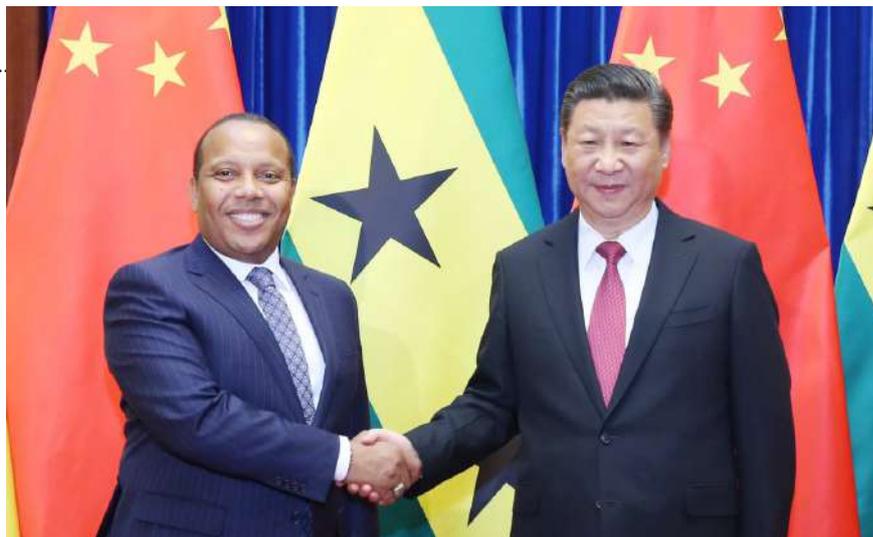
A China é neste momento o principal parceiro comercial de São Tomé e Príncipe, depois de os dois países terem retomado as suas relações diplomáticas. Na primeira visita oficial a Pequim por parte de um alto dirigente do país africano nas últimas três décadas, foi assinado um acordo de ajuda financeira que permitirá a São Tomé investir no seu desenvolvimento sem ter de recorrer a fontes externas de financiamento





A REPÚBLICA POPULAR da China tornou-se o maior parceiro internacional de São Tomé e Príncipe, ao assinar com o país africano um acordo de cooperação financeira inédito que marca o reatamento recente das relações diplomáticas entre as duas repúblicas. Patrice Trovoada, primeiro-ministro são-tomense, realizou em Abril uma visita oficial a Pequim e regressou a casa satisfeito com os resultados das reuniões que manteve com altos cargos chineses. A China anunciou que irá conceder um donativo de 146 milhões de dólares norte-americanos para financiar a construção de projectos de infraestruturas essenciais para o desenvolvimento do país africano num período de cinco anos. Além disso, Pequim também perdoou uma dívida antiga do arquipélago, no valor de 28 milhões de dólares.

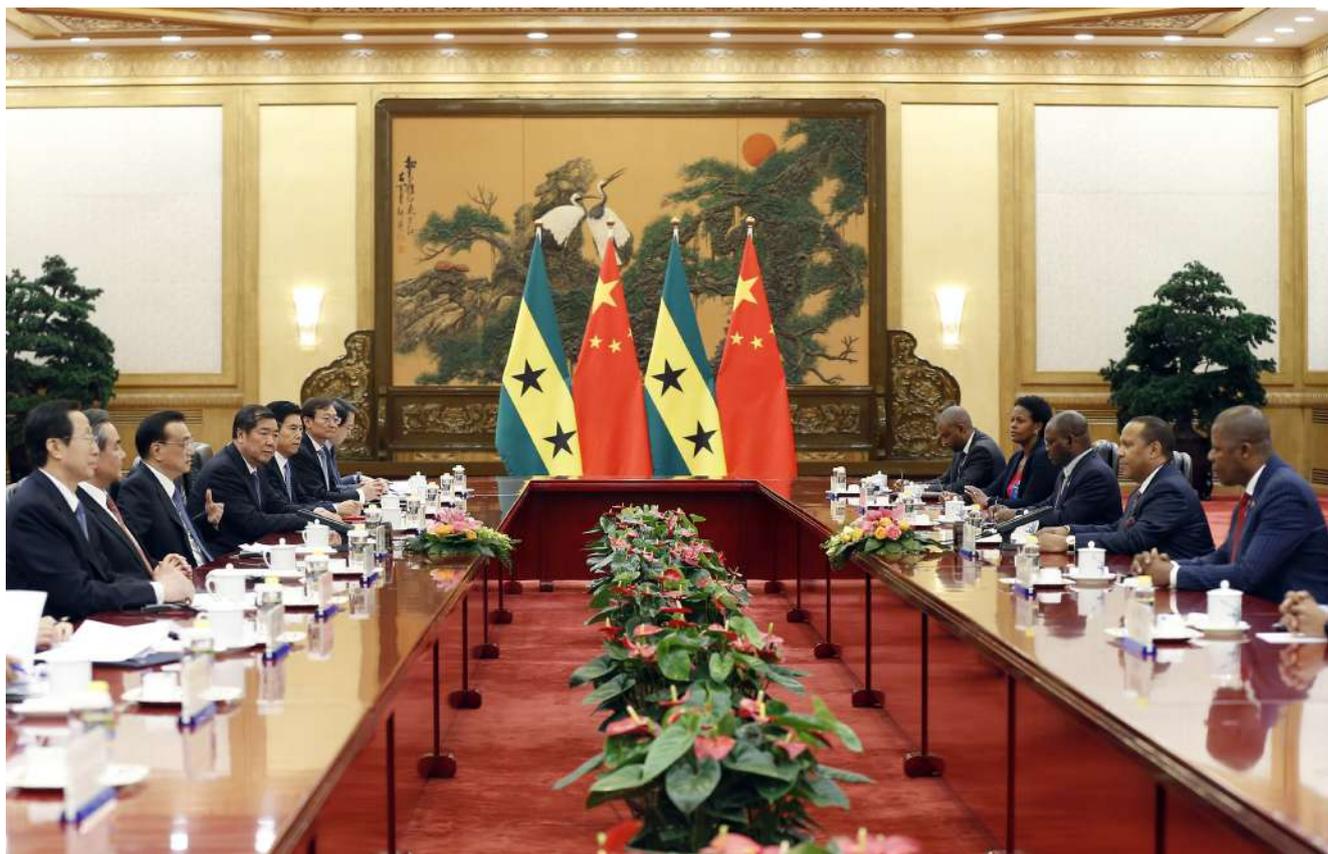
“A China vai disponibilizar verbas importantes nesses [próximos] cin-



co anos em termos de donativos e eu, do meu lado, frisei o engajamento pessoal e do meu governo para que essas verbas sejam utilizadas da melhor maneira e que sirvam, de facto, para alavancar a economia são-tomense”, apontou Patrice Trovoada de regresso à capital do seu país.

O acordo de cooperação prevê tam-

bém que tanto o governo são-tomense como o sector privado possam contrair empréstimos em instituições financeiras chinesas com juros favoráveis. Patrice Trovoada espera “capacidade, seriedade, trabalho e bastante realismo” das autoridades governamentais e privadas do seu país em fazer “uma utilização criteriosa e bem pensada desses



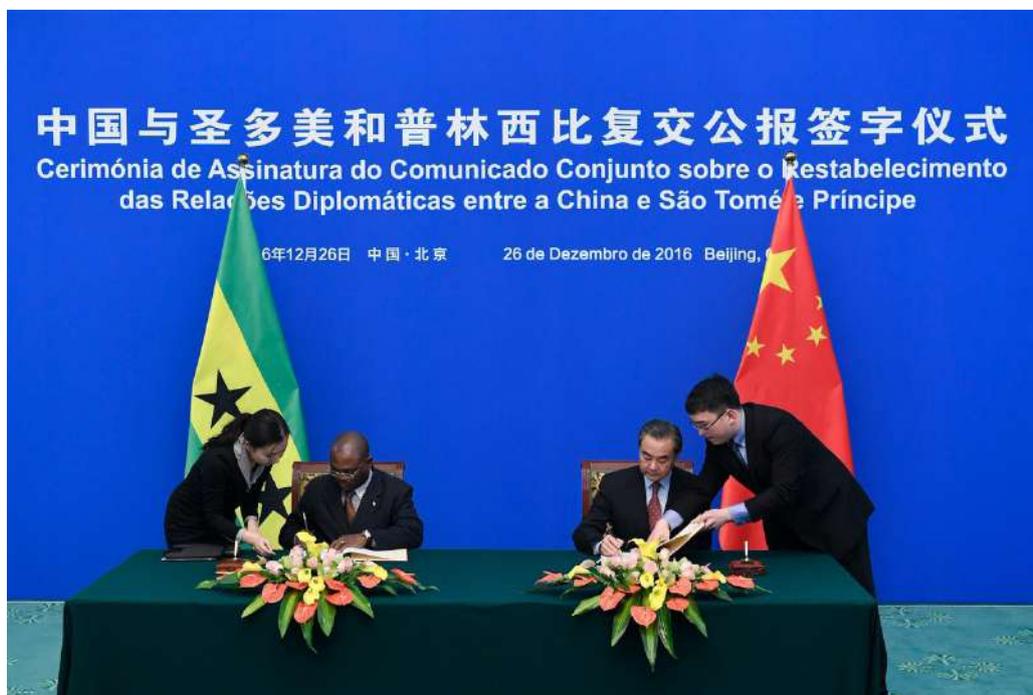
donativos”: “Essa nova era de cooperação com a China é fundamentalmente para transformar São Tomé e Príncipe e o compromisso entre as duas partes é que pelo menos um grande projecto possa arrancar ainda este ano.”

Depois dos dois países terem assinado um acordo para o restabelecimento das relações diplomáticas em Dezembro do ano passado, São Tomé e Príncipe foi admitido no Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau) em finais de Março deste ano, naquele que foi o primeiro passo rumo ao fortalecimento das relações entre Pequim e São Tomé. “São relações que começam agora, criámos uma boa base de confiança”, explicou Trovoada, que disse ter prometido ao presidente chinês, Xi Jinping, que essa confiança criada entre os dois países será “baseada na amizade, na sinceridade, na confiança, na verdade e na boa-fé” e que “terá a cada passo que dar provas”.

Além do Acordo Geral de Cooperação, foram ainda assinados protocolos nos sectores de energia, comércio, turismo, agricultura, educação e saúde. Uma das novas medidas prevê que todos os produtos provenientes de São Tomé estejam isentos de taxas de importação para entrarem no mercado chinês. Ficou também estabelecida a intenção de que São Tomé e Príncipe passe a ser um dos destinos turísticos dos chineses e está aberta a via para que empresários do país do Extremo Oriente construam unidades hoteleiras no arquipélago.

Apoio técnico

O governo são-tomense receberá assessoria técnica no domínio do ordenamento do território e será concretizado o projeto do alargamento da capital do país, que já estava acertado com o anterior executivo de Gabriel Costa, mediante a intervenção do ex-presidente da República, Manuel Pinto da Costa. Pequim disponibiliza ainda 200 estágios de capacitação anuais para os profissionais são-tomenses, assim como 60 bolsas para os estudan-





tes das ilhas prosseguirem a sua formação académica nas universidades chinesas.

No domínio da saúde, além do envolvimento no combate à malária, médicos chineses ajudarão a colmatar as lacunas existentes em certas especialidades, com o reforço em equipamentos para diagnóstico e tratamento. No que respeita à malária, São Tomé e Príncipe pretende eliminar a doença até 2025. Os técnicos chineses vão participar em ateliês destinados a preparar a estratégia sobre o novo paradigma.

O apoio técnico chinês já se faz sentir na agricultura, com um projecto de cultivar milho híbrido para o fabrico de ração animal – questão que tem, porém, dividido opiniões na sociedade civil devido a princípios de sustentabilidade ambiental.

Um dos projectos que beneficiará do acordo agora assinado tem a ver com as obras de reabilitação do aeroporto de São Tomé, que deverão arrancar ainda este ano, e que abrangem o alargamento da pista, melhorias do acondicionamento da aerogare assim como dos equipamentos de navegação e de segurança.

Com tais investimentos em infra-estruturas básicas, as autoridades são-tomenses esperam também atrair empresas chinesas para uma plataforma logística, capaz de distribuir produtos para toda a região do Golfo da Guiné, que abrange uma população de cerca de 350 milhões de pessoas.

Embaixada reinaugurada e vistos facilitados

A embaixada da República Popular da China em São Tomé foi reaberta no início de Abril, depois de ter estado encerrada durante quase 19 anos. A reabertura deu-se cerca de três meses após o arquipélago ter restabelecido relações diplomáticas com Pequim. “O governo chinês atribui grande importância ao desenvolvimento das relações com São Tomé e Príncipe e gostaria de aprofundar a colaboração pragmática em todos os domínios, na base do princípio de uma só Chi-



ESPÍRITO DE AMIZADE

Quando a representação diplomática em São Tomé e Príncipe foi reaberta, em Abril deste ano, Wang Wei, encarregado de negócios da nova Embaixada da China, recordou que as relações entre os dois países são antigas. No mesmo dia em que São Tomé e Príncipe tornou-se independente os dois países estabeleceram relações diplomáticas. Nesta altura apesar das dificuldades económicas que a China enfrentava, enviou várias equipas de médicos especialistas e demais quadros, para ajudar o povo são-tomense a desenvolver a sua economia”, lembrou.

Muitos chineses participaram na construção do novo país, que nasceu em 1975. Wang Wei apontou o espírito de amizade entre os dois Estados é tão profundo, e a determinação dos chineses em apoiar São Tomé e Príncipe é tão forte, que na década de 1990 um quadro expatriado chinês perdeu a vida em São Tomé, vítima de malária. “Era um médico de apenas 36 anos. Deu a sua vida ao contributo pela causa são-tomense. Estamos convictos que somos povos irmãos e amigos”, acrescentou o encarregado de negócios.

na e respeito mútuo”, referiu na ocasião o encarregado de negócios chinês, Wang Wei.

Por outro lado, o governo são-tomense decidiu, em Maio, atribuir visto de entrada a todos os cidadãos da China que pretendam visitar o arquipélago e isentar de visto de entrada e de permanência todos os chineses

portadores de passaportes diplomáticos e de serviço. Segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros do país africano, “é garantida aos cidadãos da República Popular da China, titulares de passaportes ordinários ou comuns, a atribuição de visto de entrada à chegada ao território nacional”, bem como “são isentos de vistos de entrada



ECONOMIA ACELERA

O mais recente relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre São Tomé e Príncipe faz uma previsão positiva sobre o futuro do país, com a aceleração do crescimento económico na ordem dos cinco por cento, apesar de frisar alguma preocupação o quanto à pressão a que as finanças públicas estão sujeitas.

“O crescimento mais acelerado ficou, em parte, limitado por atrasos nos desembolsos externos, que tiveram um impacto negativo na execução de projectos de investimentos financiados externamente (...) As perspectivas económicas são favoráveis, estimando-se que o crescimento atinja os cinco por cento em 2017, impulsionado pela actividade no sector da construção civil e na indústria do turismo, que se prevê mais robusta e apoiadas por uma maior entrada de investimento directo estrangeiro”, afirma o FMI no seu relatório. Entre as preocupações expressas pelo FMI está o aumento do défice orçamental e a pressão das contas públicas expressa no aumento dos pagamentos em atraso e no crédito interno ao governo central. Os acordos agora assinados com Pequim acautelam preocupações com a sustentabilidade financeira dos investimentos em infra-estruturas, sobretudo o porto e o aeroporto, além do impacto em indicadores como a inflação.

e permanência no território nacional, por um período de 15 dias, os cidadãos chineses portadores de passaportes diplomáticos e especiais de serviço”.

O governo de São Tomé e Príncipe tem defendido a promoção do turis-

mo como forma de aprofundar a cooperação com a China, nomeadamente através da concessão de facilidades aos chineses que demandem o arquipélago, bem como pela via do investimento nas infra-estruturas turísticas,

caso da expansão do aeroporto internacional de São Tomé.

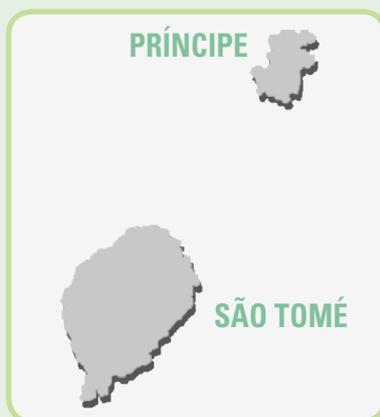
Aumento exponencial

Em 2016, as exportações da China para São Tomé e Príncipe atingiram 7,6 milhões de dólares norte-americanos, o que se traduz num aumento de 76,7 por cento relativamente aos 4,3 milhões de dólares contabilizados em 2015. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística do arquipélago, a China vendeu a São Tomé e Príncipe cerca de 3350 toneladas de produtos diversos e que o valor pago pelas importações representou cerca de 5,6 por cento das compras ao exterior em 2016, que se cifraram em 134,6 milhões de dólares norte-americanos. Chá, café, plásticos, tecidos, vestuário, calçado, vidros e chapas de zinco são os principais produtos chineses importados pelos são-tomenses.

Operadores económicos em São Tomé e Príncipe admitem que as exportações da China para o mercado são-tomense venham a aumentar de forma significativa ainda este ano. ■



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



RAIO-X

| | |
|--|---|
| DESIGNAÇÃO OFICIAL | República Democrática de São Tomé e Príncipe |
| CAPITAL E SEDE DO GOVERNO | São Tomé |
| PRESIDENTE DA REPÚBLICA | Manuel Pinto da Costa (desde 2011) |
| PRIMEIRO-MINISTRO | Patrice Trovoada (desde 2014) |
| ÁREA | 1001 km ² |
| POPULAÇÃO | 193.000 habitantes (2013; Banco Mundial) |
| DENSIDADE DEMOGRÁFICA | 157 hab./km ² |
| RELIGIÃO PREDOMINANTE | Católica |
| LÍNGUA OFICIAL | Português |
| MOEDA | Dobra (STD) |
| PIB A PREÇOS DE MERCADO | US\$ 310,7 milhões (2013; Banco Mundial) |
| PIB PER CAPITA | US\$ 1609,8 (2013; Banco Mundial) |
| PRINCIPAIS ACTIVIDADES ECONÓMICAS | Agricultura, pesca e turismo. A descoberta de jazidas de petróleo podem mudar o rumo económico do país |
| PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES | Cacau, frutas, cascas de citrinos e de melões e têxteis |
| PRINCIPAIS IMPORTAÇÕES | Combustíveis, bebidas, máquinas e equipamentos eléctricos, veículos e máquinas e equipamentos mecânicos |
| PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS | Holanda, Bélgica, França, Espanha, Portugal, Angola, EUA e China |

BREVE HISTÓRIA

As ilhas de São Tomé e Príncipe estiveram desabitadas até 1470, quando os navegadores portugueses João de Santarém e Pedro Escobar as descobriram. Com condições climáticas favoráveis, a ilha tornou-se o principal produtor africano de cana-de-açúcar, intensificando-se, paralelamente, o tráfico de escravos. A produção de açúcar acaba por ser afetada pela concorrência da produção brasileira. Mas a economia acaba por recuperar com as grandes plantações (roças) de cacau e de café. No final da década de 1870 assinalou-se a abolição da escravatura, transformada então em trabalho contratual, embora ainda significativamente opressivo.

Os movimentos de liberdade nacional emergem na sociedade são-tomense na década de 1960, com a do Comité de Libertação de São Tomé (CLSTP), que, mais tarde, em 1974, dá origem ao Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP). A 12 de Julho de 1975, São Tomé e Príncipe conquistou a sua independência de Portugal. O MLSTP assumiu o poder e designou Manuel Pinto da Costa como primeiro presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe, ao qual sucede, em 1991, Miguel Trovoada, reeleito em 1996, após a instauração do multipartidarismo. Em 2001 Fradique de Menezes assumiu a presidência do país até Setembro de 2011, altura em que Manuel Pinto da Costa voltou ao poder. Em Setembro do ano passado, Evaristo Carvalho tomou posse como presidente eleito do país africano.

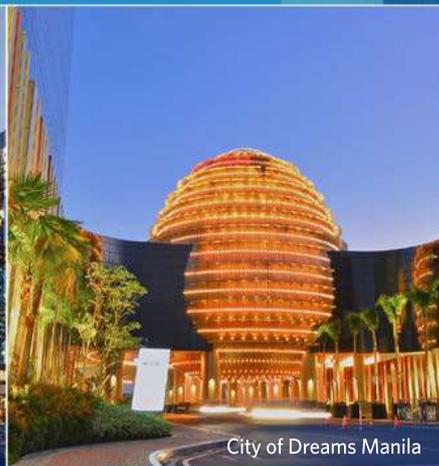


MELCO RESORTS
& ENTERTAINMENT

FELICITAMOS A
REVISTA MACAU
PELO SERVIÇO PRESTADO
À RAEM



City of Dreams



City of Dreams Manila



Altira Macau



Studio City



Altira Macau
Forbes Travel Guide Five-Star Hotel and Spa 8 Years in a Row
Five-Star Restaurants Aurora and Tenmasa
Crown Towers at City of Dreams
The First Hotel in Macau to Receive Forbes Travel Guide
Five-Star Awards for Hotel, Spa, and Every Restaurant

**CITY OF 新濠
DREAMS 天地**
MACAU · MANILA

**STUDIO
CITY** MACAU
新濠影滙

ALTIRA
新濠鋒 MACAU


Mocha

www.melco-resorts.com



Moçambique e China: Parceiros inquestionáveis

T MARTA CURTO **F** PAULO ALEXANDRE
Em Moçambique

A sala estava cheia e o burburinho que se ouvia antes do início da Conferência Parceiros Económicos de Moçambique, em finais de Abril, mais parecia a torre de babel. Organizado por uma instituição bancária e uma revista local, o evento dedicou-se à cooperação com a China, pelo que o mandarim, o português e o inglês confundiam-se em várias filas

PARCEIROS ECONÓMICOS DE MOÇAMBIQUE

INSTITUCIONAL



CE CPLP
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL DE CPLP

PARCEIROS



TELEVISÃO DE MOÇAMBIQUE, E.P.



SKY NET
The Partnership that drives



Plot.
CONTENT AGENCY



COM A presença do embaixador em Moçambique da República Popular da China, Su Jian, a Conferência Parceiros Económicos de Moçambique, realizada em Maputo em finais de Abril pela revista *Exame Moçambique* e o banco Barclays, tornou-se muito mais do que um simples encontro de empresários. Pelo contrário, propunha-se ser um aperto de mãos inequívoco entre os dois Estados, cada vez mais cooperantes e ligados por relações de amizade.

Na verdade, a relação da China com Moçambique é excepcional. Esta frase parece uma utopia, mas não é. Em Maio de 2016, a visita de cinco dias do Chefe do Estado moçambicano, Filipe Nyusi, à China foi decisiva para as relações de amizade, cooperação e solidariedade entre os dois países. Nessa ocasião, Maputo e Pequim assinaram três acordos de cooperação, nomeadamente respeitantes à capacidade produtiva, à criação de zonas e parques industriais e a acordos entre empresas públicas ligadas ao petróleo. Mas o momento alto da visita foi a assinatura do Acordo de Parceria e Cooperação Estratégica Global, onde foram fixados 14 princípios de cooperação. O acordo baseia-se sobretudo no

FOI NO SÉCULO XIX QUE OS PRIMEIROS IMIGRANTES CHINESES DESEMBARCARAM EM MOÇAMBIQUE. ERAM APENAS 30 TÉCNICOS, VINHAM DA PROVÍNCIA DE GUANGDONG E TIVERAM UM PAPEL PREDOMINANTE NA CONSTRUÇÃO DAS LINHAS DE CAMINHO-DE-FERRO QUE LIGARAM MOÇAMBIQUE AO ZIMBABUÉ E À ÁFRICA DO SUL



reforço da capacidade de defesa, salvaguarda da estabilidade do país e formação militar.

Este entendimento tornou Moçambique num caso excepcional da diplomacia chinesa fora da Ásia, já que, até ao momento, só fora assinado com o Congo em África, sendo que os restantes acordos do género foram tidos apenas na Ásia, nomeadamente com Cambodja, Laos, Vietname, Birmânia e Tailândia.

Por isso, não foi de estranhar a presença na conferência de várias empresas chinesas de renome, nomeadamente o Sogeco, a China Road and Bridge Corporation (CRBC), e a terceira maior companhia de exploração de petróleo do mundo, a CNPC. Esse foi, aliás, o elemento catalisador e diferenciador do evento: havia empresários chineses e eles queriam comunicar com os moçambicanos.

Logo no início do seu discurso, o embaixador Su Jian afirmou que vários deputados moçambicanos já que lhe haviam dito que realmente a China contribuía muitíssimo para o desenvolvimento do país, mas logo lhe perguntavam “porque falam tão pouco?”. No seu discurso, Su Jian respondeu. “Acho que a conferência de hoje é uma oportunidade para a sociedade conhecer ainda mais do que a China fez em Moçambique, o que está a fazer, o que vai fazer e o como fazer.”

Não havia assim equívocos. Era uma oportunidade de comunicação, de fazer perguntas e sobretudo de ter acesso a uma comunidade que, embora fortemente presente em Moçambique, se mantém fechada sobre ela própria.

Uma história longa

Foi no século XIX que os primeiros imigrantes chineses desembarcaram em Moçambique. Eram apenas 30 técnicos, vinham da Província de Guangdong e tiveram um papel predominante na construção das linhas de caminho-de-ferro que ligaram Moçambique ao Zimbabué e à África do Sul.

Com comunidades cada vez mais enraizadas, a China começou a penetrar progressivamente no tecido social moçambicano. Diversos restaurantes, templos, clubes e escolas apareceram no início do século XX, destacando-se, na Beira, em 1922, o Clube Chinês – também conhecido por Grémio – e a Escola Chinesa, onde, em 1950, se ensinava mandarim. Na capital do país, o Pagode Chinês abriu portas em 1903 e daria origem a uma Escola Chinesa, e o restaurante Dragão de Ouro, situado onde hoje se ergue o hotel Southern Sun, era tão renomado que a própria praia era mais conhecida pelo nome do espaço comercial.

A amizade com Moçambique seria reforçada também pelo apoio à luta pela independência nos anos de 1960. Aliás a embaixada chinesa foi das primeiras a abrir no Moçambique independente em 1975 e, dois anos depois, era inaugurada a representação diplomática moçambicana na China.

Macau no caminho

A parceria económica reforçou-se em 2000, aquando da primeira Cimeira ministerial China-África, onde foi criado o



Fórum de Cooperação China-África. Três anos depois, nasce o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. O Fórum de Macau passou assim a ser a principal plataforma de intercâmbio económico e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Salimo Abdula, presidente da Confederação Empresarial da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) em Moçambique, afirmou que “é realmente através de Macau que se fazem os negócios com a China e são regularmente organizadas várias feiras, assim como missões empresariais de ambos os lados”.

“Tanto no Fórum de Macau como no Fórum de Cooperação China-África, a industrialização e o aumento da capacidade de produção têm sido um tópico recorrente”, afirmou Wang Lipei, Conselheiro Económico e Comercial da Embaixada da República Popular da China em Moçambique, confirmado pela intenção do Plano de Acção 2017-

2019, definido na Quinta Conferência Ministerial do Fórum de Macau, onde ficou estabelecida uma série de iniciativas que visam dar maior autonomia a Moçambique. E este propósito reflecte-se também nos números do investimento directo chinês. Segundo dados do Centro de Promoção de Investimentos em Moçambique, até final de 2016, totalizou 5,7 mil milhões de dólares norte-americanos, cobrindo as áreas de montagem de automóveis, agricultura, construção civil, indústria de manufactura, exploração de recursos minerais, entre outras.

Ajuda ao desenvolvimento

Actualmente, e de acordo com estatísticas do Serviço Nacional da Migração de Moçambique, mais de 10 mil chineses vivem e trabalham em Moçambique, e são, na sua maioria, gestores e técnicos de projectos. Segundo a Embaixada da República Popular da China, a população chinesa em Mo-

EM MOÇAMBIQUE FOI INSTALADO O PRIMEIRO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS AGRÁRIAS DA CHINA EM ÁFRICA. O MAIOR PROJECTO DE CULTURA DE ARROZ DA CHINA EM ÁFRICA FOI TAMBÉM DESENVOLVIDO NESTE PAÍS. A PONTE MAPUTO-CATEMBE, A MAIOR DO GÉNERO EM ÁFRICA, COM O MAIOR VÃO SUSPENSO, SERÁ ENTREGUE ESTE ANO. TAMBÉM EM CONSTRUÇÃO ESTÁ O CENTRO CULTURAL MOÇAMBIQUE-CHINA, QUE É O SEGUNDO MAIOR PROJECTO DE ASSISTÊNCIA CHINESA NO CONTINENTE AFRICANO. POR FIM, ESTÁ PREVISTO O DESENVOLVIMENTO DO PRIMEIRO PROJECTO DE COOPERAÇÃO TRIPARTIDA DA AGRICULTURA EM ÁFRICA ENTRE MOÇAMBIQUE, A CHINA E A AMÉRICA

çambique tem vindo a aumentar, mas prevê-se que estabilize graças à formação gradual de mão-de-obra local. Actualmente, as empresas chinesas empregam mais de 20 mil moçambicanos.

Esta é, aliás, uma das grandes apostas da China em Moçambique. Segundo Wang Lipei, “o nosso objectivo é ajudar a desenvolver o país”. Esta ideia foi um dos marcos do discurso de Su Jian na conferência. “Moçambique tem sido o

país-piloto que dirigiu a nova experiência e sempre o primeiro ensaio da cooperação sino-africana”, referiu.

Em Moçambique foi instalado o primeiro Centro de Investigação e Transferência de Tecnologias Agrárias da China em África. O maior projecto de cultura de arroz da China em África foi também desenvolvido neste país. A ponte Maputo-Catembe, a maior do género em África, com o maior vão suspenso, será entregue este ano. Também em construção



está o Centro Cultural Moçambique-China, que é o segundo maior projecto de assistência chinesa no continente africano. Por fim, está previsto o desenvolvimento do primeiro projecto de cooperação tripartida da agricultura em África entre Moçambique, a China e a América.

Nova estratégia

No seu propósito de tornar Moçambique cada vez mais autónomo, a China mudou um pouco a sua estratégia nos últimos anos. Se anteriormente focava a sua atenção na construção de edifícios e instalações públicas em Moçambique, hoje está mais dedicada ao bem-estar da população e aos interesses e prioridades do governo moçambicano. Não será por acaso que o director-geral da China Road & Bridge Corporation (CRBC), Bai Peng Yu, afirmou que “a nossa empresa foca-se nas metas de investimento do governo moçambicano”. Note-se que a CRBC foi a responsável pelo desenvolvimento da Estrada Circular de Maputo, que permitiu uma maior fluidez do trânsito da capital, e está neste momento a finalizar a construção da ponte Maputo-Catembe.

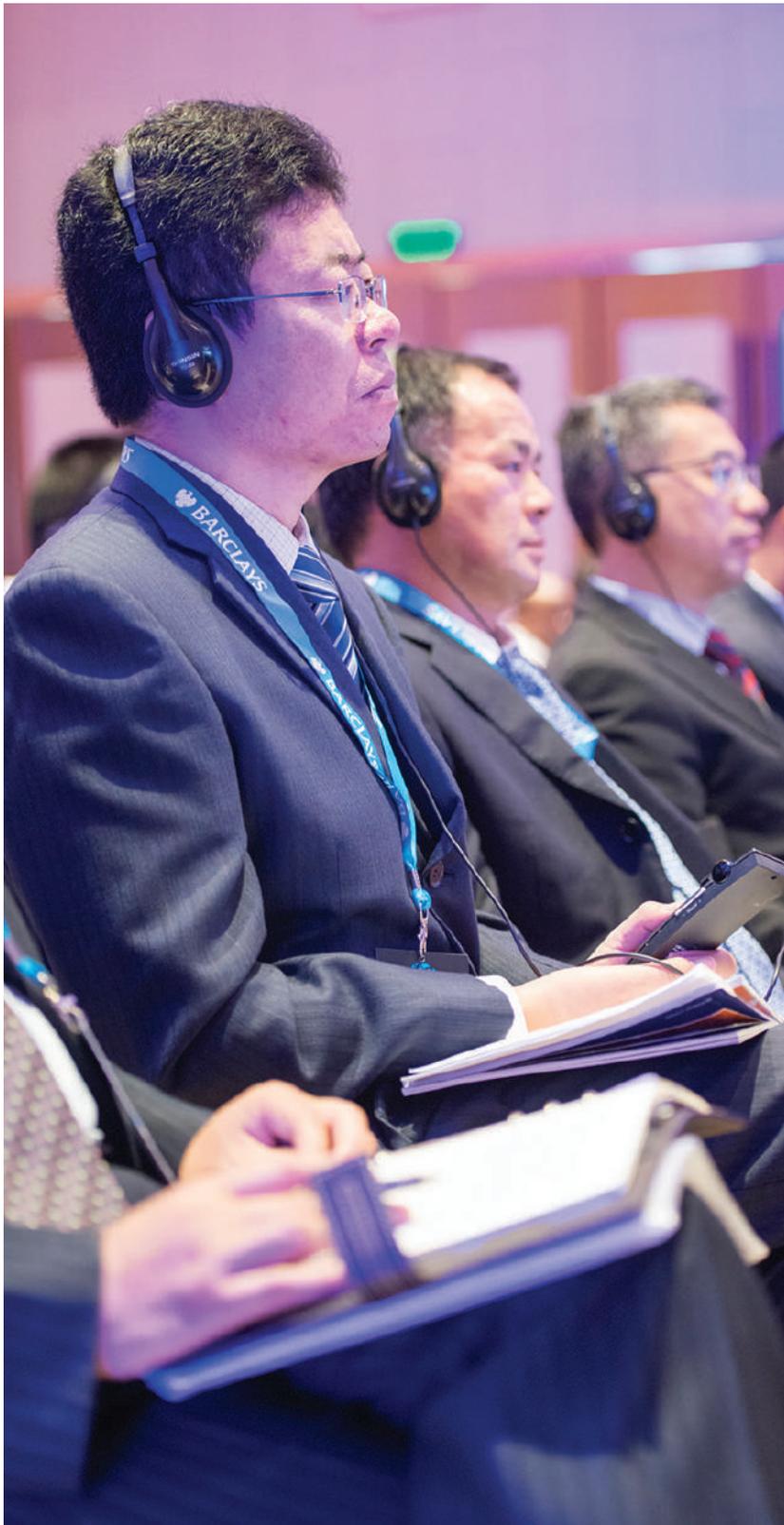
A título de exemplo desta aposta no desenvolvimento do país, na área da saúde a China está a financiar a construção do Edifício de Pediatria do Hospital Central da Beira e o edi-

fício de residência para médicos moçambicanos e chineses em Maputo. Nas últimas quatro décadas, o governo chinês já trouxe 21 equipas de médicos chineses a Moçambique. No que diz respeito aos transportes, a China ofereceu 72 autocarros em 2011, e está prevista a oferta de outros 80 ainda este ano. Além disso, financiou a construção da Oficina de Manutenção de Autocarros na Matola. Os projectos da Ponte Maputo-Catembe, Estrada Circular de Maputo, Estrada N6, entre outros, beneficiaram de empréstimos em condições preferenciais.

Momento de viragem

Um dos momentos de viragem para uma maior confiança empresarial chinesa em Moçambique foi a visita a Moçambique do presidente Hu Jintao, em Fevereiro de 2007. Segundo o Centro de Promoção de Investimento, o impacto da visita oficial foi tão grande que o investimento chinês em Moçambique passou de cerca de um milhão de dólares norte-americanos em 2006, para 61 milhões em 2007. Foi, aliás, nesse ano criada a Câmara de Comércio Chinesa, que conta actualmente com 45 membros, sendo dez empresas públicas e as restantes privadas, nomeadamente a Sogecoa, a CRBC, a Huawei e a ZTI.







Segundo Guo Manyi, representante da Câmara e vice-presidente da empresa Sogecoa em Moçambique, o número de empresas interessadas em entrar no mercado moçambicano é crescente. “Diariamente recebemos cartas e e-mails com perguntas. Este é um mercado muito atractivo para as empresas chinesas.” Não será por acaso que desde 2000 o valor das trocas comerciais entre os dois países não cessa de subir.

Segundo a embaixada chinesa, há 17 anos o valor do comércio entre a China e Moçambique cifrou-se nos 33,5 milhões de dólares norte-americanos, sendo que 26 por cento correspondiam às exportações de Moçambique. Já no ano passado o valor do comércio chegou aos 1860 milhões de dólares, com os produtos provenientes de Moçambique a representarem 26 por cento nessas trocas.

No que diz directamente respeito à Sogecoa, presente no país desde 1996 e responsável pela construção de unidades hoteleiras, como o aparthotel Sogecoa, o Hotel Glória em Maputo, e o Golden Peacock na Beira, Manyi afirmou que o que torna Moçambique tão apetecível é o facto de “ser estável politicamente e ter bons incentivos ao investimento. Sentimo-nos bem vindos aqui”. Até agora, a Sogecoa já fez

investimentos na ordem dos 500 milhões de dólares norte-americanos em Moçambique.

Respondendo a este crescente interesse de empresas chinesas pelo mercado moçambicano, a seguradora Fidelidade, participada em 85 por cento pelo grupo chinês Fosun, “dispõe em Moçambique de um *call center* com profissionais que falam mandarim”, como aponta Carlos Leitão, director-geral da Fidelidade Moçambique, empresa também presente em Macau. “A abordagem à comunidade chinesa é feita através de pessoas da própria comunidade chinesa, de forma a ultrapassarmos uma das primeiras barreiras da comunicação que é a língua”, acrescenta.

Mas nem só a língua é um problema. Apesar de rico a nível de recursos naturais, Moçambique ainda é um país bastante pobre no que diz respeito a infra-estruturas básicas. Essa é uma lacuna que Hefeng Dong, director-geral da Africa Great Wall Mining, aponta como barreira. “A falta de energia é por vezes um obstáculo ao desenvolvimento de certos projectos, pois aumenta exponencialmente o seu preço. Já tivemos de desistir de um projecto de uma fábrica de cimento por falta de infra-estruturas no local.” Dificuldades que com o tempo e a vontade de ambos os países se esperam ultrapassadas no futuro. ■





商匯館 MACAO IDEAS

澳門名優商品 展示及採購中心
Centro de apoio e exposição de produtos de Macau

開放時間

星期一至星期五，早上10時至下午6時
星期六、日及公眾假期休館

Horário de Funcionamento

Segundas às Sextas, das 10:00 às 18:00
Fechado aos Sábados, Domingos e Feriados

澳門宋玉生廣場263號「中土大廈」19樓
Alameda Dr. Carlos d'Assumpção, nº 263,
Edif. China Civil Plaza, 19º andar, Macau

<http://macaoideas.ipim.gov.mo>
853 2870 0620





MAIS DE 300 MIL VISITAS NO PORTAL SOBRE PRODUTOS ALIMENTARES LUSÓFONOS

O Portal para a Cooperação na Área Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa recebeu nos seus dois primeiros anos de existência mais de 300 mil visitantes, segundo o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). O portal, que dispõe de informações sobre mais de 10 mil tipos de produtos

alimentares dos países de língua portuguesa e tem quase 14 mil utilizadores inscritos, é patrocinado pelo Ministério do Comércio da China e pelo Gabinete do Secretário para a Economia e Finanças de Macau, é coordenado pelo IPIM e funciona, em colaboração com o secretariado permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países

de Língua Portuguesa, como parceiro especialmente convidado. O IPIM sublinha que, graças ao portal, várias empresas de Macau conseguem obter informações sobre produtos alimentares dos países de língua portuguesa, contactar fornecedores e aumentar as oportunidades de negócio através do serviço de bolsas de contactos existente naquele portal.



EMPRESAS CHINESAS INVESTIRAM US\$ 52 MIL MILHÕES NO BRASIL EM UMA DÉCADA

O investimento efectuado por empresas da China no Brasil cifrou-se em 51,7 mil milhões de dólares norte-americanos no período de 2005 a 2016, segundo dados da publicação Panorama Internacional, da Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Estado do Rio Grande do Sul. "Desde 1974, quando o Brasil retomou as relações diplomáticas com a República Popular da China, este país aumentou a sua participação até assumir a posição de principal destino das exportações brasileiras, competindo com a União Europeia, América Latina e Caraíbas", assinala Robson Valdez, um dos economistas que elaborou a publicação. A China é actualmente o principal parceiro comercial do Brasil e do Rio Grande do Sul, além de maior produtor mundial de arroz e tabaco, segundo maior produtor de trigo e milho e quarto maior produtor de soja, culturas importantes para o Brasil. Para aquele Estado brasileiro, a relação com a China é fundamental, dado que este país é o seu principal parceiro comercial: em 2016, por exemplo 27,5 por cento das exportações estaduais seguiram para a China, com a soja a dominar essa actividade, com quase 80 por cento do total.



SHANGHAI ELECTRIC POWER INVESTE US\$ 3 MILHÕES EM MOÇAMBIQUE

A empresa Shanghai Electric Power Co vai aplicar 3 milhões de dólares norte-americanos nos próximos 12 meses para garantir a conclusão de trabalhos relacionados com a construção de uma central térmica em Moçambique. A conclusão dos trabalhos, como aponta a empresa moçambicana Ncondezi Energy, é necessária para garantir a obtenção do contrato de concessão, que será feito por decreto governamental. As duas empresas têm estado a desenvolver conjuntamente este projecto em Moçambique, tendo-se a Shanghai Electric Power Co comprometido já com um investimento de 25,5 milhões de dólares em troca de uma participação de 60 por cento na Ncondezi Power Holding 2 Ltd., a empresa que vai deter e gerir a central térmica. Esta central, que numa fase inicial terá uma capacidade instalada de 300 megawatts, deverá ser expandida por fases de igual dimensão até atingir 1800 megawatts, indo a produção ser vendida à estatal Electricidade de Moçambique que a injectará na rede a fim de abastecer a região norte do país.

EMPRESÁRIOS DA CPLP E DA CHINA REÚNEM-SE EM CABO VERDE

Cabo Verde acolhe de 16 a 18 de Junho o encontro entre empresários da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e da China sob o lema "Promoção de oportunidades para uma cooperação económica entre a China e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa". O encontro insere-se no quadro do reforço da cooperação económica e empresarial entre a China e a CPLP e visa promover as oportunidades de negócios existentes em cada um dos países. "A ideia é aumentar as trocas comerciais, facilitar encontros, sobretudo de pequenas e médias empresas, de modo a serem identificados novos mercados e explorar as sinergias, aproveitando a plataforma Cabo Verde, que é um país estável, democrático e muito bem situado", sublinhou Ana Lima Barber, presidente da Cabo Verde TradeInvest. O encontro terá lugar na capital, Praia, e conta com a participação de cerca de 300 empresários da China, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Brasil, Portugal, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Uma delegação de Macau organizada pelo Instituto para a Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM) estará presente no encontro juntando representantes do Fórum de Macau e do Pan-Delta do Rio das Pérolas.



GRUPOS CHINESES INTERESSADOS NA COMPRA DE EMPRESAS DE CONSTRUÇÃO DO BRASIL

Grupos chineses pretendem comprar grandes empresas de construção civil e participar em leilões para a construção de linhas de caminho-de-ferro no Brasil a fim de aumentarem a sua presença em projectos de infra-estruturas no país, disse o presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil China (CCIBC). Charles Tang apontou à agência Reuters que os grupos chineses pretendem preencher o vácuo deixado pelas grandes empresas brasileiras que estão a enfrentar dificuldades financeiras e, em alguns casos, problemas relacionados com corrupção. Os grupos chineses, prossegue Tang, dispõem de capacidade para, além de prestar serviços de construção civil, garantir o financiamento para esses empreendimentos, o que "representa uma vantagem competitiva face à maior recessão económica que o Brasil está a registar há décadas, realidade que tem tornado o crédito escasso e caro. Charles Tang mencionou que os grupos chineses estão muito interessados nos projectos de caminhos-de-ferro que o governo federal do Brasil pretende leiloar este ano, caso das linhas Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL) entre Ilhéus e Caetité (estado da Bahia) e a Ferrogrão, entre Mato Grosso e Pará. O presidente da CCIBC adiantou o interesse dos grupos chineses em obras de maior dimensão, caso venham a ser aprovadas, como o comboio de grande velocidade entre São Paulo e o Rio de Janeiro e da linha ferroviária transoceânica, ligando os oceanos Atlântico e Pacífico.





RAEM QUER MAIOR DINAMISMO NA PLATAFORMA

A Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa alcançou os resultados “primordiais”, sublinhou o Chefe do Executivo da RAEM. Contudo, para Chui Sai On, é necessário “impulsionar” com “maior dinamismo” a construção da respectiva plataforma de serviços pois há ainda “grande volume de trabalho” que necessita de “esforços e colaboração a nível interdepartamental”, segundo

refere uma nota oficial. O Chefe do Executivo falava durante a segunda reunião plenária da Comissão para o desenvolvimento da plataforma de serviços sino-lusófona, realizada em Abril. Para concretizar a referida posição de grande relevância na estratégia nacional, foi dada relevância à necessidade de “elevar para um novo patamar” a construção da plataforma de serviços através de uma combinação “orgânica” com a

estratégia nacional “Uma Faixa, Uma Rota”. Já o Secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, disse que o Governo irá continuar de forma “pragmática” os diversos trabalhos, incluindo, intensificar o estudo sobre criação da base offshore de inovação e empreendedorismo juvenil da China e dos países de língua portuguesa, criando melhores oportunidades de desenvolvimento para os quadros bilingues.

EMPRESA CHINESA CONCLUI COLOCAÇÃO DE TABULEIRO EM PONTE MOÇAMBICANA

O tabuleiro da ponte entre Maputo e Catembe será colocado até Dezembro, com a empresa China Road and Bridge Corporation (CRBC) a dar início ao processo em Julho, disse o presidente da Empresa de Desenvolvimento de Maputo Sul, Silva Magaia. Está já a decorrer a instalação da plataforma de trabalho, uma espécie de via suspensa em cordas metálicas, que permitirá aos construtores trabalharem entre as duas torres na preparação do lançamento do cabo que sustentará o tabuleiro no vão de 680 metros sobre o mar. O tabuleiro em metal foi construído na China e o navio que transporta as 57 peças em que foi repartido deverá atracar no porto de Maputo no início de Junho, o que marcará a data para o início da sua montagem. Cada peça tem 12 metros de largura e 26 de comprimento, três metros de espessura e pesa cerca de 125 toneladas. Com conclusão total prevista para o final de 2017, a ponte, com pouco mais de três quilómetros de extensão, terá 680 metros de tabuleiro suspensos sobre a baía, com pilares numa e noutra extremidade. O projecto tem um custo estimado de 700 milhões de dólares norte-americanos e é apoiado por um empréstimo concedido pelo Banco de Exportações e Importações da China.



EMBAIXADA DA CHINA EM ANGOLA EM EDIFÍCIO DE RAIZ

A Embaixada da China em Angola irá ocupar um edifício a ser construído no terreno onde actualmente se encontra o Cine Miramar, em Luanda, dando seguimento a um acordo assinado entre os dois países em 2013. O acordo, assinado pelo secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores e pelo então embaixador da China em Angola, Gao Kexiang, não definia uma localização exacta mas mencionava já um terreno na Boavista, distrito do Sambizanga, para a construção de um novo edifício da Embaixada da República Popular da China. O diplomata chinês justificava nessa altura a mudança da Embaixada para um novo edifício, a construir de raiz, com o facto de as actuais instalações já não condizerem com as necessidades da representação diplomática em Angola.

BRASIL E CHINA DISCUTEM INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E INTERNET

A cidade de São Paulo recebeu, em Maio, a “Chinnovation 2017”, o primeiro encontro entre empresários da China e do Brasil de negócios ligados à Internet, numa organização da Agência de Promoção de Negócios Digitais entre Brasil e China. Dezenas de empresários de grandes empresas com negócios online, analistas financeiros, investidores e gestores de fundos de investimento juntaram-se para apresentar casos de inovação da indústria digital chinesa e para identificar oportunidades de parcerias e investimentos no Brasil. A China, maior parceiro comercial do Brasil desde o início dos anos 2000, é o maior mercado de Internet do mundo, não só em número de utilizadores, mas também como fonte de capital de risco e facturação com comércio electrónico e pagamentos móveis. A China tem actualmente 700 milhões de utilizadores da Internet, comércio electrónico no montante de 3,1 biliões de dólares, 200 milhões de utilizadores que fazem pagamentos no valor de 235 mil milhões de dólares, capital de risco que ascendeu a 100 mil milhões de dólares apenas em 2016, quatro das 10 maiores empresas de Internet do mundo e é sede de quatro das dez maiores iniciativas empresariais com um valor de mercado superior a mil milhões de dólares.



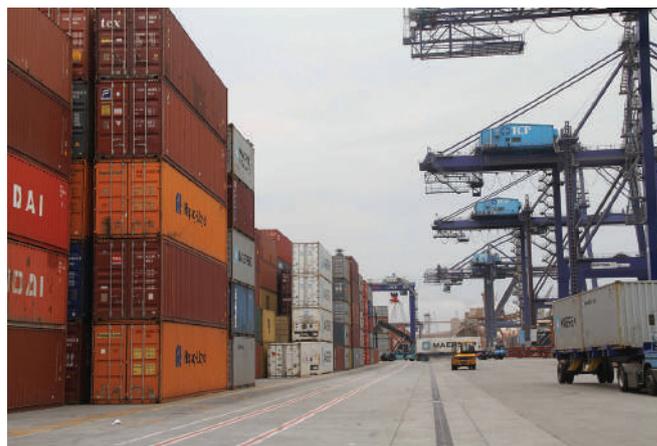
EMPRESAS CHINESAS INVESTIRAM MAIS DE US\$ 50 MIL MILHÕES NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

O investimento das empresas da China nos países de língua portuguesa ascende a 50 mil milhões de dólares norte-americanos e o valor das empreitadas nesses países excede 90 mil milhões de dólares, segundo informações do secretário-geral adjunto do Fórum de Macau indicado pela China. Ding Tian, que usava da palavra numa sessão sobre oportunidades de negócio nos países de língua portuguesa organizada Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, salientou que as trocas comerciais entre a China e os “oito” totalizaram quase 100 mil milhões de dólares em 2016, continuando a China a ser “um dos mais importantes parceiros” desses países. O secretário-geral adjunto do Fórum de Macau indicado pela China adiantou que Macau tornou-se “uma ponte indispensável entre as partes – China e países de língua portuguesa” devido às suas vantagens singulares.



LANÇADO PRÉMIO DE JORNALISMO DA LUSOFONIA

O melhor trabalho jornalístico sobre Macau vai passar a ser anualmente distinguido com um prémio pecuniário de 10 mil euros, ao abrigo de uma parceria entre o Clube Português de Imprensa e o Jornal Tribuna de Macau (JTM). Dirigido a todos os profissionais da comunicação social dos países de língua portuguesa, o galardão visa incentivar o desenvolvimento da língua portuguesa. A iniciativa está inserida no conjunto de actividades que vão ser promovidas pelo Jornal Tribuna de Macau ao longo deste ano, que em Novembro próximo celebra 35 anos de existência.



COMÉRCIO SINO-LUSÓFONO SOBE 32,6%

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa subiram 32,6 por cento até Fevereiro, em termos anuais homólogos, para 14,84 mil milhões de dólares norte-americanos. Dados dos Serviços de Alfândega da China, indicam que a China comprou aos países de língua portuguesa bens avaliados em 10,28 mil milhões de dólares (9,67 mil milhões de euros) – mais 43,74 por cento – e vendeu produtos no valor de 4,56 mil milhões de dólares (4,29 mil milhões de euros) – mais 12,97 por cento comparativamente aos primeiros dois meses do ano passado. O Brasil manteve-se como o principal parceiro económico da China, com Angola a ocupar a segunda posição.

EMPRESÁRIO DE MACAU LANÇA PROJECTO EM SETÚBAL

A Macau Legend Development (MLD), propriedade do empresário David Chow, reuniu-se com a Câmara de Setúbal, em Portugal, para avançar com o pedido de classificação do empreendimento turístico da zona ribeirinha da cidade como Projeto de Interesse Nacional (PIN). Trata-se de um projeto que inclui um hotel, área comercial e residencial, um pavilhão multidesportivo, um parque de estacionamento e uma marina, e que tem um custo global de cerca de 246 milhões de euros. A empresa de Macau e a autarquia portuguesa assinaram no ano passado um memorando de entendimento para um projeto de turismo, lazer e entretenimento, na zona ribeirinha cidade de Setúbal. A Macau Legend, que tem espaços de entretenimento e de jogo em Macau, anunciou também um acordo não vinculativo com três empresas em Portugal — a Fundo Aquarius, Amorim Turismo e B&G — para constituir uma empresa responsável pelo desenvolvimento do projecto de Setúbal.



ESTUDANTES DE MBA DO PORTO EM MISSÃO NA CHINA

Duas dezenas de estudantes de MBA da Católica Porto Business School participaram, em Abril, em visitas e encontros empresariais na China para alargar a rede de contactos e explorar oportunidades para os sectores em que trabalham. O grupo de 24 estudantes frequenta o MBA executivo, destinado a alunos que fazem a formação a par da sua carreira profissional, o qual tem a duração de um ano e meio e contempla duas semanas internacionais. A China surge pela segunda vez no 'mapa' do MBA Internacional, que vai na sua 12.ª edição, acolhendo uma das duas semanas internacionais do mestrado executivo depois de ter ocupado um lugar que anteriormente pertencia ao Brasil. O programa incluiu visitas e encontros empresariais em Macau, Hong Kong e em Zhongshan, na Província de Guangdong.



PUB

FELICITAMOS A REVISTA MACAU PELO SERVIÇO PRESTADO À RAEM

Quality Water Trust Save Enjoy Quality Water Trust Save Enjoy Quality Water Trust Save Enjoy

澳門自來水
MACAO WATER

24 HOURS CUSTOMER HOTLINE: 2822 0088
www.macaowater.com

官方微信號
「澳門自來水」



MI PENG CAFE
新雅屏南
紅西餅
咖啡
雞蛋
外賣
茶點
歡迎

CHA CHAAN TENG

A moda meio-chinesa, meio-ocidental

T VANESSA AMARO F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Foi na década de 1950, quando começou a moda do chá da tarde de inspiração britânica em Hong Kong, que o *cha chaan teng* começou a aparecer a cada esquina da cidade, com a ambição de levar à classe operária opções mais económicas de comida ocidental e servir de alternativa aos restaurantes estrangeiros luxuosos. Foi nesse contexto que nasceu a cozinha 'canto-ocidental', com bolos menos açucarados, bebidas à base de chá ou café baratas. Macau criou o seu próprio estilo e mais de meio século depois, o café meio-chinês meio-ocidental continua em alta

DAI PAI DONG (大排檔), *gaafe sat* (咖啡室), *bing sat* (冰室), *mihn sik* (麪食), *mingaa* (麪家), *cha sat* (餐室), *paa fong* (扒房), *chaan teng* (餐廳), *cha dong* (茶檔)... A lista poderia ocupar uma coluna inteira deste texto, porque perguntar a um chinês qual é o melhor sítio para se comer em Macau pode transformar-se numa verdadeira aula de cantonês. A variedade de termos quando se fala em restaurantes, lugares para comer é tão vasta quanto a própria cozinha chinesa.

Mas é o *cha chaan teng* (茶餐廳) que ocupa uma posição cimeira na preferência dos residentes locais – prova disso é que cerca de um quarto dos 2284 restaurantes registados em 2015 se encaixa neste tipo de cozinha.

Numa primeira vista, *cha* (chá) *chaan* (refeição) *teng* (salão) pode soar a algo bastante redutor. Ir a um sítio apenas para beber chá está longe de ser o que acontece na prática nas centenas de pequenos restaurantes dedicados a este estilo de culinária. É verdade que assim que sentamos numa mesa do verdadeiro *cha chaan teng*, a primeira coisa que nos aparece à frente, ainda antes do cardápio, é um copo de vidro com chá fraco, ainda a ferver.

O estilo começou a surgir em Hong Kong em meados da década de 1950, numa altura em que entrava na moda o chá da tarde britânico. Dirigido sobretudo às classes operárias que não tinham meios de frequentar os luxuosos restaurantes ocidentais, os estabelecimentos de *cha chaan teng* não tardaram em expandir-se com uma vasta oferta de cozinha canto-ocidental, que engloba tanto sandes e bolos como pratos de massas e arroz. Em Macau, os primeiros



Pai e filho gerem hoje um dos *cha chaan teng* mais antigos da cidade

restaurantes do género surgiram poucos anos depois, e muitos ainda hoje continuam de portas abertas.

O pioneiro no estilo e no ar condicionado

O café Nam Ping (南屏雅敘) rima, aos ouvidos dos locais, com *cha chaan teng* autêntico. A montra recheada de pães e bolos ainda quentes, o entra-e-sai constante, o quiosque de jornais à porta, a azáfama dos empregados, os gritos para o operador de caixa com o valor da conta sempre que um cliente se levanta; todas estas características tornam este café especial. Os mais apressados ficam-se pelo serviço de





take-away ou sentam-se numa das pequenas e apertadas mesas no rés-do-chão. Uma tabuleta antiga, com largos caracteres chineses a vermelho num fundo amarelo no início da escada, informa que o preço é igual tanto no andar de baixo como no de cima. Isso porque o Nam Ping ainda hoje é conhecido como o primeiro café de Macau a ter um aparelho de ar condicionado, em meados da década de 1980. Quando a concorrência começou a apertar com mais cafés a instalarem tal modernice e a cobrarem uma sobretaxa pelo uso das salas climatizadas, o Nam Ping também foi o pioneiro a instituir a política de preço único.

Hoje, numa manhã quente de Abril, os clientes já não vêm cá apenas para se refrescar. Os sonhos açucarados (ou *sa yung* 沙翁), o pastel de nata levemente dourado e a sandes de porco assado com omeleta são os reis do menu. O café ou o chá com leite são itens obrigatórios de qualquer *cha chaan teng*, mas o Nam Ping promete um toque “exclusivo”, um “sabor único” que se foi aprimorando desde que a família Leong estabeleceu o negócio, em 1966. ‘A On’ Leong é bisneto do homem que criou então um dos cafés mais modernos da cidade. Gosta de conversa, puxa um banco e depressa revela o segredo para mais de meia década de existência: “Somos um negócio de família e sempre houve quem ficasse à frente disto quando era preciso. Agora sou eu, amanhã poderá ser o meu irmão...”

Actualmente, cabe a ele e ao pai comandar os cerca de 20 empregados – cinco deles da própria família – e fazer a contabilidade dos cerca de 600 clientes que passam ali durante as 12 horas em que o café tem as portas abertas (funciona das 6h30 às 18h30, sete dias por semana, com poucos feriados ao longo do ano).

O relógio marca 9h30 e o Nam Ping continua composto. Depois da correria da hora de ponta do pequeno-almoço,

quando em média 200 clientes são atendidos, os empregados conversam, lêem o jornal, um ou outro cochila numa mesa de canto. Os clientes, sobretudo locais com uma certa idade, continuam a aparecer. Trazem o jornal acabado de comprar, outros chegam a empunhar gaiolas de bambu com os seus pássaros. Pedem um café e um bolo, e ali ficam a folhear páginas, a pôr a conversa em dia, numa espécie de filme em câmara lenta já difícil de se ver no afã do lado de fora. ‘A On’ diz que a maior parte da clientela é habitual e que muitos “são tão velhos como o negócio”. A decoração do espaço nunca saiu de moda, resistiu a quatro décadas sem alterações; é o que hoje se chama de *vintage*. As mesas sobreviveram ao tempo graças à uma cobertura de vidro grosso, por debaixo do qual está o menu trilingue (está em chinês com traduções ‘aproximadas’ para portugueses e inglês).

Apesar de muitos dos itens do menu – como os *noodles* com ovos, fiambre, ou salsichas, a sandes frita recheada com manteiga de amendoim e leite condensado, ou o pão de ananás recheado com manteiga – serem iguais aos tradicionais *cha chaan teng* de Hong Kong, ‘A On’ franze o sobrolho e faz ar de ofendido quando lhe perguntamos se o bisavô inspirou-se nas tendências da região vizinha para criar o café. “De maneira nenhuma. Isto é completamente ao estilo de Macau.”

Ninho de andorinha em massa estaladiça

Na Taipa, um frugal “estabelecimento de comidas” passaria completamente despercebido se não fosse um pequeno aglomerado de pessoas à porta. Jornais antigos em chinês com pastéis de nata e fotografias de estrelas de Hong Kong colados no vidro servem de chamariz aos turistas. Nos guias de viagens em língua chinesa, o Café San Hou Lei (新好利





De leite, de ovo, de nata, de coco e de ninho de andorinha: a reinvenção do típico pastel português

咖啡餅店) aparece sempre como uma sugestão imperdível para os pastéis de nata.

Foi em 1991 que o casal Lao e o amigo Siu decidiram juntar-se para investir as poupanças de anos de trabalho como empregados em cafés do estilo *cha chaan teng* no seu próprio negócio. Já tinham aprendido como fazer os pastéis de nata e achavam que podiam criar algo ainda mais adaptado ao gosto da clientela local. Por isso apostaram em variações do tradicional pastel de origem portuguesa. Primeiro lançaram a versão de leite fresco, ou seja, um pastel de recheio completamente branco, sem sinal nenhum do tradicional 'queimado' no topo. Depois apareceu o de coco, que faz lembrar uma espécie de queque com muito coco ralado. De seguida criaram uma massa especial, com muita manteiga, super estaladiça que em nada se assemelha àquela do pastel de nata original. Mas a grande estrela do menu e aquela que atrai os mais curiosos é o pastel de ninho de andorinha. O ninho, feito à base de saliva das andorinhas, é um dos ingredientes mais caros do mundo e é amparado por uma longa lista de benefícios à saúde segundo a medicina tradicional chinesa.

Mais da metade dos 400 clientes que passam por ali diariamente vai à procura do pastel de ninho de andorinha. "Faz muito bem à saúde", diz à senhora Lao enquanto nos serve um acabado de sair do forno.

A confecção de todos os pastéis é feita mesmo ali, nas traseiras da pequena loja, e à medida que os tabuleiros vão-se esvaziando a senhora Lao comunica por rádio para a cozinha e em minutos uma nova remessa é enviada. "Os clientes gostam muito de comer os pastéis ainda mornos, por isso vamos colocando no forno pouco a pouco, conforme o movimento", conta.

Os chás ao estilo de Taiwan, com feijões ou gelatinas de ervas, o café e o chá com leite são as bebidas mais pedidas para acompanhar os pastéis. Há ainda todos os outros tra-



dicionais itens do *cha chaan teng* a compor o menu, mas a senhora Lao não tem dúvidas de que, apesar de não ser um dos sítios mais famosos para os pastéis de nata, a sua clientela vai sobretudo à procura do sabor português com o toque chinês. "Acredito que é uma excelente combinação e a nossa inovação tem sido o segredo do nosso sucesso. Agora também estamos a apostar num novo sabor, o pastel de nata de queijo. Já tem tido muita saída", diz orgulhosa.

Estilo antigo para atrair clientes

O cheiro do café desperta a atenção para uma pequena "esplanada". Não há mais do que quatro pequenas mesas desmontáveis, uns poucos bancos muito desgastados e o único menu que há é o que está colado no vidro ao lado do caixa. O Sei Kee Café (澳門世記咖啡外賣店) é um dos negócios mais antigos da cidade – nasceu em 1965 –, foi passando de geração em geração com uma receita de café no bule de barro aquecido no carvão e, mais recentemente, quando tudo indicava que tinha os dias contados, iniciou a sua expansão.

Au Lam Kwan tinha 37 anos quando ela e o marido abriram uma pequena tenda que vendia sobretudo café ao estilo ocidental e chá com leite. Durante quase cinco décadas ela esteve à frente do negócio, que foi ficando cada



Pequena esplanada no centro de Macau, famosa pelo café no bule de barro e sandes de ovos, continua a pertencer à mesma família há 52 anos

vez mais permanente, embora nunca tenha ganho portas. Quando alcançou os 85 anos de idade, passou o café à filha, que continua à frente do negócio ainda hoje, juntamente com outros três familiares. Nunca, em toda a história deste negócio, houve um trabalhador que não pertencesse à família.

Apesar de muitos turistas curiosos ali pararem para um lanche rápido a meio da manhã – o café só funciona das 10h00 às 14h30 –, a clientela é sobretudo local. A senhora Au que agora comanda as operações faz mais de 100 sandes diariamente e tira e põe o pesado bule de barro ao carvão mais de 20 vezes nas horas de trabalho. Todo o modo tradi-

cional e familiar de fazer o café é preservado: põe-se o café moído num filtro de pano, despeja-se água quente e deixa-se o sabor apurar por cerca de dez minutos na brasa. Dali saem cinco chávenas. “Continuamos a fazer aquilo que os meus pais faziam, é a mesma técnica. No passado, não havia electricidade nem gás, por isso é que eles usavam o carvão. Mantivemos tudo igual por uma questão de conveniência e os clientes dizem-nos que o nosso café tem um sabor especial”, explica ela.

No pequeno menu, para além do café consta uma vasta lista de recheios para sandes: manteiga de amendoim, atum picante, fiambre, ovos, salsicha, queijo e por aí afo-





O neto do fundador do Sei Kee, Alvin Au, reformulou o conceito e reformulou a imagem de marca para atrair novos clientes

ra. Há ainda a opção de massa instantânea e nada mais. “Como é que conseguem manter um negócio que vende apenas sandes e café há tantos anos?”, perguntamos nós. A senhora Au ri-se e diz que é mesmo esse o segredo: a simplicidade e o tradicional fazem sucesso numa cidade “cada vez mais complexa”.

E foi agarrando no mote do tradicional que Alvin Au, um dos netos de Au Lam Kwan, largou a carreira de publicitário em Hong Kong para dar à volta ao negócio da família. Em 2013, reformulou toda a imagem do Sei Kee e abriu um pequeno espaço próximo às Ruínas de São Paulo para vender café *take-away*. O investimento foi reduzido, mas

o retorno financeiro foi além do esperado. Com as receitas desta primeira experiência investiu num espaço maior na Taipa, todo decorado com artigos antigos e tendo o café no bule de barro à mostra – a que apelidou de “o café de Macau” – como o grande ponto de venda. O menu também é curto e segue o mesmo modelo do negócio original: sandes com vários recheios (umas das mais populares é a de caril de peixe) e massas instantâneas com várias opções de acompanhamentos.

Aqui não há mesas, os clientes apertam-se nos pequenos bancos, comem de pé do lado de fora e é assim que Alvin Au quer continuar: um café pequeno, voltado so-



AO ESTILO DE MACAU

Apesar de o *cha chaan teng* ter nascido oficialmente em Hong Kong na década de 1950, Macau também apanhou boleia na moda do chá da tarde e não tardaram a aparecer estabelecimentos do género na década de 1960. São considerados restaurantes ao estilo do café europeu, com opções económicas, que permitem aos residentes locais comerem uma ou duas refeições diárias fora de casa.

À medida que o hábito de beber café difundia-se, mais e mais *cha chaan teng* foram preenchendo os espaços comerciais de Macau. Hoje é o tipo de comida mais vendida nos estabelecimentos locais. Não há nenhum critério formal para que este tipo de cafés tenha o selo de *cha chaan teng*, mas há opções que não podem faltar no menu, como sandes, bifanas, omeletas, bolos, cafés e chás, mas também uma panóplia de massas e pratos simples de arroz que preenchem o requisito de 'comfort food'. Não há uma hora certa para uma refeição de *cha chaan teng*, mas geralmente os restaurantes deste género ficam apinhados às primeiras horas da manhã e ao fim do dia.

Em cantonês, usa-se o termo *yuen yeung* para descrever um casal inseparável de patos; é uma expressão comumente empregue para se referir a uma mistura de duas coisas diferentes. Todos os estabelecimentos de *cha chaan teng* de Macau têm uma bebida chamada *yuen yeung*, que é basicamente uma mistura de café e chá com leite. Outra inovação do estilo local é a coca-cola com gengibre servida quente.

Em 2007, um deputado da Assembleia Legislativa de Hong Kong até propôs que se avançasse com o pedido de inclusão do *cha chaan teng* na lista de património cultural intangível da UNESCO. A ideia não foi tão longe, mas desde 2011 os *snacks* típicos entraram para a lista de património de Hong Kong, juntamente com outras 480 manifestações culturais.



O Ving Kei faz parte da lista de recomendações do Guia Michelin

bretudo para os mais jovens, que estão agora a reviver a moda do *cha chaan teng*, mas com uma imagem *vintage* que atrai cada vez mais olhares. “A criação do logótipo da marca foi toda muito bem ponderada. Queríamos mostrar que é um negócio de família muito antigo, mas ao mesmo tempo moderno. Investimos bastante na nossa imagem, criamos pacotes para as sandes, embalagens para as garrafas de café. As pessoas vêm, compram, tiram fotos, acham piada ao espaço e a maneira como os nossos *snacks* são apresentados. Partilham isso nas redes sociais e mais gente vai aparecendo.”

Já no próximo mês, o jovem empresário vai abrir a sua terceira loja, na zona do lago Nam Van. Apesar de manter o mesmo nome, quer alargar o menu, com mais opções de comida canto-ocidental que vão além das bifanas



e sandes de ovos. “Mas o café à moda da minha família nunca sairá da ementa.”

Tofu recomendado

Os entendidos do Guia Michelin foram unânimes ao incluir, nas edições de 2016 e 2017, o Ving Kei (榮記豆腐麵食) na sua lista de recomendações. A pequena ‘tasca’ está longe de ter o glamour das estrelas Michelin, mas o seu tofu não precisa de apoio internacional para ser famoso em Macau. O negócio de família arrancou há 50 anos, quando Lei Kwok Meng chegou de Panyu, na Província de Guangdong, sem ter nenhum emprego em vista. Para sustentar a família, decidiu lançar-se na produção dos derivados de soja. Lei Kwok Meng andava de porta em porta com dois grandes baldes de madeira a vender o seu leite de soja. Com o dinheiro que conseguiu juntar em uma década de trabalho, abriu uma pequena tenda em 1966 e conseguiu ajustar a sua produção. Para além dos derivados da soja muito mais consumidos nos tempos quentes, Lei Kowk Meng também passou a fazer massa para aquecer os estômagos da sua clientela nos dias frios.

Em 1973, o senhor Lei conseguiu comprar um pequeno espaço, em Macau, local onde ainda hoje dois dos seus quatro filhos, Lei Iat Wa e Lei Iat Cheong, prosseguem com o restaurante. O menu foi sofrendo muitos ajustes, com mais opções tradicionais do *cha chaan teng*, mas a soja nunca deixou de ser a protagonista. É apresentada em vários formatos e texturas: leite, sobremesa, frita, ao vapor, salteada, cozida ou estufada.

Todo o processo de produção é feito nas traseiras do restaurante, à vista dos clientes, e tem-se mantido inalterado ao longo dos anos. Os grãos amarelos da soja, provenientes do Canadá, ficam de molho em água durante uma noite. Depois são espremidos com um pano e dali sai o leite. Para engrossa-lo, adiciona-se água e leva-se a cozer em lume brando por 20 minutos, a mexer constantemente. Depois de frio, o leite é armazenado em boiões de alumínio e é transportado para as outras seis lojas da família – quatro estão em Macau, duas na Taipa e uma no Cotai. A partir do leite derivam os outros produtos, como o tofu ou o pudim açucarado.

Em dias normais, são produzidos cerca de 1000 quilos de tofu e outros 150 litros de leite de soja e, a somar todos os espaços que têm abertos, Lei Iat Wa conta que acredita que “pelo menos 1000 clientes consomem os nossos produtos diariamente”. Os preços não deixam de ser atractivos: um copo de leite de soja quente custa sete patacas (meia pataca extra se quiser frio) e uma tigela de massa com tofu, um dos pratos mais cobiçados da ementa, custa 18 patacas. “Há 20 anos, quase toda a nossa clientela era local, do bairro. Agora há cada vez mais turistas que encontram a nossa loja graças aos guias de viagem. As pessoas vêm cá, provam, gostam e passam a palavra. Acho que é por isso que temos conseguido manter e até expandir o nosso negócio ao longo de tantos anos”, aponta Lei Iat Wa, que to-



Derivados da soja são a grande especialidade e atraem visitas ilustres

dos os dias começa a produção dos derivados da soja por volta das 6h00. “Há clientes tão antigos que quando cá chegam nem precisam de fazer o pedido; já sabemos o que eles querem!”, acrescenta a rir-se.

Nas paredes do pequeno restaurante estão as fotos dos fundadores, famosos que passaram por aquelas mesas – entre os quais Jorge Sampaio, antigo Presidente da República Portuguesa – e também duas grandes imagens panorâmicas de Macau, uma de 1994 e outra de 2016. Lei Iat Wa aponta para as fotos e diz que a cidade tem-se transforma-

OS CLÁSSICOS SEMPRE ACTUAIS DO CHA CHAAN TENG



CAFÉ OU CHÁ COM LEITE



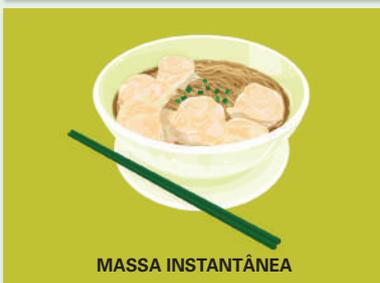
CHÁ GELADO
(com limão ou feijão)



BIFANA



PÃO DE ANANÁS COM MANTEIGA



MASSA INSTANTÂNEA



PASTEL DE NATA



TOSTA FRITA
COM RECHEIO DE MANTEIGA DE
AMENDOIM OU LEITE CONDENSADO



PÃES CHINESES

do muito rapidamente, mas que ali, na sua pequena loja, o mundo parece “inalterado”. Não sabe por quantos mais anos o negócio irá perdurar, já que os seus filhos e sobrinhos “estão todos muito bem empregados tanto em Macau como no estrangeiro” e vai ser difícil que algum deles abra mão da carreira para comandar os 70 empregados que colaboram neste pequeno ‘império’ do tofu.

Interacção com clientes

A fila é longa mas anda depressa. Lá dentro, as 11 mesas quadradas, alinhadas com pequeno espaço entre elas, estão todas ocupadas. Ali também não é lugar para grandes conversas, por isso o entra-e-sai é grande. O Hei Lin Café (

喜蓮咖啡外賣專門店), na vila da Taipa, abriu portas em 1988 pelas mãos do casal Cheong e é conhecido por oferecer um dos melhores menus de *cha chaan teng* de Macau. A ideia nasceu de um gosto pessoal do casal, que gosta de beber café e chás pouco tradicionais, e queria oferecer um *cha chaan teng* que incluísse mais do que apenas chá e bifanas.

A primeira diferença que salta aos olhos é que o Hei Lin não serve jantares. Às 17h00 fecha portas, porque o objectivo é mesmo só servir pequenos-almoços, almoços e lanches da tarde. O menu, portanto, foi pensado para matar a fome nessas refeições: a sopa de macarrão com rabo de boi, o minchi, o *wonton* crocante e a bebida de feijão encarnado com leite de coco são os itens que mais atraem clientes.



A bebida de feijão com leite de coco e a sopa de macarrão com rabo de boi são as estrelas do menu do Hei Lin, na Taipa

Os chás de inspiração taiwanesa, com gelatina de *konjac* (uma espécie de batata), feijões ou frutas em conserva, são os acompanhamentos favoritos. As sandes e os *dumplings* também são muito pedidos.

Para os proprietários, o segredo para a longa vida reside no facto de estarem constantemente a interagir com os clientes. “Usamos sempre ingredientes de qualidade

e estamos constantemente a introduzir novas bebidas. Se um cliente deixa alguma comida no prato, os nossos empregados perguntam sempre o porquê. Se houver algum problema da nossa parte, tal é resolvido imediatamente e tentamos evitá-lo no futuro”, refere o casal Cheong, que tem outros cinco membros da família a trabalhar ali. ■

PUB



ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS, REFORMADOS E
PENSIONISTAS DE MACAU

澳門退休、退役及領取撫恤金人士協會

A APOMAC felicita
a REVISTA MACAU
pelo serviço prestado à RAEM

Avenida de Sidónio Pais, 49B - R/C - Edifício China Plaza - MACAU

Telefone: (+853) 2878 8813 | Fax: (+853) 2878 8223 | E-mail: apomac@macau.ctm.net | Website: www.apomac.net



Os filhos do *pop*

T CATARINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Fenómeno asiático nas décadas 80 e 90 do século passado, o *cantopop*, música popular em cantonês com raízes em Hong Kong, começou a ganhar forma em Macau na era pós-transição. A estabilidade económica e uma maior ligação da população à cultura e língua locais são factores que podem vir a impulsionar o desenvolvimento deste género musical em Macau. Mas e será que o *cantopop* tem hipóteses de se afirmar do outro lado da fronteira?



À MESA de um restaurante italiano no maior casino do mundo fala-se de música pop, de ídolos.

- “Wang Leehom de Taiwan, é bem-parecido, tem talento, toca vários instrumentos”, afirma Hyper Lo.

- “Joey Yung de Hong Kong”, diz em seguida AJ (nome profissional de Adriano Jorge).

É a vez de Josie Ho:

- “Temos gostos semelhantes, embora eu não tenha um sentimento forte em relação a ídolos. Também gosto da Joey Yung, é versátil, continua a progredir de dia para dia, tem boa aparência.”

- “É da cirurgia plástica”, brinca Hyper.

- “Muitos músicos de Hong Kong, até de Macau, querem melhorar a imagem e ficar parecidos com os cantores coreanos”, completa Josie Ho.

Hyper, AJ e Josie são músicos de Macau, estão à frente da SP (Super Partners) Entertainment, uma empresa que, além de promover o trabalho dos três artistas, gere eventos, serve de agente, produz microfilmes.

À hora do almoço, uma luz branca e forte de início de tarde ilumina a pequena mesa de quatro lugares onde nos sentamos. AJ e Josie trabalham neste hotel-casino. Aparecem maquiados, traço preto nos olhos; Hyper chega um pouco depois da hora marcada, traz um boné, que tira ao sentar-se.

“Podemos levar roupa *smart casual*”, tinha escrito Josie por mensagem há uns dias enquanto combinávamos este encontro. É apenas mais um dia qualquer neste restaurante italiano. Ao meu lado estão três artistas de Macau, se alguém dá por isso, não se nota. “Vivemos numa cidade pequena, as pessoas são amigas, não sentem essa distância entre elas e as celebridades”, explica a jovem cantora.

Josie é relações públicas, AJ está no departamento de marketing, Hyper é dos poucos artistas de Macau que trabalha na área da música a tempo inteiro. Em comum têm o *cantopop*.

“Nos anos 1980 e 1990, a indústria musical de Hong Kong atingiu o auge com artistas como Alan Tam, Anita Mui, Jacky Cheung, Leslie Chan”, comenta Josie. “Foram estas pessoas que



HOJE SE HÁ UMA CARACTERÍSTICA COMUM A PRATICAMENTE TODOS OS ARTISTAS POP DE MACAU É A PASSAGEM POR COMPETIÇÕES MUSICAIS NA TELEVISÃO

despertaram o meu interesse pela música, que puseram a indústria de Hong Kong num patamar altíssimo, com letras traduzidas para várias outras línguas”, completa AJ.

Os três jovens de Macau trabalham juntos há cerca de dois anos, cada um

tem um álbum a solo gravado. No currículo constam ainda vários projectos em conjunto. Em Novembro passado lançaram uma compilação de dez temas produzidos para associações e grupos locais. O videoclipe de *Let's get it on*, uma das músicas deste álbum, já

está disponível no YouTube – tem mais de 13 mil visualizações. O tema, criado para o espectáculo de dança do leão de uma associação desportiva de Macau, tem coreografia de Don Choi do Estúdio de Dança Zeal. Hyper, Josie e AJ aparecem a dançar entre um grupo de dançarinos. Na coreografia, estão incorporados movimentos da dança do leão. Mais recentemente filmaram ainda “Super Partners” com o apoio de uma concessionária de jogo americana. O vídeo, disponível no canal YouTube, tem também perto de 13 mil visualizações.

Concursos para começar

Casimiro Pinto ficou para a história como um dos pioneiros do *cantopop* em Macau. Estávamos em meados dos anos 1990, quando o macaense lançou o primeiro álbum de músicas originais escritas em cantonês. “Diria que a fase seguinte começou com a criação [em 2003] dos Prémios de Música Pop da Teledifusão de Macau (TDM)”, nota Hyper Lo. E relembra: “Eram necessários pelo menos dez temas originais para o concurso, então ligavam a toda a gente que conheciam e perguntavam ‘tens uma música nova?’”. Ao longo dos últimos 15 anos foram passando pelos palcos da TDM vários artistas locais – Siu Fay e os irmãos Soler são apenas alguns dos músicos que participaram nas primeiras edições. Hoje, se há uma característica comum a praticamente todos os artistas pop de Macau é a passagem por competições musicais.

Josie Ho, formada em jornalismo nos Estados Unidos, participou no primeiro concurso de talentos de música em 2004 e foi vencedora da edição de 2013 dos Prémios de Música Pop da TDM. Também AJ, licenciado em marketing, finanças e japonês por uma faculdade australiana, participou no Concurso Internacional de Novos Talentos Chineses de Música, em Melbourne.

“Eu diria que 95 por cento dos cantores locais passaram por concursos”, refere Carmen Wong, secretária-geral da Associação de Artistas de Macau. A organização, estabelecida há três anos,



ajuda a promover o trabalho dos artistas de Macau através de uma série de actividades e eventos de caridade. Estão inscritos cerca de 100 sócios, entre músicos, actores, DJ e mestres de cerimónia; apenas 20 dedicam-se à profissão a tempo inteiro, dez estão ligados ao *cantopop*.

Revolução digital

A Chessman Entertainment and Production é uma empresa que trabalha na área da produção musical e formação de músicos e profissionais de palco. Fundada por três sócios em 2001, conta hoje com uma equipa de 50 trabalhadores e um escritório em Hong Kong. Visitamos a empresa parceira – a Chessman Music Industry, estabelecida em 2014 em Macau, que o compositor Pun Kuan Pou, um dos fundadores, nos faz uma visita guiada pelas insta-

lações. Num dos estúdios de gravação, senta-se ao piano, deixa-se estar aí a tocar por uns minutos. É um piano de cauda da marca austríaca Bösendorfer. Foi herança do tio, professor de piano em Macau.

Entre 2007 a 2009, Pun Kuan Pou recebeu uma bolsa do governo local para estudar Música Popular na Universidade de Griffith, Conservatório de Queensland, em Brisbane, Austrália. “É um curso com poucos anos e um conceito completamente novo, que está focado sobretudo na produção, tecnologia de gravação, engenharia de som e composição.”

Inicialmente Pun queria ser músico, mas acabou por escolher uma vida de bastidores, ligada à produção e composição. “Estão aqui alguns dos meus trabalhos”, diz, enquanto entramos no gabinete onde trabalha. No compu-

tador, tem já preparada uma lista de canções, que ficamos a ouvir em silêncio. Primeiro é Elisa Chan, depois Kyla-Mary Ma. “Hoje passa tudo pela Internet”, acaba por interromper. “A forma de comunicação está a mudar completamente, existem telemóveis, websites, escolhe-se simplesmente o que se quer ouvir”.

Foi a televisão de Hong Kong que permitiu nas últimas décadas ao público de Macau entrar e manter o contacto com o *cantopop*. O canal em chinês da Rádio Macau levou também às casas da cidade o que se fazia localmente. “Mas não bastava”, refere o responsável. Os novos média permitiram um contacto permanente entre a música e o consumidor final.

“Nós estamos no iTunes, no KK Box, uma plataforma de música de Taiwan, estamos em plataformas de Hong



Pun Kuan Pou é produtor musical e defende a preservação da música em cantonês

Kong e ainda casas de karaoke”, refere Hyper Lo, director da SP Entertainment.

Mas se por um lado foi a tecnologia que permitiu esta proximidade do público à música, por outro, reflectiu-se também na qualidade artística. Nas gravações “utiliza-se muito *auto tune*, corta-se aqui, corta-se ali e cantas como a Whitney Houston”, sublinha Germano, artista da Chessman.

Letras de amor

Ainda de regresso à lista de canções de Pun Kuan Pou. *Sem uma árvore*, de Elisa Chan, foi uma das músicas vencedoras da edição de 2015 dos Prémios de Música Pop da TDM. O título foi buscar inspiração a um poema budista, a letra fala de amor, de escolhas erradas, do destino. “É *cantopop*?”, pergunto. “Não gosto de rótulos, talvez seja *cantopop*, porque é cantado em cantonês, mas não estou ligado a um género específico. Nos Estados Unidos, se fazes *hip-hop*, só fazes *hip-hop*. Em Macau, se te focas apenas num estilo, não sobrevives”, diz o produtor. E por razões culturais, continua Pun, histórias de amor e de relações são recorrentes neste género musical. “Os chineses são emocionais enquanto nação, as relações são um tema que nos interessa, porque está ligado ao conceito de família e, para os chineses, ter uma grande família é ter uma vida afortunada.”

Perto da Chessman, aí a uns dez minutos a pé, estão os escritórios da Like Entertainment, outra empresa ligada à produção musical. É no quarto andar de um edifício alto da Alameda Dr. Carlos d’Assumpção, no NAPE, que nos encontramos com Sunny Chio, director executivo da empresa, e Alex Ao, estudante de Turismo e músico a tempo parcial. Um retrato a preto e branco de Marilyn Monroe cobre uma das paredes da pequena sala de reuniões. À frente, colocaram um microfone, uma imitação de um daqueles mais antigos, anos 1920, talvez.

Sunny Chio conheceu Alex Ao num concurso de talentos. Alex gostava de cantar músicas lentas. “Mas começá-



Germano Guilherme passou os últimos seis anos a trabalhar como artista num canal de Hong Kong

À SOMBRA DE HONG KONG?

Hyper Lo, director executivo da Like Entertainment, ainda se lembra de assistir nos anos 1990 a espectáculos com músicos locais e de Hong Kong. “O público só queria ouvir os artistas de Hong Kong, vaiava os de Macau”, conta. E recorda Maria Cordero, cantora e apresentadora nascida em Macau, e que fez carreira em Hong Kong. “Ela contou-me que quando começou olhava-se de lado para os músicos de Macau e que, por isso, a geração mais velha não gostava de ser identificada como sendo daqui.”

Sunny Chio, director executivo da Like Entertainment, diz que ainda hoje a RAEM é vista como “um lugar pequeno, de desenvolvimento lento” e que esta imagem se reflecte negativamente no sector artístico: “Os casinos acabam por procurar artistas internacionais, o público-alvo é do Interior da China e, por isso, preferem artistas reconhecidos ou estrangeiros, que façam passar uma imagem de sofisticação”.

Já para o produtor da Chessman, Pun Kuan Pou, falta “aos cidadãos de Macau o desejo de ter a própria música e de alguém que os possa representar”. É uma “questão de orgulho”, refere.

Mas com a indústria saturada em Hong Kong e a falta de oportunidades, são vários os músicos de Macau que têm optado por regressar à cidade onde nasceram. O *boom* económico pós-transição é visto como um possível aliado dos artistas. Germano Guilherme, músico da Chessman, passou os últimos seis anos em Hong Kong. Ao lado de Maria Cordero, o macaense trabalhou como artista na ATV, o mais antigo canal televisivo do mundo com emissões em chinês e que fechou as portas em Abril do ano passado. À semelhança de outros músicos locais que fizeram carreira em Hong Kong – Siu Fay é um deles – Germano optou por voltar a Macau. “Em Hong Kong vê-se muita coisa, experimenta-se muita coisa, mas a oportunidade não chega à tua porta.” Macau, realça, é casa e pode ser uma porta para o mundo.



mos a trabalhar em temas mais ritmados, porque são esses que têm mais saída em eventos”, explica o director. No entanto, Sunny admite que, por razões culturais, é dada mais importância à letra de uma música do que à melodia. “Durante a Dinastia Tang, foram poetas como Li Bai que ganharam fama, e não aqueles que tocavam instrumentos.” No que diz respeito à temática, Alex Ao realça que nos concursos de talentos em Macau é dada preferência a “temas positivos”. “Existe essa expectativa”, diz.

O exemplo coreano

“Noventa por cento dos músicos de Hong Kong são subsidiados pela China e cantam em mandarim”, afirma Hyper Lo, músico e responsável pela SP Entertainment. Para quem quer en-

trar no gigante mercado chinês, a pressão para o fazer é cada vez maior. Diz quem sabe. Casimiro Pinto é considerado o primeiro músico de Macau a assinar um contrato com uma produtora do Interior do País. Depois de o fazer, não voltou ao cantonês. “Na China não há mercado para o cantonês”, garante.

Em Macau existe, ainda assim, um grupo de artistas que quer contrariar essa tendência. “Se Macau e Hong Kong não o fizerem, então ninguém o fará”, realça o responsável da Like Entertainment, Sunny Chio, para quem a manutenção do *cantopop* “é uma missão”. Também Pun Kuan Pou, produtor da Chessman, defende a preservação da música em cantonês. Põe as coisas da seguinte forma: Se o pop coreano conquistou a China, por que não o fará o *cantopop*? “A Coreia conhece o

poder da arte, o alcance de uma estrela. Criou estrelas *pop*, que inspiraram o público e que o levou a consumir.”

A Coreia pode, além disso, servir de exemplo para pensar numa nova estratégia para o desenvolvimento do sector em Macau. Não existe mercado, quem trabalha na área vive sobretudo de apoios governamentais e de convites para cantar em eventos associativos, como explica Josie Ho. “Macau tem milhares de associações que organizam eventos quase à base diária e que procuram artistas para actuarem.” Mas Hyper Lo quer ir mais longe. Defende, por isso, um maior envolvimento do sector empresarial na indústria do entretenimento. Como tem acontecido na Coreia do Sul. “Os músicos associam-se e trabalham com grandes marcas e é isso que estamos a tentar fazer.”



Sunny Chio, produtor musical (à direita), conheceu Alex Ao num concurso de talentos e estabeleceram desde então uma parceria

ERA UMA VEZ EM HONG KONG

T CATARINA DOMINGUES

O *cantopop*, nome pelo qual é conhecida a música popular em cantonês, teve origem em Hong Kong nos anos 1970, atingindo o auge nas duas décadas seguintes. O termo surgiu pela primeira vez em 1978, inspirado num outro termo, o *cantorock*. Um documento publicado em 2007 por ocasião da organização da exposição “Percorrer uma onda de melodias: o desenvolvimento do *cantopop* em Hong Kong”, que se realizou no Museu do Património de Hong Kong, traça o desenvolvimento deste género musical ao longo dos tempos.



APÓS A II GUERRA MUNDIAL

Uma vaga de emigração de famílias abastadas de Xangai levou para Hong Kong formas de entretenimento da terra natal. As músicas em mandarim, consumidas pela classe alta chinesa, foram ganhando espaço em rádios e bares da cidade. Hong Kong gozava de estabilidade política e social e várias culturas populares do exterior encontraram aqui um espaço de divulgação. As massas permaneciam fiéis à clássica ópera cantonense.



ANOS 1960

Em Hong Kong, as camadas mais jovens, influenciadas pelo *disc-jockey* da estação de rádio RTHK Ray Cordeiro, de descendência portuguesa, começou a desenvolver uma paixão pela música popular ocidental. A visita dos Beatles em 1964 teve um impacto forte entre os jovens de Hong Kong, que começaram a formar bandas de música.



INÍCIO DA DÉCADA DE 1970

O *cantopop* encontrava-se ainda numa fase inicial, com pouco interesse entre a classe alta chinesa e a mais jovem. O consumo deste género musical ganhou força entre as camadas populares de Hong Kong e as comunidades chinesas de Singapura e da Malásia. Nesta fase inicial, o *cantopop* incluía *covers* de peças de ópera cantonense, bandas sonoras de cinema ou teatro radiofónico.



DÉCADA 1970

A estabilidade económica levou a um aumento do poder de compra e do espaço para a promoção da cultura local. Políticas públicas lançadas em Hong Kong, como o Plano de Habitação a dez anos e o regime de Educação Gratuita de nove anos, trouxeram maior estabilidade à região e as gerações mais novas já não se viam apenas como visitantes temporários ou refugiados de passagem. Esta identificação com a cidade ganhou voz através da cultura popular.

Também um maior acesso à televisão por parte dos agregados familiares exerceu influência no consumo do *cantopop*. Músicas como a *Ironia Fatal*, o tema principal de uma série televisiva transmitida em 1974, alcançaram enorme sucesso. O fenómeno era para as grandes empresas discográficas revelador do imenso potencial do *cantopop*.

A ascensão da música popular coincidiu com a política de abertura da China e temas em cantonês foram sendo introduzidos no país pelos visitantes de Hong Kong. Também no Sudeste Asiático encontraram-se novos mercados. Foi durante esta altura que se começaram a generalizar os concursos de talentos musicais. Cantavam-se temas de amor, canções moralizadoras sobre a sociedade, vida e filosofia. Criava-se em torno dos artistas uma imagem de culto.



DÉCADAS DE 1980 E 1990

A ascensão do *cantopop* não teria sido possível sem os avanços da tecnologia. Dos discos vinil até aos CD, a tecnologia estreitou a relação entre a música e o consumidor. O karaoke, conceito japonês, foi introduzido em Hong Kong e teve sucesso imediato.

De acordo com o IFPI Hong Kong, empresa que representa a indústria musical local internacionalmente, em 1980, um álbum poderia ganhar um disco de ouro se as vendas anuais alcançassem as 25 mil unidades; o critério para um disco de platina era de 50 mil unidades. Nesse mesmo ano, o IFPI atribuiu 13 discos de ouro e 17 discos de platina a artistas locais. Já em 1988, os números tinham saltado para 23 discos de ouro e 62 de platina. Foi na década de 1980 que abriu o estádio de Hong Kong, em Hung Hom. Com uma capacidade de 12 mil lugares, tornou-se no lugar preferencial para concertos *pop*. Um concerto a solo era o objectivo de todos os cantores e muitos fizeram-no, incluindo Samuel Hui, Paula Tsui, Alan Tam, Leslie Cheung e Anita Mui.

A indústria cinematográfica de Hong Kong, que prosperou entre as décadas de 1970 e 1990, impulsionou a expansão da música popular em cantonês. Sucessos de bilheteira levaram a música para fora da região.



NOVO MILÉNIO

A globalização, os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da Internet tomam nova forma neste novo século. A emergência dos novos média trouxe novas funções à música popular, permitindo às produtoras a criação de apenas uma música e não de um álbum. Na rua, os telemóveis começaram a tocar temas de *cantopop*. Mas a música *pop* acabou por se ressentir, muito também devido ao *download* ilegal, o que se veio a reflectir no número das vendas, que desceu dos 17 mil milhões de dólares de Hong Kong, em 1997, para 0,56 mil milhões, em 2006.

O documento do Museu do Património de Hong Kong aponta ainda que nos anos mais recentes, o *cantopop* tem sido associado a temas de amor, dirigidos aos mais novos, sentido dificuldades em diversificar o seu público. Já notícias recentes avançam, porém, que com a emergência do "localismo" em Hong Kong – um sentimento partilhado pelos locais que querem preservar valores locais e culturais – o *cantopop* poderá estar a renascer.

**LESLIE CHEUNG**

Leslie Cheung nasceu em 1956 e é considerado um dos pais fundadores do *cantopop*. Ícone do *pop* de Hong Kong na década de 1980, foi premiado em várias ocasiões na área da música e do cinema. Leslie está entre os músicos estrangeiros que mais concertos fez no Japão e o artista de *cantopop* que mais vendeu na Coreia do Sul. Em 2003, atirou-se do 24.º andar do hotel Mandarin Oriental, deixando uma carta de despedida onde escrevia que sofria de depressão.

**ANITA MUI**

Cantora e atriz de Hong Kong, Anita Mui é ainda hoje considerada a "Diva do *cantopop*". Também conhecida como a "Madonna asiática", Mui esgotou concertos em Londres e manteve-se na ribalta ao longo de 21 anos.

A artista nasceu em 1963 e era a irmã mais nova de Ann Mui, também cantora e atriz. Anita revolucionou a música *pop* na antiga colônia britânica com a forma sensual de dança em palco e roupas ousadas. Morreu aos 40 anos, em 2003, de doença prolongada. Deixou um legado na área do cinema e da música, mas também na área social, tendo-se destacado pelo trabalho humanitário que desenvolveu.

**EASON CHAN**

Actor e músico, Eason Chan nasceu em 1974 em Hong Kong. É considerado um dos três deuses da música *pop* de Hong Kong, a par com Samuel Hui e Jacky Cheung. Aos 12 anos, foi viver para Inglaterra e foi aí que completou a licenciatura em Arquitectura. Em 1995, venceu o Concurso de Novos Talentos Musicais em Hong Kong, assinando logo de seguida com a Capital Artists. Vencedor de múltiplos prémios, Eason Chan foi o segundo músico não taiwanês – depois de Jacky Cheung – a vencer os Taiwan Golden Melody Awards. Toca vários instrumentos, incluindo piano, violino, acordeão, baixo, guitarra e bateria.

**JOEY YUNG**

Nasceu em 1980 e tinha apenas 15 anos quando participou no Concurso de Música Big Echo, em Hong Kong. Dessa participação resultou a assinatura de um contrato com a Go East Entertainment. A parceria não resultou e só em 1999 Yung viria a relançar a carreira com o Grupo Emperor Entertainment. Foi a partir daí que ganhou visibilidade e uma série de prémios, incluindo o prestigiado Jade Solid Gold Best Ten. Em 2014, a Forbes considerou Yung a 63.ª celebridade mais influente da China, entre um grupo de 100 personalidades.

**JACKY CHEUNG**

Filho de emigrantes chineses, Jacky Cheung, cantor e actor, nasceu em Hong Kong. Com mais de 25 milhões de álbuns vendidos até 2003, Jackie Cheung canta em cantonês, mandarim e inglês. É conhecido pelo timbre de barítono. Tudo começou quando derrotou dez mil candidatos e ganhou o concurso musical Amateur 18-Hong Kong, em 1984, com o tema *Fatherland*. Assinou com a Polygram Records, a actual Universal Music Group. Dos álbuns de maior sucesso contam-se o *True Love Expression* e o *Love Sparks*, lançados em 1992.



Miro, o tradutor de Macau que caiu nas graças da China

É tido como o primeiro músico local a assinar um contrato com uma empresa discográfica do Interior do País. Casimiro Pinto, conhecido no mundo da música como Miro, foi lançado após a transferência de administração, em 1999, como símbolo da convivência secular entre chineses e portugueses em Macau. Em Pequim, o músico, filho de pai português e de mãe chinesa, lançou cinco álbuns. Todos em mandarim

T CATARINA DOMINGUES

A **ÚLTIMA** vez que Casimiro Pinto preencheu as páginas dos jornais de língua portuguesa de Macau foi em 2009, quando se candidatou a um lugar de deputado à Assembleia Legislativa pela “Voz Plural, Gentes de Macau”. A lista, que não conseguiu eleger nenhum dos candidatos, acabaria por cair no esquecimento. Assim como o nome de Casimiro Pinto.

Encontramo-nos no gabinete onde trabalha. Tradutor de formação, o macaense é chefe do departamento dos assuntos linguísticos dos Serviços de Administração e Função Pública de Macau (SAFP).

Casimiro Pinto está entre a papelada, vai assinando uma série de documentos. Encostada à parede, na estante, estão fotos de família. Da janela, vê-se Macau, cá de cima o centro da cidade parece ainda mais velho do que é, falta-lhe cor. Lá ao fundo, do outro lado do rio, vê-se a China a crescer. “Já deixei o mercado da China há muitos anos, mas ainda hoje não vejo um cantor de Macau no mercado chinês.”

De Barry Manilow ao *pop* de Hong Kong

As primeiras memórias são canções chinesas. São da mãe, nascida na Província de Guangdong e que mor-

reu quando Casimiro tinha apenas 12 anos. Casimiro Pinto era filho único, e o pai, português, era militar, estava sempre ocupado. Foi assim que a música entrou na vida deste macaense. Quando chegava da escola, punha “aqueles discos grandes e pretos” a tocar, cantava para acompanhar, agarra-se a essas baladas. “Sentia-me aliviado, ajudava a superar a perda”, conta.

Foi também por volta dessa altura que começou a ter aulas privadas de canto e de piano, mas admite que “estava mais virado para a música *pop*”. O pai ouvia Elvis Presley, Beatles, ABBA, adorava Barry Manilow. Casimiro também. Mas a maior influên-

cia acabou por ser o *pop* cantonês, as músicas de Hong Kong das décadas de 1970 e 1980. Foi Danny Chan, Alan Tam e Leslie Cheung, também foi Jacky Cheung. “Era o que se ouvia em Macau”, relembra. E era o que se cantava. “Na altura havia uma competição de música, um evento enorme com bons músicos, mas que cantavam temas de Hong Kong e eu achava estranho o facto de não serem temas originais.”

Em 1995, Casimiro, então com 25 anos, lança o álbum “Miro” num concerto que foi transmitido em directo pela Rádio Macau. O espectáculo realizou-se no então Fórum de Macau, actual Centro de Actividades Turísticas. Casimiro conta que estavam presentes cerca de 800 pessoas. A produção deste primeiro álbum de músicas originais em cantonês custou cerca de 100 mil patacas e foi Miro que pagou do próprio bolso. Poderia ter ficado por aí, não fosse um dia a China bater-lhe à porta. Corria o ano de 1999, estávamos perto da transferência de administração. Wu Song Jing, produtor da China Records, apareceu em Macau à procura de um músico para interpretar um tema sobre a transição. “Encontrei um póster desse álbum de 1995, ficou muito entusiasmado porque tenho sangue chinês e português e, por isso, achou que eu era a pessoa indicada para interpretar o tema.” *Canção de Amor de 1999* foi o resultado dessa primeira cooperação com o outro lado da fronteira.

Lançado pela televisão chinesa

Miro entrou no novo milénio com o pé direito. A *Canção de Amor de 1999* levou-o nesse mesmo ano à Gala do Ano Novo Chinês do canal de televisão estatal CCTV – um espectáculo de cerca de quatro horas e que hoje é visto por 700 milhões de pessoas. “Por factores históricos e políticos, a música passava em todas as rádios e esteve semanas consecutivas no top em várias províncias.”

Casimiro Pinto participou nas galas de 1999 e de 2000. “No dia a seguir

A CANÇÃO DE AMOR DE 1999 LEVOU-O À GALA DO ANO NOVO CHINÊS DA CCTV – UM ESPECTÁCULO COM 700 MILHÕES DE ESPECTADORES

à primeira gala, quando ia apanhar o voo para Macau, apareceram de repente muitas pessoas a pedir autógrafos e tive mesmo de telefonar ao meu agente para me ajudar a sair dali.”

Estava lançado na China. Miro pediu uma licença sem vencimento – trabalhava como intérprete-tradutor na função pública – e partiu em 2004 para a capital chinesa. Foi com o Grupo Emperor Entertainment de Pequim que lançou o segundo álbum e que subiu aos palcos do país inteiro. Fujian, Jiangsu, Henan, Hunan, Sichuan, Yunan, Guangxi, Guizhou são nomes de apenas algumas das províncias que visitou. “Conheci quase tudo”, refere. O público era “muito bom, muito diferente”.

Miro lançou cinco álbuns na China, todos em mandarim. “Em três deles

incluí sempre uma música em português, apesar de dificilmente ser promovida no Interior do País.”

Regresso a Macau

Em 2008, Miro interpretou em São Francisco, Estados Unidos, *Sorriso*, um tema que criou especialmente para os Jogos Olímpicos, que se realizaram nesse mesmo ano em Pequim. No palco, foi acompanhado pela ex-atleta de ginástica desportiva Sang Lan, que em 1998 sofrera um acidente em Nova Iorque durante os treinos para os Goodwill Games. Paralisada das pernas para baixo, Sang Lan luta hoje pelos direitos dos portadores de deficiência na China. Foi Casimiro que escreveu a letra e compôs a melodia daquele que seria o último tema que lançou no Interior da China.

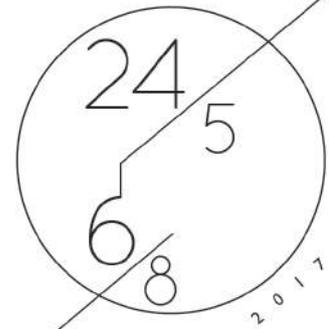
Nesse mesmo ano, depois de um concerto em Macau e das celebrações da passagem da tocha olímpica pela RAEM, regressava de avião a Pequim, quando conheceu a bordo a actual mulher, hospedeira na companhia de bandeira de Macau. “Sentia que precisava de uma família, que já não era um jovem de 20 anos”, recorda, acrescentando que também o mercado na China estava em transição. “Já não havia muito mercado em termos de vendas. Ganhava-se dinheiro a fazer espectáculos e não com a venda de álbuns. Com o *download* ilegal, muitos músicos tiveram de entrar para o mundo das telenovelas.”

A curta carreira deste português terminou em 2008, cerca de uma década depois de ter começado. Mas a China nunca se esqueceu dele. Quando se casou, a CCTV voltou a Macau para o entrevistar. “Vinha no noticiário a dizer que o cantor de Macau, macaense, de sangue português e chinês, tinha casado com uma senhora do norte da China, de Heilongjiang.”

Casimiro Pinto teve dois filhos, voltou à função pública e à tradução. Mas garante que Miro, o músico, não acabou. Assume-se como um homem que gosta de palco e que faz música nos tempos livres. Tem 11 temas em mão. Todos em mandarim. ■

GONÇALO LOBO PINHEIRO





A Arte de ZHANG DAQIAN



www.MAM.gov.mo



藝博館

MAM

Organiza

澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

澳門藝術博物館
MUSEU DE ARTE DE MACAU

四川博物院
SICHUAN MUSEUM

Museu de Arte de Macau, Avenida Xian Xing Hai, Macau. 10:00 - 19:00
(Entrada nas galerias até às 18:30). Encerra às Segundas-feiras. Entrada livre.
Autocarror: No.3A, 8, 10A, 12, 17

facebook 澳門藝術博物館 Macao Museum of Art

FILIPE DORES

Pinceladas solitárias premiadas

T ANTÓNIO CONCEIÇÃO JÚNIOR

O jovem artista macaense foi nomeado pela terceira vez para os galardões atribuídos no âmbito da 205.^a exposição organizada pelo Royal Institute of Painters in Water Colours, em Londres. Em 2015, a obra “Noite de Mário” foi premiada com o “John Purcell Paper Prize” e exibida, na Galeria Mall, na capital inglesa, algo raro para artistas asiáticos







À GEOMETRIA QUE USO NAS MINHAS AGUARELAS FOI SENDO INFLUENCIADA PELAS PLANTAS E ALÇADOS QUE O MEU AVÔ USAVA COMO REFERÊNCIA

FILIPE MIGUEL das Dores nasceu em Macau há 28 anos, é finalista do curso de Artes Visuais do Instituto Politécnico de Macau, conta já com dois prémios da Royal Institute of Painters in Watercolours e é candidato a um terceiro prémio pela mesma instituição britânica – onde, aliás, voltou a expor em Abril, nas Galeria Mall de Londres, duas obras seleccionadas entre mais de 1000 concorrentes.

Feita esta breve introdução, há que considerar que Filipe Dores é uma das raras revelações no panorama artístico dos últimos anos, algo que se pode contar pelos dedos de uma mão, merecendo destaque especial pelo meio utilizado, a aguarela, pela sua escala e pelo ineditismo do modo como foi utilizado, bem distante dos grandes expoentes da aguarela de Macau, nomeadamente George Chinnery, George Smirnoff e Luís Demée, mas nem por isso com menor merecimento.

Existe alguma razão para que tenha enveredado pelo território da arte em geral e da aguarela em particular? Começou com que idade?

Depois do nono ano, escolhi a área das artes para continuar o ensino secundário na Escola Portuguesa, porque achava que era a área que gostava mais e era mais fácil de passar de ano, mas tal não correu como eu pensava. Chumbei no primeiro ano lectivo. No início do ano lectivo, fui à procura do meu primo que tinha acabado o curso de artes visuais, e ele começou a ensinar-me a desenhar e a pintar. Comecei então a fazer *sketchs* rápidos e alguma pintura abstracta. Usámos todos os materiais possíveis para pintar. Por exemplo, retiramos uma porta deitada ao lixo para pintar, aqueci a porta, lancei tinta-da-china, tinta acrílica e a óleo... Foi assim que perdi o interesse nas aulas normais na escola. Depois escolhi o curso nocturno para concluir o secundário, enquanto trabalhava a tempo inteiro ou em regime *part-time*. Ao mesmo tempo praticava a técnica do desenho para passar nos exames de admissão para o curso de artes do Instituto Politécnico de Macau.

O que o levou a escolher a aguarela, considerando que ela é solúvel, e como tal existe um grande desafio para pintar camadas...

Comecei a pintar em aguarela para passar nos exames de admissão do Politécnico, porque a aguarela é um material que seca muito rápido e era uma boa alternativa para aplicar nas provas práticas, que tinham a duração de três horas. No início não pintava com tantas camadas. Certa vez um amigo que pintava muito bem com aguarela aconselhou-me a não utilizar esta tinta para fazer tantos detalhes, já que a aguarela é tida como um material que requer maior liberdade de expressão. Como sou teimoso, fiz o contrário do que ele disse. Pintava cada vez mais em detalhe.

O seu avô também teve uma grande influência no seu trabalho. Toda a geometria que existe nas suas aguarelas ou a própria escala pouco usual das suas obras são influências directas do seu avô?



Quando o meu avô fez as suas últimas maquetes, eu tinha apenas seis ou sete anos. Não sabia nada sobre as escalas que ele usava, mas eu gostava de andar atrás dele a tirar fotografias dos edifícios para ter as referências para fazer maquetes. Acho que a geometria que uso nas minhas aguarelas foi sendo influenciada pelas plantas e alçados que o meu avô usava como referência. Mas não só; a citação de Antoni Gaudí de a linha recta pertencer ao homem e a curva, a Deus também me estimulou a procurar exprimir a sensação de humanidade nos meus trabalhos.

Há uma outra área que confere uma atmosfera muito especial às suas obras: paisagens urbanas nocturnas e despovoadas. Há como que um enorme silêncio em quase todas elas. Quer falar sobre isso?

Cresci numa família singular. Era sempre difícil fazer amigos quando era criança. Eu era muito competitivo e queria sempre ser uma das personagens principais do grupo, mas tanto exagerei que me fazia-me ficar cada vez mais afastado da malta. Esta foi a razão porque comecei a pintar ruas sem pessoas...

Como prepara o seu futuro enquanto artista?

Nunca pensei muito no futuro, ou seja, tenho projectos para criar novas peças de arte, tenho uma visão do que tenho de fazer nesta área das artes, mas, por outro lado, não penso na vida real, ou como é que vou sobreviver. Isso depende do que eu preciso. Neste momento preciso de pagar a renda do estúdio, os materiais para pintar, e a minha comida. Se através da venda das minhas pinturas puder ir sobrevivendo, irei continuar a usar o maior tempo possível para criar arte e absorver conhecimentos de outras áreas, como a história, a filosofia, a política e outros saberes.

Há alguma observação que queira fazer no que se refere ao meio artístico de Macau depois de ter conhecido o de Portugal e o de Inglaterra?

As cidades europeias estão cheias de arte em todo o lado. Em Lisboa a maior parte dos edifícios está definida em antes e depois do terramoto de 1755. Os bairros antigos são preciosos e os turistas visitam-nos muito. Quando fui ao Bar Terraço do Centro Cultural de Belém, reparei que as cadeiras eram concebidas pelo designer Daciano Costa. As cadeiras são bonitas, podem-se manter actuais durante muitos anos, e representam a cultura portuguesa. Gostava muito que em Macau também pudessem existir criações que representassem a cultura macaense contemporânea, que fossem uma projecção para o futuro.



CRÍTICA

A nocturnidade de Filipe Dores

O MEU primeiro impacto perante a visão das aguarelas de Filipe Dores foi uma associação à “Ronda da Noite”, de Rembrandt van Rijn, pintor da luz a nascer da sombra. Porém, a associação cedo se esvaiu e percorreu outras referências, como De Chirico e um certo surrealismo propiciado pelo estímulo das aguarelas nocturnas deste autor de Macau que, antes de completar 28 anos, já venceu duas vezes o prémio do Royal Institute of Painters in Water Colours, sediado em Londres.

Quase toda a exposição de Filipe Dores, patente agora na galeria do Albergue SCM, é percorrida não apenas pelo nocturno, mas também pelo soturno, por uma solidão que, de certo modo, como que conduz a algo semelhante ao “Poder do Silêncio”, de Carlos Castañeda.

Existe aqui uma outra magia, uma abertura de alma que transpõe os cânones da crítica para se situar num discurso cujo registo está eivado de sinceridade e de uma singularidade que apraz registar.

Não é uma pintura confessional. Tampouco é tecnicamente ingénua. Nela transparece o autor em si, seguindo



intuitivamente um percurso capaz de provocar evocações mas jamais cópias de outros.

A pintura de Filipe Dores irá evoluir, estou certo, porque, se o andar faz caminho a singularidade e qualidade das suas obras transportam uma poética nascida do talento, alimentado pela memória dos saberes do avô, e de uma intuição e perspicácia que caracterizam esta vocação, esta sim, confessa.



Se o olhar mais iniciado encontra referências, esse olhar deve percorrer a memória de uma narrativa que é, sempre e também, o património edificado de Macau que Filipe Dores selecciona criteriosamente.

Numa fase mais recente, as duas aguarelas seleccionadas este ano pelo Royal Institute of Painters in Water Colours já comportam um primeiro salto do autor para um jogo de multiplicidades que evocam Maigritte e o surreal do seu “La Reproduction Interdite”, afirmando-se mais convincentemente no processo da surrealização muito singular da sua obra.

Filipe Dores é, sobretudo, um autodidacta. Absorveu de inúmeras fontes, bebeu de inúmeras experiências, visitas a museus, a exposições de amigos, mas ei-lo mantendo uma extrema e ciente fidelidade a si mesmo. A consciência da sua *persona* artística é tal que o seu retrato publicado aqui demonstra a mesma consistência expressiva na fotografia que utiliza nas suas obras. De súbito, o singular, o inusitado, o sombrio iluminado transmuta-se em belo, carregado de um onírico que inspira emoções no espectador. Estamos perante um autor que instintivamente, verdadeiro consigo próprio, comunica e desperta emoções que conduzem ao reconhecimento inevitável da beleza da sua obra. Estamos, assim, perante um processo emocionalmente alquímico, perpetrado por um jovem mais que promissor, que recorre a um veículo tradicional, a aguarela, para se expressar, mas a ponto de o veículo se dissolver na qualidade e conteúdo da obra.

Assim se expressa esta juventude que tem um certo e promissor caminho em frente. ■



F Locanda Films

O meu nome é Gao Rongji, tenho 60 anos e há cinco décadas que faço dos biscoitos a minha profissão. A Pastelaria Fong Kei, na Rua do Cunha (Taipa), abriu portas em 1892, durante o reinado do imperador Guangxu. Inicialmente, a minha família tinha uma casa de chá, que também vendia bolos e biscoitos como acompanhamento. Mas, na verdade, naquela altura não éramos especialistas nos biscoitos.

Aprendi as primeiras receitas quando era um miúdo, com os meus pais, e desde então que me dedico a este negócio. Foi o meu avô quem abriu esta loja há mais de um século. Naquela altura, a Taipa era uma aldeia piscatória, havia umas fábricas também, mas pouca gente vivia deste lado. A Rua do Cunha concentrava uma série de pequenos negócios ligados à comida. Eu tenho fotos de há 60 anos que mostram como isto era pacato.

Na fase inicial da loja, a maioria dos clientes era de Macau. Eles vinham à Taipa passar o dia e compravam sempre os nossos biscoitos.

Antes dos aterros, havia praias muito bonitas nesta zona. Onde fica a estátua da deusa de Kun lan era apenas mar antes. As pessoas vinham de Macau para aproveitar o dia na praia, nadavam aqui e tudo. Quando a fome apertava, vinham à minha loja. Também compravam boas quantidades para levar de volta a casa.

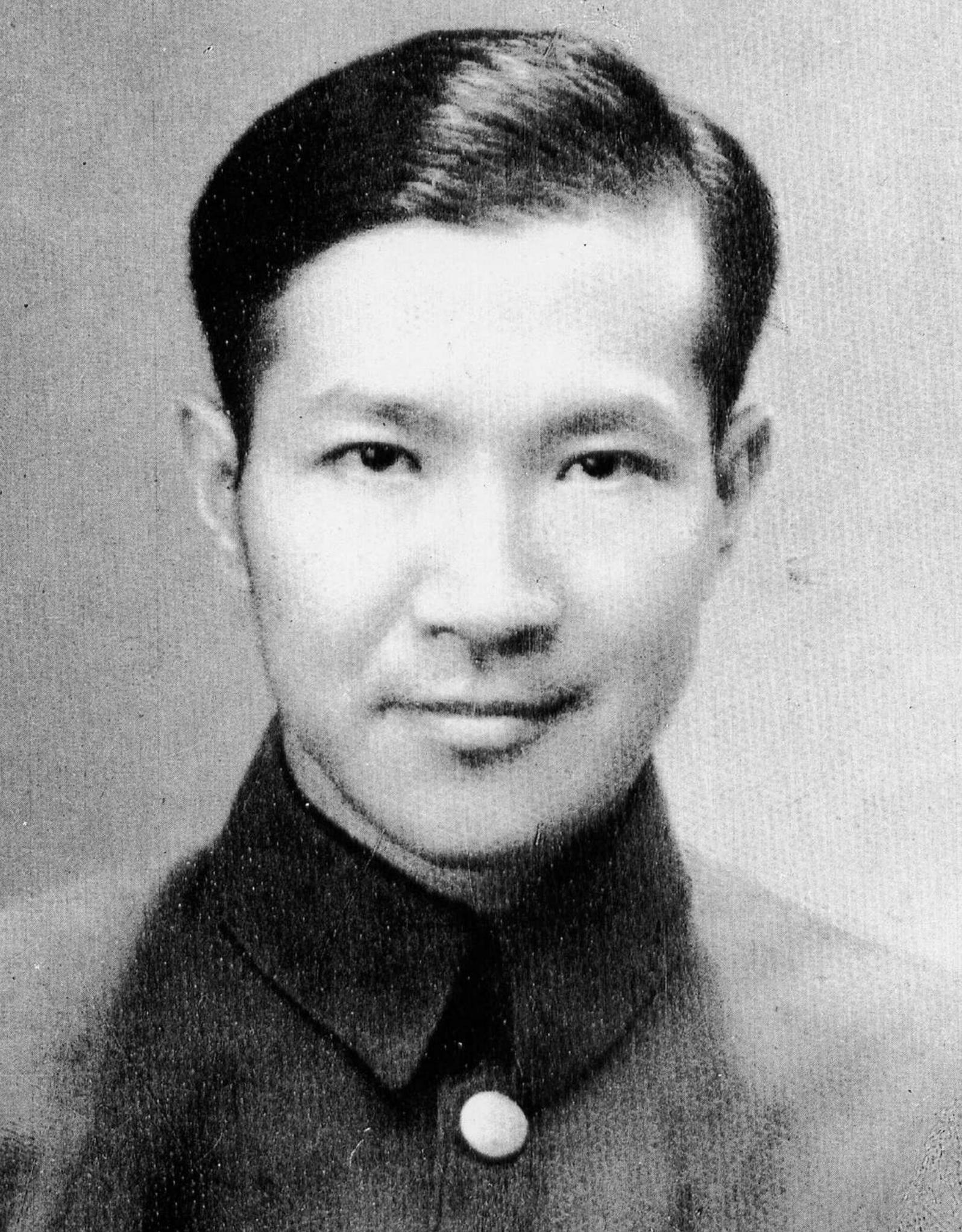
Tínhamos clientes muito leais, que vinham de propósito a Taipa, faziam aquela grande travessia, só para comprar os nossos produtos. Por vezes, quando cá chegavam, aquilo que queriam já estava esgotado. Por isso, passavam a escrever-nos dias antes e mandavam-nos uma carta a comunicar quando vinham e o que queriam. Quando cá chegavam, tínhamos tudo pronto para eles de acordo com o que vinha nas cartas. Eles apareciam e diziam: “Mande-te uma carta com a minha encomenda”. Era bastante fácil gerir as encomendas dessa forma. Isso foi há tanto tempo que esses clientes já nem sequer existem.

Eu tenho aqui um livro do 32.º ano do reinado de Guangxu com as receitas dos bolos e biscoitos. Os meus familiares também anotavam aqui os nomes dos empregados e os seus respectivos salários. Nós ainda seguimos as indicações deste livro; só fazemos os nossos produtos pelo método tradicional, totalmente artesanal. Se mandássemos isto para uma fábrica ou pedíssemos a outras pessoas para fazerem, não seria a mesma coisa. O sabor não era o mesmo. Por isso queremos manter o negócio na família, a seguir apenas a receita de sempre, com os nossos sabores. Passados todos estes anos, o biscoito ainda é o mesmo. Se depender de mim, não mudará jamais.

*Este retrato é um dos episódios da série documental *Os Resistentes: Retratos de Macau*, da autoria do realizador António Caetano Faria.







XIAN XINGHAI

Entre o mar e as estrelas

Nasceu em Macau, estudou em Paris, sentou-se à mesa com Mao Zedong e combateu a ocupação japonesa através da música. Xian Xinghai viveu 40 anos, compôs seis centenas de obras, mas é ainda um nome desconhecido de muitos em Macau. Nos planos do Governo local está a criação de um memorial dedicado ao compositor patriótico

T CATARINA DOMINGUES

FILHO DE gente do mar, Xian Xinghai nasceu em Macau, na Praia do Manduco, entre o comércio, a doca, entre os barcos de pesca. Esta é a versão que gera maior consenso entre especialistas e que estabelece Macau como o berço de uma das mais proeminentes figuras da música chinesa.

Mas Panyu, distrito de Cantão, na Província chinesa de Guangdong, também reclama o título. Sabe-se que foi aí que nasceu Xian Xitai, pai de Xian Xinghai. Foi aí, aliás, que foi erguido em 2005 um museu em honra do compositor.

“Certa vez os responsáveis de Panyu pediram à filha de Xian Xinghai que dissesse em público que foi aí que o pai nasceu. A filha ficou muito zangada e disse que existem provas que o pai nasceu em Macau”, recorda Yin Limin, estudioso e profundo conhecedor da vida e obra do compositor.

Yin Limin, que hoje se senta connosco à mesa de um café de Macau, tem 84 anos, nasceu em Xangai e trabalhou ao longo de três décadas no Instituto Cultural de Macau, tendo apoiado a organização de várias actividades ligadas a Xian Xinghai. É com a ajuda deste homem que tentamos traçar o percurso de vida do compositor.

Yin Limin passa-nos um pequeno dispositivo USB. Lá dentro, pastas organizadas levam-nos ao mundo de um dos maiores compositores chineses da história, que em breve terá também um memorial erguido na cidade onde nasceu, conforme anunciou o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, nas Linhas de Acção Governativa para 2017. “A filha do compositor vai ficar muito feliz com este museu. Há muito material sobre Xian Xinghai em Pequim e Panyu, o maior problema na criação de um memorial como estes em Macau vai ser encontrar objectos para ter em exposição”, realça.

De Macau a Xangai

Diz-se que quando Xian Xinghai nasceu, a família pouco mais tinha além das estrelas e do mar. Daí ter recebido o nome de Xian (apelido de família) Xing (estrela) Hai (mar). Nasceu no

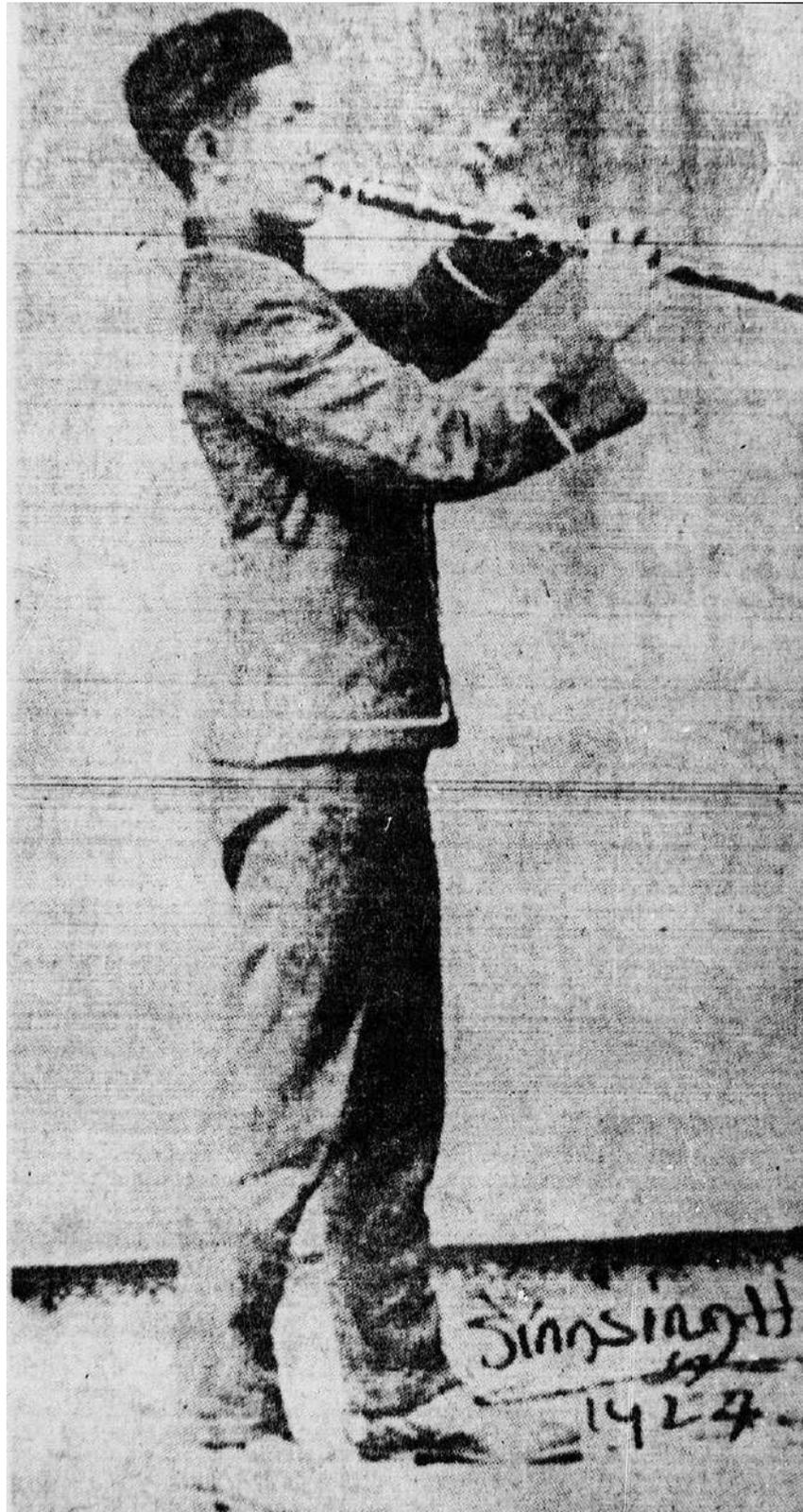
dia 13 de Junho de 1905. O pai, Xian Xitai, que nunca chegou a conhecer, morreu ainda novo, aos 36 anos de idade, deixando a mulher, Huang Suying, viúva, pobre e grávida.

Xinghai viveu a primeira infância em Macau, de onde era originária a mãe, lavadeira e costureira. “Lemos na Internet informações de que a mãe é de Cantão, mas está errado”, admite Yin Limin.

Huang Suying foi, aliás, a “primeira educadora musical do filho”, escreveu Chio In Fong num artigo publicado na MACAU em 1995, ano em que se celebraram os 50 anos da morte do compositor. “Quando Xian Xinghai ainda era bebé, a mãe embalava-o, cantando-lhe canções de crianças (já crescido, ele compôs uma canção a partir de uma que ela lhe costumava cantarolar e que dizia ‘Trabalhámos mais porque éramos pobres’)”, escreveu a autora do artigo.

Aos seis anos, o pequeno partiu com a mãe para Singapura. Foi na cidade-Estado que frequentou a escola primária e começou a desenvolver o interesse pela música. Mais tarde,







já com 14 anos, Xinghai foi enviado por um professor para Cantão, onde estudou música na escola secundária anexa à Universidade de Lingnan.

Chegou a Pequim aos 22 anos, dividindo-se entre os estudos em violino e um trabalho numa biblioteca. Na direcção do instituto estava na altura Xiao Youmei, músico originário de Zhongshan, Província de Guangdong, que cresceu em Macau, estudou no Japão e na Alemanha. Foi no pequeno território que Xiao Youmei, considerado o pai da música moderna da China, contactou pela primeira vez com a música ocidental. “Costumava ouvir a música que chegava da casa de um padre vizinho”, realça Yin Limin.

Xiao Youmei foi um dos fundadores do Conservatório Nacional de Música de Xangai, que Xian Xinghai frequentou a partir de 1928. Aí estudou piano e violino, tendo vindo a ser expulso pouco depois por participar numa greve de estudantes.

Passagem por Paris

De Xangai, Xian Xinghai partiu para França, onde trabalhou como empregado de mesa, ajudou numa barbearia e continuou a estudar música. Xinghai foi admitido no Conservatório de Música de Paris para estudar composição e direcção de orquestra. Era o único estudante chinês e, no dia do exame de admissão, foi parado à porta do edifício “por não estar vestido com roupas luxuosas”, lê-se numa das pequenas biografias cedidas por Yin Limin.

No conservatório teve como professores Noël Gallon, Paul Oberdöffer e ainda Vincent D’Indy, mestre de muitos outros nomes da música mundial: Pierre Capdevielle, Arthur Honegger e Leevi Antti Madetoja.

Sobre a estadia em Paris, Chio In Fong escreveu em 1995: “Numa noite fria do ano de 1932, o vento gelado e forte entra na casa modesta e pobre de Xian, não o deixando conciliar o sono. Foi então que compôs *O Vento*. Esta obra seria muito apreciada pelo professor Noël Gallon, que a propôs para o concerto de originais do Conservatório de Música de Paris, acabando por receber muitos elogios de vários músicos famosos.”

Além de *O Vento*, Paris foi inspiração de outras obras, entre elas *Nostalgia dos Emigrantes* e *A Poesia Antiga da China*. As peças deste compositor chinês passaram na Radioffusion Française. Diz-se que o célebre compositor russo Sergey Prokofiev era um dos seus admiradores.

Combater o Japão através da música

Foi em meados do anos 1930 que Xian Xinghai decidiu regressar a casa. Durante a segunda guerra sino-japonesa, que decorreu entre 1937 e 1945, integrou um grupo de teatro que levou a todo o país propaganda anti-nipónica.

Conheceu a mulher em Wuhan, Província de Hubei, e deste casamento viria a nascer a única filha do casal, Xian Nina, actualmente a viver em Zhejiang, na cidade de Hangzhou.

Em 1938 foi viver para Yan’an, Província de Shaanxi, onde foi professor na Escola de Artes de Lu Xun. Yan’an é hoje considerado o berço da revolução comunista – foi aí que terminou a Grande Marcha liderada por Mao Zedong.

Durante este período, participou activamente na campanha contra a ocupação japonesa. A luta e a resistência ficaram registadas no trabalho do compositor. São exemplos *O Canto dos Guerrilheiros*, *A Canção Militar de Salvação da Pátria*, *Sangue Quente* e *Canções da Meia-Noite*.

“Xian Xinghai era um patriota”, realça o especialista Yin Limin. “Na altura, em Yan’an, a população em geral participava no Partido Comunista e Xian fê-lo a partir de 1939. Muitos jovens estiveram na resistência da guerra contra os japoneses. Não considero, porém, que Xian seja uma pessoa política, porque de todas as obras que compôs, nenhuma louvava o Partido Comunista ou Mao Zedong. Também escreveu músicas artísticas”, refere Yin Limin.

Mas se, por um lado, Xinghai não estava ligado ao fundador da República Popular da China, a verdade é que antes de partir para a então União Soviética, Mao convidou-o para jantar em sua casa.

Xian Xinghai não teve oportunidade de passar muito



祖父名實添祖盧氏操工作業
 父親名喜春生于陰曆己巳年九月廿六日亥時操航運
 業考命廿六歲終于十月廿五日申時
 母親黃氏生于壬申年寅月初日酉時父沒時世三歲
 現去居澳門生于父沒越年三月十一日亥時自一五
 歲多病有生以沒寄居外祖父家(名黃錦村七操航運
 及七歲外祖父沒遂遷居星洲後乘各事操必必之
 籍貫番禺此是世所歷大劫至於頓事已不憶記憶
 矣
 世黃氏字守
 夏曆甲午

牀前明月光疑是
 地上霜舉頭望
 小月低頭思故
 鄉

偶讀李白靜夜思有感
 於中一特錄之以贈好友
 王仲威以志新解字迹之
 寂寂云年一孔穿寫於
 民國卅二年 夏初時客
 烏蘭已特示

GONÇALO LOBO PINHEIRO





EMISSÃO FILATÉLICA

Em Junho de 2015, os Correios de Macau lançaram uma emissão filatélica especial em honra do compositor, pelo seu 110.º aniversário de nascimento, assinada pelo arquitecto macaense Carlos Marreiros. A emissão é composta por um conjunto de quatro selos e um bloco filatélico, assinalando os quatro estágios da vida de Xian Xinghai: o nascimento em Macau em 1905; os estudos em Paris em 1934; a regência musical em Yan'an em 1939, e, por fim, a sua morte em Moscovo, em 1945. No *design* dos selos, as cores de fundo – verde esmeralda, verde oliva, vermelho e púrpura – destacam quatro imagens de Xian para ilustrar os seus 40 anos de vida gloriosa; no bloco filatélico, ao fundo a quatro cores sobrepõe-se uma imagem do músico em pose heróica, a segurar um bastão, relembrando o ritmo e a melodia da *Cantata do Rio Amarelo*.

tempo com a filha e a mulher. Em 1940 viajou para São Petersburgo (na altura chamava-se Leninegrado), onde estudou e trabalhou no Conservatório de Música. Nos planos do compositor, estava também um projecto musical para um documentário, cuja produção viria a ser cancelada devido aos confrontos da II Guerra Mundial. Xinghai tentou voltar a Yan'an através de Xinjiang, mas Sheng Shicai, senhor da guerra que, na altura, estava de costas voltadas para a União Soviética, não permitiu que isso acontecesse.

Sem conseguir regressar a casa, o compositor viajou até Almaty, no Cazaquistão. Foi aí que concluiu a *Sinfonia de Libertação Nacional*, a *Guerra Santa e Vermelho*.

Xian Xinghai morreu a 30 de Outubro de 1945, vítima de problemas pulmonares. Tinha apenas 40 anos quando foi enterrado num cemitério nos subúrbios do Moscovo.

A música de Xinghai

Xian Xinghai viveu apenas quatro décadas, mas deixou um legado de cerca de 600 composições musicais, sendo que apenas duas centenas foram recuperadas. Nenhuma destas obras tem Macau como pano de fundo, admite Yin Limin.

“Na fase inicial, quando Xian Xinghai esteve em França, produziu composições para violino de estilo ocidental, mas depois de regressar à China, eram músicas de revolução, mais ao estilo chinês com técnicas ocidentais”, refere.

Cantata do Rio Amarelo é a obra mais representativa do compositor, tendo sido mesmo considerada o canto histórico do movimento de libertação chinesa. A música combina técnicas modernas de composição com o estilo das canções tradicionais anti-nipónicas.

“Esta obra foi feita em apenas seis dias numa barraca muito modesta em Yan'an. A letra foi escrita por Guang Weiran. O poeta quando desceu o Rio Amarelo, em Novembro de 1938, inspirou-se na vida árdua dos navegantes, lutando contra o vento forte e as ondas grandes”, nota Chio In Fong na biografia que escreveu sobre o Xinghai.

Cantata do Rio Amarelo viria a ser executada em vários pontos do globo, desde os Estados Unidos, passando pelo Canadá, Malásia e Japão. Em 1985, cerca de mil pessoas cantaram em palco o tema durante o Festival de Artes de Hong Kong.

O especialista Yin Limin considera Xian Xinghai um dos mais importantes nomes da música chinesa moderna, a par do “Rei dos Violinistas”, Ma Sicong, que fugiu para os Estados Unidos durante a Revolução Cultural; Nie Er, compositor da *Marcha dos Voluntários*, o hino chinês, e Xiao Youmei, Huang Tzu e He Luting, ligados à direcção do Conservatório de Música de Xangai. Muitos nomes se seguiram. Entre os alunos de Xinghai destacam-se Ma Ke, nascido em Xuzhou e que se juntou ao movimento anti-japonês na Província de Henan, e Li Huangzhi, originário de Hong Kong e fundador da Orquestra Nacional Tradicional da China, em Pequim.

Nas escolas de Macau, “em geral não se cantam músicas do compositor”, vinca Yin Limin. “Xian Xinghai escreveu muitas músicas ligadas à política e Macau é um local pacífico.” ■

A FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES

FELICITA A

REVISTA MACAU

PELO SERVIÇO PRESTADO A MACAU



FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES

Edifício Castil
Rua Castilho nº. 39 – 11º - I
1250-068 Lisboa - Portugal

Tel.: 351 213 153 282 - Fax: 351 213 151 944
e-mail: fundacao@jorgealvares.com
site: www.jorgealvares.com

Felicitamos a Revista Macau
pelo serviço prestado à RAEM



Tradições

FESTA PARA NATCHA





T FERNANDO SALES LOPES
F TATIANA LAGES

NA TCHA (哪吒) que afasta as epidemias e protege os cidadãos de Macau, outra divindade-criança à semelhança de Tam Kung, comemora o seu aniversário no 18.º dia da 5.ª Lua, a que corresponde neste ano de 2017 ao dia 12 de Junho do calendário gregoriano

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

Como alguns outros deuses da religião popular, Na Tcha tem a sua origem numa divindade hindu, no caso Natá, a quem foi alterada a identidade, passando para a Religião Popular Chinesa através do Budismo. Assinale-se que Natá, a original divindade hindu, é tida como o terceiro filho de Vaisravana, enquanto que Na Tcha é, na versão chinesa, o terceiro filho de Li Ching.

LENDA DE NA TCHA

Segundo uma das lendas em redor da sua vida, Na Tcha teria sido enviado à terra pelo Imperador de Jade para destruir os demónios, tendo para tal encarnado no terceiro filho do general Li Ching, daí o ser nomeado por vezes como Sam Tai Chi (romanização cantonense para 三太子, ou San Tai Zi, em mandarim), o que significa o Terceiro Príncipe.

O seu nascimento e a sua meninice estão envoltos em mistérios e poderes sobrenaturais que originaram uma morte precoce. A gravidez da sua mãe terá durado três anos e meio. A senhora Yin deu à luz uma abjecta bola de carne que rolou pelo chão dos aposentos. O pai, sentindo estar perante o demónio, puxou da espada e cortou a bola ao meio. Do interior saiu uma criança envolta num pano de seda vermelho, com um bracelete dourado numa das mãos, simbolizando o universo. A criança sorria enquanto dava saltos fantásticos, revelando ser um brincahão irreverente e possuidor de poderes sobre-humanos (ver caixa).

Ainda de tenra idade, e num momento de confronto, Na Tcha mata um dos filhos do Dragão do Mar de Les-te. Suicida-se em seguida num acto de piedade filial, pois sabia que o Imperador de Jade puniria os seus pais por aquele acto. Valeu-lhe o mestre taoista que, conhecedor do futuro, lhe devolve a vida. Dá-lhe uma lança mágica e duas rodas de fogo e vento, que colocadas sob os seus pés lhe permitiam flutuar. Na Tcha renasceu assim, ainda com mais e maiores poderes. A imortalidade, as suas artes para afastar os maus espíritos e com eles doenças e calamidades, fizeram de Na Tcha uma divindade de especial devoção.



Na Tcha é figura de destaque na compilação da grande aventura épica da *Deificação dos Deuses* e preenche diversos capítulos da obra, desde o seu fantástico nascimento até ao que culmina com a Criação dos Estados pelo Rei de Wu.

Termina a grande aventura com o mítico combate na companhia de seu pai, o general Li Jing, dos seus irmãos, de Wei Wu, discípulo do Mestre Celestial da Divina Virtude, e do Raio, discípulo do Mestre das Nuvens.

NA TCHA E MACAU

Tal como acontece com a maior parte das divindades populares chinesas, para além da crença nas suas amplas e reconhecidas virtudes como aliados dos humanos junto do panteão das divindades, há necessidade de se estabelecer uma ligação ao local de veneração, através de milagres ou de outros actos fantásticos. Com Na Tcha passa-se o mesmo. Para além das curas milagrosas e do refrear das pestes, tem também em Macau uma lenda que justifica a elevação dos templos e a fervorosa crença nas suas virtudes. Acredita-se que a divindade-criança apareceu e desapareceu muitas vezes naquele local que levaria à edificação do primeiro pequeno templo, localizado na Calçada das Verdades, e ao arrear da crença, assim como a sua especial protecção às crianças. A pedra onde se verificava a materialização da divindade ainda hoje é referida e reconhecida pelos crentes.

OS TEMPLOS

Existem em Macau dois templos dedicados a Na Tcha: um encostado às Ruínas de São Paulo, junto ao que resta de um troço das antigas muralhas, e outro mais pequeno de construção característica no cruzamento da Calçada das Verdades com a Travessa de Sancho Pança.

Este é um dos mais antigos templos da cidade. Há referências a 1676 como a data da sua edificação, o que não é desmentido pela datação chinesa que o leva aos princípios da Dinastia Ming. Este pequeno templo teve a sua primeira reconstrução em 1898, data da construção do que ombreia com São Paulo. Dedicado a Na





RITUAIS

Os rituais taoistas prolongam-se normalmente por várias horas. Embora eles difiram nos diversos ramos do taoísmo religioso, regra geral passam pela purificação do espaço, a invocação das divindades, por variadas preces e recitações de fórmulas secretas, passos de dança e estranhas deambulações. Os monges ostentam nos bordados das suas vestes grande parte da simbologia taoista, nomeadamente dragões, nuvens, as fases da lua, trigramas, as cinco montanhas sagradas, os animais do zodíaco e imagens de diversas divindades ou dos oito imortais.

Tcha, mas também a Tou Tei, ao Rei Macaco, a Sam Leong mãe de Mêncio e a Wei Zi, o templo junto às Ruínas de São Paulo forma com estas e o troço de muralha adjacente um conjunto que faz parte do Património Mundial da Unesco.

A FARMÁCIA

Embora a memória de hoje pareça tê-lo esquecido, o certo é que descrições dos anos 20 do século passado ainda referem a existência de uma farmácia chinesa adjacente ao templo da Calçada das Verdades. Os seus medicamentos tinham fama de serem eficazes e miraculosos na cura de todos os males. A sua existência faz sentido, pois estando Na Tcha ligado à cura das doenças e ao afastamento das pestes e seus malefícios, não será estranha a importância da sua farmácia, acreditando-se, mesmo, que tais misturas milagrosas saíam das mãos de Na Tcha.

CERIMÓNIAS

Na Tcha, que tem nos fuquinenses e nos hakkas os seus maiores seguidores, é uma divindade da religião popular aceite pelos heterodoxos taoistas, que a reconhecem como o “Marechal do Altar Central” (中壇元). Em sua honra se desenvolvem diversas cerimónias religiosas nos dias festivos anteriores à sua data de aniver-



sário e, neste mesmo dia, nos dois templos que lhe são dedicados.

OS MOMENTOS DAS CERIMÓNIAS

No templo junto às Ruínas de São Paulo, as cerimónias taoistas dedicadas ao céu e às almas desenvolvem-se em dois momentos: pela manhã, a cerimónia do céu e na parte da tarde, a das almas. A primeira – onde são pedidos a Na Tcha paz, prosperidade e saúde para toda a população – é designada como a roda da sorte, com os monges a dar três voltas ao templo, “limpando” o espaço e fazendo os pedidos de paz e segurança para a população.

Na cerimónia da tarde dedicada às almas, pede-se pela libertação de todos os males, assim como por ajuda para a resolução de problemas que não foram solucionados anteriormente. A cerimónia culmina com a queima do “Kuai Wong”, a representação do diabo.

Já no pequeno templo da Calçada das Verdades as cerimónias têm características muito próprias. Iniciam-se

pela manhã também com a cerimónia do céu, contudo o grande momento acontece à tarde, com a “Abertura do Selo”. Trata-se de um momento de espectáculo que os crentes seguem com toda a atenção e emoção. O envolvimento de médiuns, o estado de transe e o exorcismo de demónios são práticas utilizadas, assim como a automu-

MATERIALIZAÇÃO

Na Tcha é uma das divindades a quem são atribuídos poderes de se materializar no espírito dos médiuns. Embora tal crença seja essencialmente seguida por fuquinenses, tal não significa que não seja partilhada também por muitos cantonenses. O espírito de Na Tcha é convocado pelo médium que, possuído de poderes sobrenaturais, assegura através de estranhas práticas e do seu próprio sangue a presença da divindade.



民政總署
INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS CÍVICOS E MUNICIPAIS

tilação para a utilização do próprio sangue na escrita de ideogramas auspiciosos. O sangue é tido como protecção contra o demónio. É recolhido pelos crentes em peças de vestuário e outros panos e levado para as suas casas como protecção. Amuletos que se penduram em casa, se cosem nas roupas ou que se guardam para quando a doença vier, principalmente nas crianças, esperando, assim, a cura (ver caixa).

AS PROCISSÕES

Nos dois templos preparam-se as procissões. Embora se realizem em dias separados, ambas consagram o culto de NaTcha e a crença no afugentar de maleitas. Noutros tempos, Na Tcha percorria as ruas da cidade sempre que qualquer epidemia atingisse Macau. Assim a divindade, com os seus poderes, protegia a terra e as gentes dos efeitos nocivos da pestilência. O mesmo sucedia noutros locais, talvez por isso o dia que lhe é dedicado com frequência varie – em Hong Kong, por exemplo, dedica-se o 18.º dia da 3.ª Lua à divindade. Na região vizinha, o culto iniciou-se em consequência de uma forte epidemia que grassou em Sham Shui Po, em 1894. Coincidência ou não, o templo em Hong Kong viria a ser construído em 1898, tal como o que em Macau está paredes-meias com as Ruínas de São Paulo.

Aberto o Selo na Calçada das Verdades, começa a bênção de Na Tcha, Sam Tai Tze, o Terceiro Príncipe, e forma-se a procissão, em que a divindade, representada por uma criança vestida e maquilhada a rigor, será acompanhada pelos seus irmãos, virtuosos como ele, embora em sectores diferentes das maravilhas celestiais. Preparam-se para aben-

NA TELEVISÃO

Na Tcha tornou-se também uma personagem famosa em séries televisivas de artes marciais e também no grande ecrã, nomeadamente com o filme *Na Tcha, o Grande* produzido em Taiwan em 1974, dramatizando todas as fantásticas aventuras atribuídas à popular divindade.

çoar a cidade e as gentes com a sua passagem pelas ruas e estabelecimentos. Acompanhadas pelos crentes e admiradas pelos turistas, as procissões percorrem as ruas da zona do Largo do Senado ao templo de A-Má, no Patane, e por vezes estende-se às ilhas, num ambiente de festa com música, Dança do Leão e outras artes festivas.

Os que desempenham o papel das divindades e acompanhantes, com movimentos descontrolados como que em transe, agem como se nos seus corpos vibrasse a força da divindade. Segundo elementos dos templos, a fé na divindade transcende o espaço de Macau afirmando que todos os anos regressam à região crentes de Hong Kong, de Taiwan e do Interior do País para agradecerem a protecção que a divindade lhes dedicou, pedindo paz, saúde e felicidade para mais um ano de bênçãos.

Nas procissões, com a imagem de Na Tcha, a sua representação pela criança, a postura dos elementos que as acompanham, com movimentos e danças enigmáticas, são de assinalar pela sua beleza e originalidade. As celebrações de Na Tcha fazem parte da lista de património cultural intangível de Macau. ■





Na primeira pessoa: pelos caminhos da arquitectura e das artes plásticas

T CATARINA DOMINGUES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

A arquitectura e as artes plásticas não existem uma sem a outra na vida de Alexandre Marreiros. Dois universos que convergem desde os tempos de infância, quando o macaense e os amigos se apropriavam do que restava de obras embargadas e erguiam um mundo de cabanas

SE ALEXANDRE Marreiros tivesse de escolher outra época para nascer, seria o Renascimento – o homem no centro do universo, a renovação literária, artística, o romper definitivo com a religiosidade da Idade Média. Se fosse um livro, não saberia dizer qual. Um arquitecto de eleição, o brasileiro Oscar Niemeyer. A cidade de sempre é Lisboa, porque passou lá quase toda a vida, porque tem a luz de nenhuma outra cidade. E se, por um lado, Portugal é onde se sente em casa, foi o ser português que o fez procurar outras paragens: primeiro o Brasil, agora Macau.

À janela da casa onde vive com a família no centro de Macau chegam as luzes do hotel-casino Grand Lisboa. Mas Alexandre Marreiros continua a preferir a expressão natural dos materiais. Define o projecto de Carrilho da Graça para as Ruínas de São Paulo como a maior obra de arquitectura da cidade, porque tem a capacidade de resumir séculos de história.

Em entrevista à MACAU, o jovem arquitecto e artista plástico macaense de 32 anos fala de sítios proibidos, homens e mulheres que mudaram a sua vida, da arquitectura-espectáculo e daquela que promove a cultura e a identidade. Já a arte, diz, é o maior exercício do ponto de vista humano, sensorial e científico. Na vida deste macaense, a arquitectura e as artes plásticas são duas coisas completamente diferentes, mas não existem uma sem a outra.

Estes são alguns excertos de uma conversa e de uma viagem, que teve início no Monte do Estoril.

Era uma vez no Monte do Estoril

Nasci em Cascais. Vivi sempre no Monte do Estoril, uma espécie de barriga entre dois pais, que eram Cascais e Estoril. Era uma espécie de ponto de charneira, podíamos pôr um pezinho em Cascais, um no Estoril e voltar àquela aldeia de gauleses. Era assim uma coisa perdida no espaço, um pouco esquecida, graças a Deus.

Frequentei a escola básica do Monte do Estoril, mais tarde fui para o Colégio Militar, mas a experiência foi curta. Não foi fácil, correu mal. Eu não era um miúdo muito bem comportado, sou neto de militares e uma coisa levou à outra. Serviu-me de alguma maneira para sair de uma postura que eu tinha.

Antes de chegar à escola básica do Monte do Estoril, vinha de um colégio religioso. De repente tive acesso a uma data de coisas e ideias novas, não era um ensino tão direccionado para a religião.

Não vou à missa, não sou praticante. Sou espiritual, acho. Uma parte da minha família era muito ligada à igreja. Fui obrigado a ler a Bíblia, ia à missa, mas desde muito cedo levantaram-se uma série de questões que me fizeram levantar as minhas próprias questões. Tive liberdade da minha mãe para poder escolher aquilo que eu achava melhor.

Eu queria ser pintor, artista plástico, gostava muito de desenhar e pintar quando era miúdo. Mas estava dividido.

Tive a sorte de brincar na rua. Nos anos 1990 toda a gente parecia ter dinheiro e havia sempre um grande excedente



NA VIDA DESTA MACAENSE, A ARQUITECTURA E AS ARTES PLÁSTICAS SÃO DUAS COISAS COMPLETAMENTE DIFERENTES, MAS NÃO EXISTEM UMA SEM A OUTRA

de material. O Monte do Estoril era um sítio altamente apetecível para construir condomínios de luxo, muitas obras ficavam embargadas e isso fascinava-nos, porque eram sítios proibidos. Roubávamos barrotes de madeira, fazíamos cabanas com carpetes, com tacos, pregávamos, serrávamos. Foi muito importante porque eu gostava de construir e a arquitectura é construção. Eu tinha esse fascínio pelo universo da obra e uma obra embargada geralmente aparece em betão. Talvez seja por isso, ou não, que eu gosto muito de cimento, gosto muito de betão.

Pelos caminhos da adolescência

Depois do primeiro ciclo fui para uma escola pública secundária em Alcabideche chamada Ibn Mucana. Desde muito cedo soube que ia estar ligado ou às artes ou à arquitectura e foi aí que conheci dois professores que foram muito importantes: João Botelho e António Correia. Era forte a influência

destas duas pessoas naquela escola. Aconteceu numa altura em que eles, dois artistas que também eram ali da zona, optaram por dar aulas. Acabaram por fazer uma coisa muito interessante: dentro de uma escola mais ou menos conservadora, criaram um grupo de alunos de arte que tinha expressão no meio de muitos alunos de outras áreas. Isso acabou por ser importantíssimo e isso foi muito bom para mim enquanto aluno, enquanto ser humano.

Terminei o secundário numa escola em Cascais. Gostava de fazer *bodyboard* já desde os dez ou 12 anos, então tinha sempre esta relação muito grande com o mar. A escola ficava muito perto do Guincho.

Nessa altura não sabia bem o que queria estudar, estava indeciso entre Artes Plásticas, Belas Artes, Arquitectura e queria tirar melhores notas a Geometria, porque era um aluno péssimo a esta disciplina no liceu. Acabei por ir um ano trabalhar com o arquitecto Eduardo Flores, que está cá hoje em Macau e que também foi muito importante no meu processo de aprendizagem e na minha opção de mais tarde ir estudar Arquitectura. Era estagiário, dei ali os meus primeiros passos.

Entretanto terminei a licenciatura e o mestrado. Se me perguntares se estava preparado para ir para o mercado de trabalho, digo-te que não estava. Mas acho que sabia pensar a arquitectura.

Entre a arquitectura e as artes plásticas

Primeiro é a arquitectura, depois as artes plásticas. Não sou pintor, não sou escultor, porque não considero que tenha a técnica, que aliás não é o que eu procuro nas artes plásticas. Para mim, a arte é o maior exercício que nós podemos ter do ponto de vista humano, sensorial, científico.

Em Portugal tinha um grupo de amigos engraçados, éramos activos, fazíamos exposições, exposições independentes. As amigadas de liceu foram importantes porque discutíamos muitas coisas. Isto perdeu-se, hoje em dia os arquitectos estão para um lado, os artistas para outro. Tenho amigos artistas plásticos que percebem e entendem a arquitectura melhor do que muitos arquitectos, e conheço vários arquitectos que parecem ser muito sensíveis, preocupados e interessados nas artes plásticas. É um *cocktail* interessante, abriu um espaço de diálogo e ajudou a explorar outras coisas.

As artes plásticas surgiram de uma necessidade e curiosidade que eu tinha e de um exercício que me facultava o pensamento sobre a arquitectura, ou seja, o desenho é muito importante para a construção de uma ideia, seja ela na pintura, na escultura, na arquitectura. E como eu sempre desenhei muito, penso que, por um lado, o desenho conduziu-me à arquitectura, mas por outro, levantou algumas questões que me conduziram a outros domínios, a outros territórios que não só a arquitectura. Porque até muito tarde achava que uma estava ligada à outra, arquitectura e arte, mas desde que comecei a trabalhar mais em arquitectura, acho que são duas coisas completamente diferentes.

Se existe arte na arquitectura? Existe, mas é um por cento.

Gosto de cor, mas prefiro a expressão natural dos materiais. Nas artes plásticas, até há pouco tempo, tinha medo da cor, não conseguia fazer mais nada a não ser o branco e o preto, que não são cores – uma é a luz total, a outra é a ausência de luz. E eu tinha algum medo de utilizar a cor, até que isso mudou curiosamente quando fui para o Brasil.

Trabalhei em favelas e a cor é predominante, não há preto e branco, apaixonei-me de tal modo por aquelas composições, que acabei por usar cor.

Caminho para o Brasil

Era difícil ficar em Portugal. De alguma forma é uma coisa boa ser português. Agostinho da Silva dizia qualquer coisa como: eu tive uma sorte enorme em ter nascido em Portugal, porque há uma identidade, ser português é curioso, vive-se ao pé do mar e o mar tem um campo imaginário inacreditável e que nos faz ser curiosos para poder partir para outras coisas.

Senti pena de não poder contribuir para o meu país, mas ao mesmo tempo estou muito grato por ter nascido português.

No Brasil estava a suceder uma coisa assustadora, víamos pessoas no nosso dia-a-dia no supermercado a comprar leite para os filhos a crédito, pão a crédito, parcelado. Tudo indicava que aquilo era um verdadeiro barril de pólvora. E nós decidimos sair, um pouco contra a minha vontade. No Brasil tive oportunidade de trabalhar em arquitectura, mas acabei por desenvolver trabalho artístico. Não estava à espera, mas houve pessoas importantes que se cruzaram na minha vida, assim, um pouco ao acaso.

A arte contemporânea brasileira para mim é das melhores que existe no mundo e comecei a levantar outras questões, a pensar noutras coisas, tive acesso ao trabalho do Amílcar de Castro, Lygia Pape, Lygia Clark, Tunga e uma série de coisas que me deslumbraram. Acabou por ser uma experiência muito mais sensorial, artística do que propriamente arquitectónica, embora também tivesse ido para estudar Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Burle Marx, esses grandes arquitectos de quem eu gosto. Acabou por ser muito feliz este encontro entre o universo arquitectónico e o artístico.

Do Brasil vim para Macau. Foi em 2014.

Macau hoje

Trabalho no escritório da Joy Choi, uma arquitecta chinesa local.

A boa arquitectura nunca será um espectáculo, nunca será um *show off*. A boa arquitectura promove cultura, identidade, dá-nos pistas, faz-nos pensar.

A arquitectura tem de planear, deixar um legado e, acima de tudo, tem de dar condições para as pessoas viverem melhor numa cidade que está atafalhada, em que não existe arquitectura, em que existe construção, que são duas coisas diferentes. Penso que são muito importantes os vazios na cidade e quando hoje em dia se fala de Nam Van, aquele gesto de Manuel Vicente é importantíssimo para nos fazer



Em “Tropicalia Club”, última exposição de Alexandre Marreiros, que se realizou no início do ano no Creative Macau, o artista revelou ao público uma série de trabalhos em desenho e outros suportes artísticos. Influências de autores ou obras em áreas como a arquitectura, literatura ou filosofia estiveram representadas na exposição.

respirar. É importante criar vazios, é preciso dar espaço às coisas para elas se perceberem, para serem lidas.

[Em relação à possível demolição do antigo Hotel Estoril na Praça do Tap Seac]. A arquitectura tem de ser vivida, não vale a pena estar ali com um edifício que guarda memórias. Acho que falta uma coisa, que é rematar a praça do Tap Seac. A praça como nós a entendemos – nós, não estou a falar de arquitectura – é um sítio de permanência. Não pode ser um sítio onde tu paras cinco minutos do teu dia. Um cruzamento é uma coisa, uma praça é outra. Uma praça é sempre feita de quatro elementos, no mínimo. Não posso ser egoísta ao ponto de querer que prevaleçam memórias. A arquitectura é a história das coisas construídas e que as pessoas usam. Repara que hoje o Centro Cultural de Belém, ali ao pé do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, está completamente digerido. A arquitectura é temporal, engane-se a pessoa que acha que hoje em dia ainda fazemos igrejas góticas, que têm de durar e perdurar.

A obra de eleição

Ruínas de São Paulo. Adoro aquele trabalho [de recuperação e musealização] do Carrilho da Graça. Aquilo só podia ser e não mais nada podia ser do que uma ruína e não fazer, como vi, projectos e propostas de reconstrução de uma igreja, catedral. Não, a memória é aquela, a história conta-nos que houve algo que abalou toda a estrutura e que aqui prevaleceu como uma ruína.

Se entrarmos naquela ruína, o arquitecto conta-nos vá-

rias histórias. Aquele muro do lado esquerdo (do outro lado está o templo de Na Tcha), se não tivesse dois metros e dez e tivesse três metros ou mais, não contava a história de que houve a religião católica, houve o budismo, não houve conflitos. Ele deixa a ruína falar, sem presunção, as pistas estão lá. A história resumida de Macau de há 500 anos está numa obra de arquitectura.

Identidade(s)

Sou português. Sou um português macaense. Vou apropriar-me das palavras de Vinicius de Moraes, que dizia ser o branco mais negro do Brasil. Talvez eu seja o português mais chinês de Portugal ou o português mais macaense de Portugal, não sei. Sou macaense, sinto Macau, os meus pais são macaenses e eu cresci dentro de uma cultura macaense, mas houve todo um contexto que me fez criar uma identidade portuguesa.

As memórias que eu tenho de Macau: transforma-se muito rapidamente. Lembro-me de uma altura em que havia uma cultura macaense muito mais implantada, mais vinçada, depois começou por se diluir. Hoje Macau é um local com partes da cultura macaense congelada, na arquitectura, nas suas pessoas, nas pessoas que ainda têm influência como macaenses e que fazem muito por esta cidade, pela cultura e identidade.

Longe do círculo de Portugal

É difícil, mas também te dá mais tempo para tu não teres alternativas. Acabei por ter mais tempo para tentar responder

às dúvidas que eu tinha. Não podia ligar para um amigo e dizer: vem jantar, que achas disto? Acabei por ter mais tempo para pensar sobre as dúvidas que tinha.

Macau é um lugar em que parece que as pessoas não têm tempo e, às vezes, para colocar uma questão, tens de construir todo um ambiente, tempo e lugar. Tenho bons amigos aqui, não são os amigos que tive toda a vida. Encontrei outras coisas boas, tive de reformular as minhas questões, a forma de as perguntar.

Fotografia como suporte

A fotografia é talvez o mecanismo mais imediato de registo. Sempre desenhei, fotografei, escrevi pela necessidade do registo. Às vezes vou buscar coisas que fotografei, que desenhei, que estão paradas, esquecidas, e encontro pontos de partida muito interessantes para construir a ideia de um trabalho.

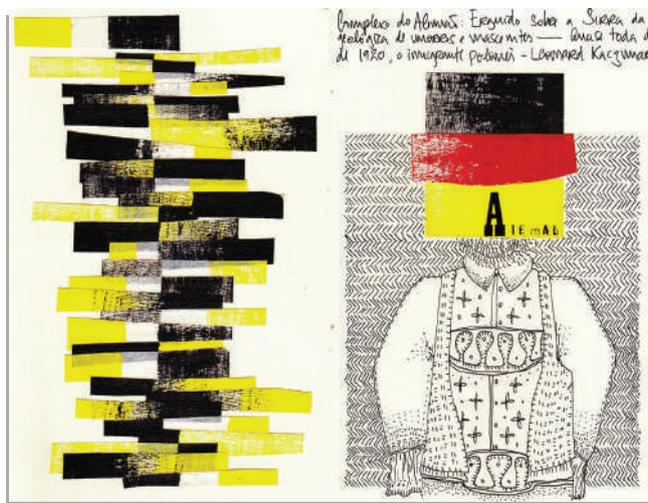
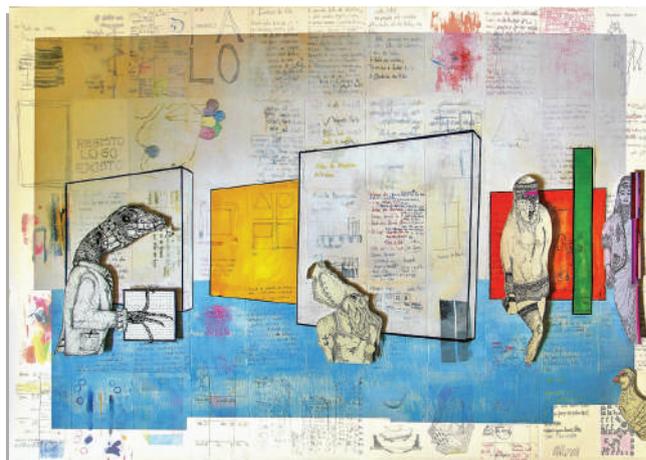
Tenho usado a fotografia como suporte. O suporte é geralmente um papel ou uma tela. Keith Haring, por exemplo, usava a arquitectura como suporte. Começou por desenhar nas estações do metro, utilizou o edifício como suporte, como ponto de partida para se expressar, desenhar, pintar. Eu uso a fotografia como se fosse uma folha em branco, uma tela para, a partir daí, poder contar aquilo que eu entendo que tenho de contar.

Podes ver o trabalho que fiz para o [penúltimo] Festival Literário de Macau [o Rota das Letras]. Chama-se o *Lugar do Entre*. São quatro fotografias muito grandes e eu pinto sobre elas. A fotografia, que por si já era de interesse plástico e fotográfico, era de um projecto de Oscar Niemeyer, que é o Museu de Arte Moderna de Niterói. Portanto há uma sobreposição de trabalhos. [Por cima] fiz pintura, desenho, serigrafia, decalque, transposição de imagem e aquilo tornou-se em qualquer coisa que foi experimental, que eu acho que correu muito bem. Vês as coisas muito toscas e muito certinhas.

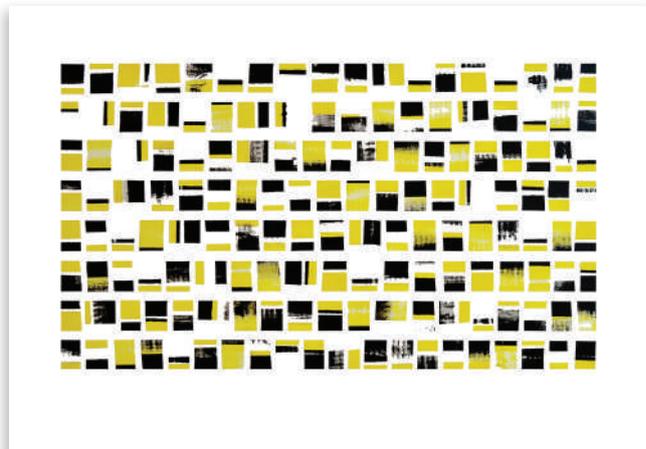
Expor em Macau

Concorri à Montra de Artes de Macau para jovens artistas, fui seleccionado e tive oportunidade de expor um trabalho [concebido no Brasil], que falava da favela, de valores humanos.

Começou com um registo exaustivo de desenho e de fotografia e acabou por necessidade na pintura, porque só na pintura eu ia conseguir buscar aquilo que eu queria trabalhar da favela, que era a cor, a composição, a relação entre o vazio e o cheio. Utilizei fita-cola, tinta, excedentes de coisas que tinha e acabei por apresentar uma série de desenhos que chamei na altura *A Fauna Carioca*, em que desenhei figuras que generalizavam e caracterizavam certas personagens influentes da sociedade carioca. Não há ali uma única personagem saudável. Coisas más. Depois acabei por apresentar um registo fotográfico. Registava tudo cada vez que ia ao Complexo do Alemão, onde passei muitos meses. Acabei por achar que aquilo tinha um conteúdo interessante para



“A ARTE É O MAIOR EXERCÍCIO QUE NÓS
PODEMOS TER DO PONTO DE VISTA
HUMANO, SENSORIAL, CIENTÍFICO”





“SOU PORTUGUÊS. SOU UM PORTUGUÊS MACAENSE. VOU APROPRIAR-ME DAS PALAVRAS DE VINICIUS DE MORAES, QUE DIZIA SER O BRANCO MAIS NEGRO DO BRASIL. TALVEZ EU SEJA O PORTUGUÊS MAIS CHINÊS DE PORTUGAL OU O PORTUGUÊS MAIS MACAENSE DE PORTUGAL, NÃO SEI”

poder compor, expor, mostrar e tentar dar pistas ao observador que pudessem conduzir a uma ideia do que é a favela, a identidade, a cultura e, acima de tudo, alguns bons valores humanos que se perdem.

Perguntavam-se: “mas isto é para dizer que a favela tem outra maneira de estar?” Para mim que fiz aquele trabalho não faz sentido eu colocar esta pergunta ou respondê-la. A favela é uma expressão do nosso tempo, ela é necessária, infelizmente, mas acima de tudo cria a sua identidade. Mostrar isto em Macau – nós que temos tanto ou começamos a ter um problema de identidade – está lançada aí a minha questão.

O processo de trabalho

Gosto de desenhar com grande pormenor porque me dá tempo para pensar e gosto muito de desenhar com o mínimo de tempo possível. Ando muito nesta procura.

Há situações em que corre tudo bem num curto espaço de tempo, consigo desenhar, usar a cor ou pintar. A ideia, a concepção e o resultado é imediato e não toco mais. Existem outros processos em que procuro, acrescento, apago, reformulo e, da ideia à conclusão, passo por uma espécie de montanha-russa, deixo de acreditar, volto a tentar encarar e aquilo vira outra coisa qualquer, ou um pesadelo ou qualquer coisa boa.

Às vezes tenho de pintar até às tantas da manhã aqui em casa porque trabalho durante o dia como arquitecto. Chega ao sábado quando posso ver as coisas à luz e elas mudam, porque uma coisa é estar a trabalhar com uma luz artificial, outra é vê-las à luz natural.

No futuro quero desenvolver-me como arquitecto, artista plástico, ser humano, continuar a ter a possibilidade de pensar, ler, viajar, levantar questões e produzir. ■

CONCERTO DE ENCERRAMENTO DA TEMPORADE

EINE FLORENTINISCHE TRAGÖDIE



29 / 07 / 2017

20:00

Sábado

Local

Centro Cultural de Macau - Grande Auditório

Bilhetes

MOP 400 / 350 / 250 / 150

Os Bilhetes à venda na Bilheteira Online de Macau

Reserva de Bilhetes

www.macauticket.com / 2855 5555

Desconto exclusivo de 30% na compra de bilhetes para portadores de Cartão de Crédito Multi-Moedas do BOC ou de Cartão do BOC

Soprano

MyungJoo Lee

Tenor

Erik Nelson Werner

Barítono

Paul Kong

Programa

Mahler: Canções de um viandante

Zemlinsky: Eine florentinische Tragödie, Op. 16

Para mais informações sobre descontos, é favor visitar www.icm.gov.mo/om



Maestro

Lü Jia



PORTUGAL DOS PEQUENINOS

Um espectáculo dedicado às crianças é a proposta do trio composto por Tomás Ramos de Deus, Felipe Fontenelle e Miguel Andrade. O projecto *Castelos no Ar* vai subir ao palco do Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau no próximo dia 9 de Junho, pelas 20h00



Depois de Sunny Side Up e 80&Tal, o trio quer agora surpreender Macau com um trabalho temático dedicado exclusivamente aos mais pequeninos. A ideia surgiu muito facilmente, confidenciou à MACAU o vocalista principal do grupo, Tomás Ramos de Deus. “O projecto demorou cerca de cinco meses a ser composto, produzido e impresso. Mas todos nós tivemos muita inspiração. Pensámos nos nossos

filhos e sobrinhos e a coisa fluiu muito bem.” Com o apoio da Casa de Portugal, nasceu o disco e depois apareceu a necessidade de tocá-lo ao vivo. Para isso, o trio convidou o acordeonista português Carlos Lopes. “Achámos que seria interessante acrescentar elementos tradicionais portugueses. Daí termos convidado o Carlos.” A apresentação do disco composto por 12 faixas, com músicas próprias e

inéditas do imaginário infantil, traz a lume escritos de poetas portugueses consagrados e está integrada nas comemorações do Dia de Portugal. “São poemas infantis, mas escritos de forma rica, com um vocabulário rico. É importante transmitir essa ideia. Que não vamos para ali cantar o *Atirei o Pau ao Gato* ou a *Que Linda Falua*. Este disco é muito mais do que Músicas da Carochinha.” Entre as poemas musicados que



o público pode ouvir durante o espectáculo destacam-se *Carrossel*, de Luísa Ducla Soares, *No Fundo Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andersen, *Os Livros*, de José Jorge Letria, ou *Gato que Brincas na Rua* de Fernando Pessoa.

Tomás Ramos de Deus, na voz e na guitarra, Felipe Fontenelle, também na voz, no baixo, percussão e guitarra, e Miguel Andrade, apenas na guitarra, estão satisfeitos com o resultado e esperam que o público mais pequeno “difícil de captar a atenção” também aprecie. “O mundo das crianças é algo de muito complicado. Digo isso porque é preciso captar a atenção delas e isso é uma tarefa árdua. Penso que está um trabalho muito giro”, refere o vocalista do trio.

O concerto é basicamente a apresentação do disco. Contudo, “12 músicas parece-nos muito pouco para um espectáculo, por isso, vamos levar mais temas para complementar”. Expectativas altas? “Espero que corra tudo bem. Acima de tudo, o nosso desejo é que os pais compareçam e tragam os seus filhos. Queremos que isto seja um evento de família pois só assim fará sentido. Haverá muita interação.”

O grupo espera ainda que o trabalho não fique esquecido neste disco e concerto. A ideia é levá-lo até às escolas, até porque sentem que têm uma missão. “Estamos a tentar uma parceria com a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Gostávamos muito de ir às escolas porque, no final das contas, tudo isto tem uma componente pedagógica. Nós queremos participar directamente na educação das crianças através da música.”

CASTELOS NO AR

TOMÁS RAMOS DE DEUS, FELIPE FONTENELLE E MIGUEL ANDRADE
9 DE JUNHO, 20H00
PEQUENO AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE MACAU

Entrada gratuita mediante levantamento de ingresso na sede da Casa de Portugal



MÚSICA

Marcel Khalife: Músicas do Mundo em Concerto

As sonoridades da música do Médio Oriente voltam a Macau com o libanês Marcel Khalife a subir ao palco do Centro Cultural de Macau. O espectáculo combina a tradição do alaúde e o jazz, os ritmos da música clássica e da música popular. Marcel Khalife é um dos músicos árabes contemporâneos que mais se destacam na cena musical internacional. A sua contribuição para promover as artes e a cultura foi reconhecida através de diversos galardões, como o Prémio Palestina para a música em 1999, a designação de Artista para a Paz da UNESCO, em 2005, e o prémio da Academia Charles Cross, em 2007.

17 DE JUNHO, 20H00

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 100

Recital de violino com Richard Lin

Nascido nos Estados Unidos mas com raízes em Taiwan, Richard Lin apresenta em Macau uma selecção para violino de grandes clássicos de Mozart, Szymanowski, Fauré e Sarasate. Com apenas 26 anos – e uma carreira de quase duas décadas –, Richard Lin já recebeu vários galardões internacionais, entre os quais o primeiro lugar da Competição Musical Internacional de Sendai (Japão) e a terceira classificação na Competição Internacional de Violino Joseph Joachim de Hannover (Alemanha).

18 DE JUNHO, 20H00

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 160

Concerto de Encerramento da Temporada 2016-17 da Orquestra de Macau

A Orquestra de Macau irá encerrar a temporada musical de 2016-17 com uma versão concerto de “Eine florentinische Tragödie” (Uma Tragédia Florentina), a ópera mais famosa de Alexander von Zemlinsky, baseada numa peça de teatro incompleta de Oscar Wilde. Tendo como cenário Florença no período renascentista, a ópera relata a história de um duelo entre um rico comerciante e um nobre motivado por um caso amoroso.

29 DE JULHO, 20H00

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 160

Thriller Live

O espectáculo de música e dança percorre os maiores sucessos de Michael Jackson. “Thriller Live” foi criado para comemorar a carreira de um dos maiores artistas da música contemporânea, incluindo uma performance ao vivo com todas as rotinas de dança de Michael Jackson e um repertório musical conhecido do público.

ATÉ 3 DE SETEMBRO

THE PARISIAN THEATRE

Bilhetes a partir de MOP 180



CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA CARTOGRÁFICA ONLINE

Um projecto de investigação pioneiro da Universidade de Ciência e Tecnologia conseguiu reunir, nos últimos quatro anos, mais de 2500 mapas e atlas de Macau produzidos entre os séculos XV e XX. Uma parte da colecção está agora disponível online e pode ser explorada de forma gratuita no sítio electrónico da biblioteca da instituição

O projecto “Mapeamento Global de Macau” propôs uma meta ambiciosa em 2013, quando foi lançado: recolher o maior número possível de mapas e atlas relacionados com a região, com o objectivo de criar a mais completa colecção cartográfica para os estudos de Macau. Quatro anos passados, a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa) apresenta agora, de forma online e com acesso livre, uma parte da investigação que continua a avançar. Para já, o acervo, disponível online em gmom.must.edu.mo, conta com 500 mapas dos séculos XV a XX. Já nas instalações da biblioteca, estão disponíveis no total 700 mapas, “incluindo alguns de elevado valor histórico”, aponta a MUST. Mas há mais a caminho. Já foram reunidas 2500 imagens no total e a vasta maioria encontra-se em processo de catalogação. O processo de recolha é a nível global e baseia-se numa investigação a fundo que recorre a acervos de bibliotecas, arquivos, museus e outras organizações internacionais. A Biblioteca Apostólica do Vaticano – a mais antiga biblioteca europeia, fundada em 1450 – e a biblioteca da Universidade de

Harvard, que tem em sua posse mais de 600 mil mapas originais, deram acesso total à universidade para que duplicasse todo o material cartográfico relacionado com Macau. As bibliotecas da Universidade de Oxford e do Congresso dos Estados Unidos são outras importantes bases de referência para o projecto.

Dado o interesse público no acervo, a biblioteca promete que “tudo será tornado público” pouco a pouco, à medida que o trabalho de arquivamento vai sendo concluído. “Os mapas antigos são materiais históricos extremamente valiosos. Ao mesmo tempo em que assinalavam aspectos hidrográficos, os primeiros

cartógrafos incluíam ilustrações das figuras ou estórias mais características dos lugares, retratando vivamente o conhecimento ou mesmo a imaginação da altura”, explica a instituição. Todo o processo de investigação é bastante lento, devido a um número reduzido de colaboradores especializados na área. Além da dificuldade em manusear milhares de fontes, o facto da maioria das legendas encontrar-se em latim, português, francês ou italiano e a necessidade de conhecimentos sólidos em história e geografia mundiais tornaram-se entraves, segundo aponta Dai Longji, director da biblioteca da MUST, que conta que graças ao empenho e

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE PEQUIM



Neste mapa de finais do século XIX, constam os 14 concelhos de Cantão Fu (hoje a cidade de Cantão) durante a Dinastia Qing. A península de Macau é retratada através de três edifícios: as Portas do Cerco, a Igreja de São Paulo e outro assinalado apenas como Macau

UNIVERSIDADE DE HARVARD



Este mapa foi desenhado com base na informação reunida pela frota de James Cook, durante a sua terceira missão no Pacífico em 1780



BIBLIOTECA NACIONAL DA AUSTRÁLIA

Mapa que retrata a Macau de 1650 e que mostra as muralhas da cidade

entusiasmo dos seus colaboradores em debruçar-se sobre a história de Macau foi possível avançar.

Há pelo menos 400 anos que Macau figura nos mapas mundiais desenhados pelo Ocidente, dando testemunho à identidade de Macau como uma das cidades mais conhecidas no Extremo Oriente, e do importante papel que desempenhava no intercâmbio entre a China e o Mundo Ocidental. O acervo cartográfico inclui fontes relacionadas com as rotas Lisboa-Goa-Macau, Macau-Nagasaki ou Macau-Manila-Acapulco, planos urbanísticos, ilustrações, cartas hidrográficas ou ainda quadros náuticos. “Estes mapas antigos podem ajudar-nos a conhecer de perto a história de Macau e a conhecer as glórias e os duros golpes que a cidade viveu ao longo dos tempos. Ao mesmo tempo, estes mapas antigos não deixam de ser obras de arte magnificamente trabalhadas. Pensamos que são capazes de oferecer abundante inspiração à indústria cultural e criativa de Macau”, acrescentam os responsáveis da universidade.

MAPEAMENTO GLOBAL DE MACAU

CONSULTA PERMANENTE DE MAPAS DE MACAU DISPONÍVEL EM GMOM.MUST.EDU.MO OU PRESENCIALMENTE NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MACAU

Acesso gratuito



Estatuetas de Cerâmica e Selos dos 108 Heróis de Shui Hu

Mostra de cerâmica de Shivan, carimbos, caligrafia e poesia que faz parte do espólio do Museu de Arte de Macau. A coleção inclui pinturas do artista local Chan Chi Wai e carimbos concebidos pelo mestre Lam Kan e os seus alunos Wong Hong Wa, Chou Sei Keong, Ho Ban, bem como uma série de peças de cerâmica do artista Lau Au Sang, doadas pela Associação Budista Soka Gakkai Internacional de Macau.

ATÉ 19 DE NOVEMBRO

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada livre



Exposição de Obras de Arte dos Membros do Comité da Juventude da Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau 2017

A mostra apresenta 50 obras de 22 membros da Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau, entre eles artistas, professores e estudantes de cursos superiores de arte locais. A exposição tem como objectivo mostrar a vitalidade artística da juventude local.

ATÉ 25 DE JUNHO

ANIM'ARTE NAM VAN, SALA S1

Entrada livre



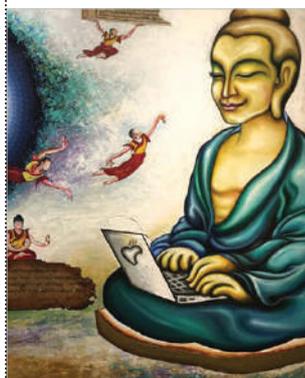
A Golden Way of Life – TRES'ORS

Com curadoria de Anne Camili e no âmbito do festival Le French May, a exposição TRES'ORS reúne 150 criações em ouro que foram emprestadas por vários museus franceses e colecionadores privados naquela que é a primeira exposição do tipo. Destaque para as peças religiosas do Museu Notre-Dame de Fourvière de Lyon, relógios dos séculos XVIII e XIX do Museu de l'Horlogerie de Morteau, ou ainda a escultura “La Jeune Fille à la Colombe”, de Zadkine.

ATÉ 3 DE SETEMBRO

MGM MACAU

Entrada livre



Tibete Revelado: Arte do Tecto do Mundo

A galeria local reúne 20 obras contemporâneas e 30 thangkas (rolos de pintura com figuras religiosas do budismo) da autoria de artistas tibetanos a viver na região chinesa ou fora dela, com o objectivo de demonstrar a beleza e a complexidade da cultura e da religião tibetanas. Um dos artistas em destaque é Tashi Norbu, que actualmente vive na Holanda e que traz a Macau algumas das suas pinturas em exposição na Semana de Arte Asiática de Nova Iorque.

ATÉ 22 DE JUNHO

GALERIA IAO HIN

RUA DA TERCENA, 39, MACAU

VALORES E AMBIÇÕES DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E CHINESES EM LIVRO

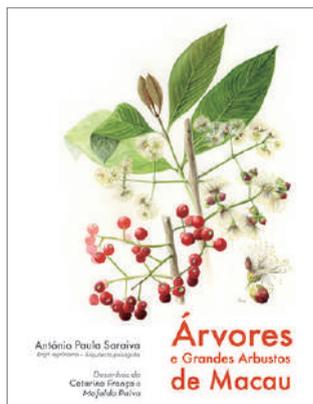
Os estudantes universitários chineses dedicam mais tempo ao estudo dentro e fora da sala de aula do que os brasileiros. Já o estatuto trabalhador-estudante é mais comum no Brasil do que na China. A análise, que resultou na obra *Jovens universitários em um mundo em transformação: Uma pesquisa sino-brasileira*, é a primeira investigação conjunta na área das Ciências Sociais entre o Brasil e a China

Mais de metade (52,5 por cento) dos alunos universitários brasileiros concilia trabalho e estudos, ao passo que na China apenas um quarto dos estudantes do ensino superior o faz. No que diz respeito à diferença entre sexos, na China há mais mulheres a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo, sendo que no Brasil não existe diferença significativa entre os géneros, apesar dos homens estarem ligeiramente em maioria nesta situação. Estes são alguns dos resultados do estudo *Jovens universitários em um mundo em transformação: Uma pesquisa sino-brasileira*, obra bilingue português-chinês publicada em finais de 2016. Trata-se da primeira investigação conjunta Brasil-China no campo das Ciências Sociais e



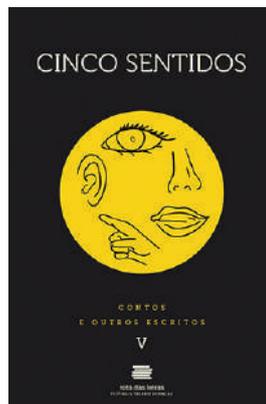
apresenta um retrato comparativo das origens sociais e quotidiano dos universitários brasileiros e chineses, valores, modos de vida, expectativas e ambições em relação ao mercado laboral. Segundo Eduardo Luiz Zen, um dos colaboradores e organizadores desta investigação, como o sistema de ensino chinês é mais exigente em termos de carga horária, torna-se difícil para os universitários chineses conciliar estudos e trabalho. No que diz respeito à participação associativa dos estudantes universitários, são os chineses que, segundo o estudo que inquiriu 4137 estudantes, estão mais envolvidos em actividades de associações. No Brasil, onde há maior presença dos jovens universitários no mercado de trabalho

PARA LER



Árvores e Grandes Arbustos de Macau António Manuel de Paula Saraiva BABEL, 2017

Obra do engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista António Manuel de Paula Saraiva reúne as mais de 230 espécies existentes em Macau. O livro foi publicado em três línguas (português, chinês e inglês) e conta com desenhos das ilustradoras científicas portuguesas Mafalda Paiva e Catarina França.



Cinco Sentidos Praia Grande Edições, 2017

Quinto volume da colecção "Contos e Outros Escritos" do Festival Literário de Macau – Rota das Letras. A mais recente edição inclui textos de autores que participaram na edição anterior do festival, entre eles Ricardo Adolfo, Ernesto Dabó, Carol Rodrigues e Liu Xinwu, além dos textos vencedores da 5.ª edição do concurso de contos.



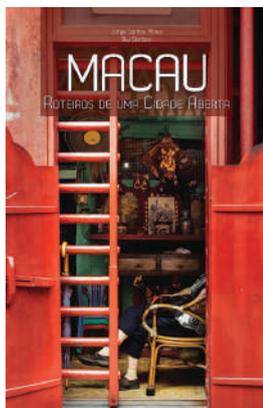
e cargas horárias mais elevadas, 7,2 por cento dos jovens entrevistados participam ou participaram em algum sindicato. Na China, onde se concilia menos o estudo com o trabalho, o índice de sindicalização é quase o dobro do brasileiro – 13,5%. Outros resultados desta pesquisa demonstram que, em ambos os países, um grande número de jovens quer prosseguir com os estudos após terminar a licenciatura – 63,4% por cento dos jovens brasileiros e 46,8 por cento dos chineses querem investir numa pós-graduação. O início de um novo curso é a expectativa de 10,2 por

cento dos brasileiros e de 6,5 por cento dos chineses. “A obtenção de diplomas e certificados de formação tradicional se insere na estratégia das famílias e dos próprios jovens para obter garantias de uma suposta maior e melhor empregabilidade, de realização profissional e mobilidade social ascendente.” Na China, essa estratégia familiar faz-se ainda mais relevante devido à política do filho único e dos futuros encargos com os pais na velhice.

De realçar ainda que a grande maioria dos jovens universitários brasileiros pretende construir uma carreira na sua área de formação. Entre os chineses, o número de jovens universitários que ambiciona seguir carreira fora da área de estudo e até mesmo aqueles que dizem não pretender trabalhar é superior. Quanto ao tempo dedicado aos estudos, o levantamento conclui que os chineses não só ficam mais tempo na sala de aula, como dedicam mais tempo de estudos fora dela. A percentagem da média semanal do tempo em sala de aula que ultrapassa 25 horas é de 49,3 por cento entre os chineses, em contraste com os 25,5 por cento dos brasileiros. No que diz respeito aos estudos fora da sala de aula, quase 40 por cento dos alunos

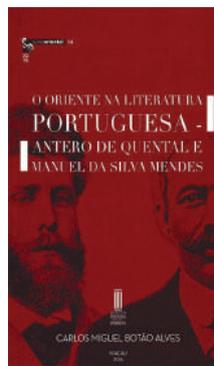
do país asiático estudam mais de 11 horas por semana e 13,9 por cento mais de 20 horas, em comparação com os brasileiros, que apresentam números inferiores – 27,7 por cento e 7,1 por cento, respectivamente. Fruto de um acordo de cooperação entre o Instituto de Pesquisa Económica Aplicada, a Sociedade Brasileira de Sociologia, o Centro de Pesquisa em Infância e Juventude da China e a Associação de Pesquisa em Infância e Juventude da China, o estudo foi realizado a partir de questionários junto a estudantes universitários de 12 instituições das regiões de São Paulo e Distrito Federal, no Brasil, e de Xangai e Pequim, na China. Os resultados do estudo estão organizados em 12 capítulos assinados por diferentes investigadores (11 brasileiros e 13 chineses). A obra completa está disponível gratuitamente para download em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160715_livro_jovens_universitarios.pdf

JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: UMA PESQUISA SINO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE PESQUISA ECONÓMICA APLICADA (BRASÍLIA) E ACADEMIA CHINESA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (PEQUIM), 2016



Macau: Roteiros de uma Cidade Aberta
Jorge Santos Alves e Rui Simões
Instituto Internacional de Macau, 2016

Guia para quem quer conhecer melhor Macau, da cultura aos sabores, do lazer e dos vícios aos negócios, da administração aos cultos. Os dois autores partilham seis roteiros, assim identificados: o dos poderes, dos negócios, dos prazeres, das confissões, dos saberes e das sociabilidades.

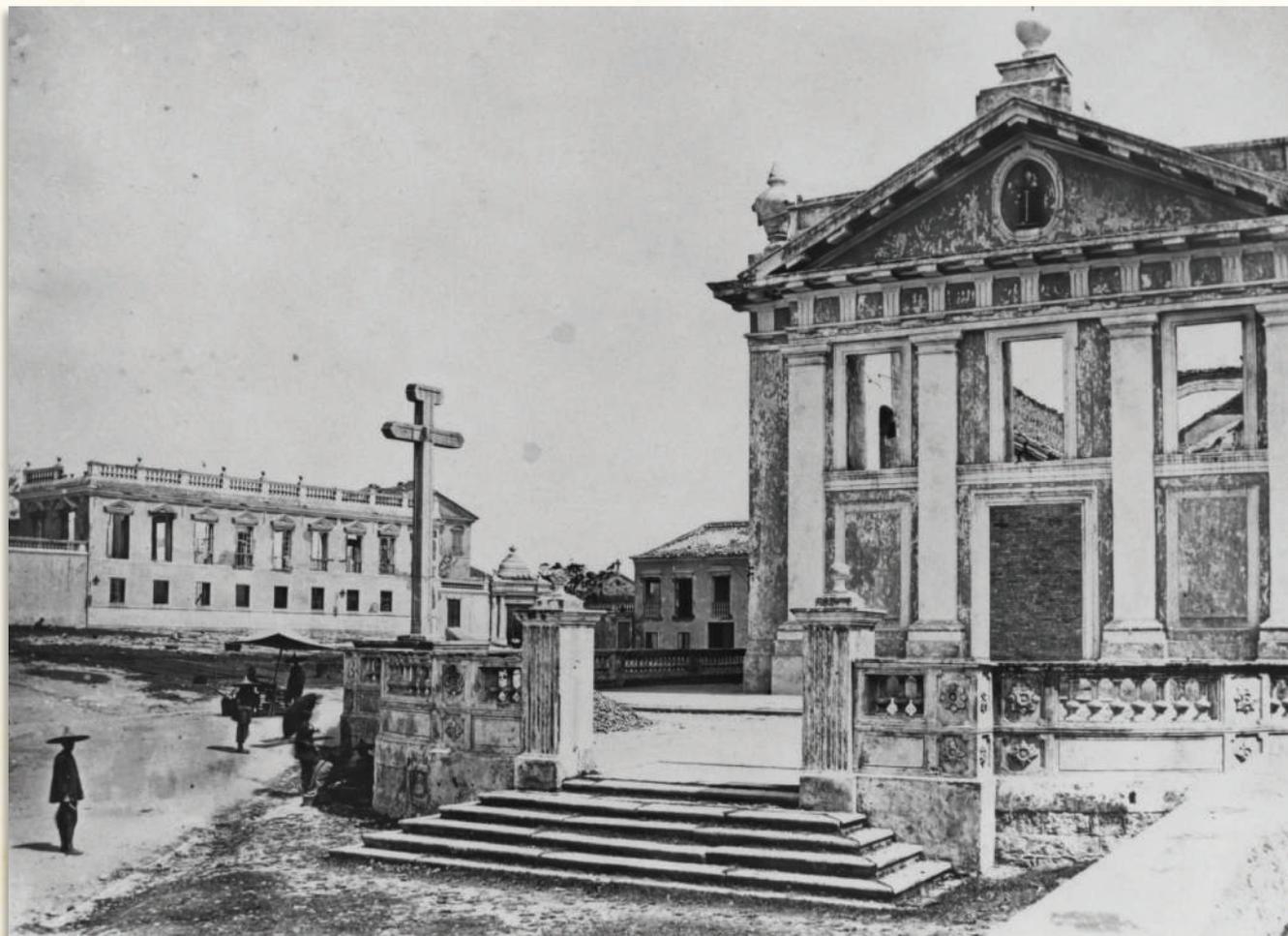


O Oriente na literatura portuguesa: Antero de Quental e Manuel da Silva Mendes

Carlos Miguel Botão Alves
Instituto Internacional de Macau, 2016

Obra que resulta de um trabalho de investigação do professor do Instituto Politécnico de Macau (IPM) na área do pensamento e da literatura, com especial foco no papel que Antero de Quental e Manuel da Silva Mendes

desempenharam no diálogo intercultural entre a Europa e o Oriente.



IGREJA DE SANTO ANTÓNIO 1874

F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

NO PASSADO, a Igreja de Santo António foi palco de vários casamentos da comunidade portuguesa, dando origem à designação chinesa de Fa Vong Tong (Igreja das Flores).

Erguida antes de 1560 em bambu e madeira, a igreja é uma das mais antigas de Macau e assinala o primeiro local onde os jesuítas se instalaram na cidade. Esta imagem, recolhida em 1874, revela o templo religioso após um tufão que passou por Macau e um incêndio que deflagrou no bairro de Santo António a 23 de Setembro desse ano. A Igreja de Santo António, que tinha sido reconstruída em pedra em 1638, foi

remodelada em 1810 e, novamente, em 1875, após a passagem do tufão, um dos mais violentos da história da cidade.

O aspecto actual da igreja, porém, é fruto de obras efectuadas mais tarde, em 1930. Localizada no largo com o mesmo nome, junto ao Jardim de Camões, a Igreja de Santo António faz hoje parte do conjunto de monumentos do “Centro Histórico de Macau”, que foi incluído pela UNESCO na Lista do Património da Humanidade. A igreja tem dois pisos e apresenta uma fachada neoclássica de desenho simples, encimada por um arrojado frontão clássico. O seu frontispício é assimétrico, apresentando de um dos lados uma torre sineira de três andares.



SENTIR **MACAU**
Ao Seu Estilo



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo



FELICITAMOS
A REVISTA MACAU
PELO SERVIÇO PRESTADO
À RAEM

